

8621  
ed 2

Lilian Rose Arruda

**O VÔO DAS NOTÍCIAS**  
O Jornal Nacional e as Eleições/94

Biblioteca MA - PUCSP



100004070



Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Ciências Sociais sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lúcia Helena Vitalli Rangel.

Comissão Julgadora

J. M. D. R.  
P. Almeida U. Lopes  
L. de A. S.

## ***RESUMO***

“O vôo das notícias” é um trabalho, apresentado como dissertação de mestrado no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. O trabalho tem como objeto de estudo o telejornal com maior audiência no Brasil, o “Jornal Nacional”; e tem como objetivo, através da observação sistemática e diária do telejornal, analisar como são veiculadas as notícias em um período determinado. Os antecedentes teóricos, que instigaram a elaboração do trabalho, e históricos, que nos reporta ao advento da radiodifusão e da produção informativa no Brasil, são revistos nos dois primeiros capítulos.

O terceiro capítulo se ocupa com a pesquisa do telejornal feita entre os dias 25 de junho e 5 de outubro de 1994. Certos fatos foram noticiados neste período: a Copa do Mundo de Futebol, a campanha eleitoral para as eleições gerais de 1994, a troca de moeda no país, que era uma das medidas do plano de estabilização da economia, o Plano Real. A observação na televisão foi feita analisando-se o tempo das notícias, conteúdo e imagem. Para a análise do tempo foram escolhidos 7 temas: notícias negativas sobre Luiz Inácio Lula da Silva, notícias positivas sobre Luiz Inácio Lula da Silva, notícias positivas sobre Fernando Henrique Cardoso, notícias negativas sobre Fernando Henrique Cardoso, notícias sobre as eleições, notícias sobre o Plano Real e notícias diversas. Para análise da imagem e do tempo foram escolhidos 4 temas: notícias sobre Luiz Inácio Lula da Silva, sobre Fernando Henrique Cardoso, sobre o Plano Real e notícias diversas.

## ***AGRADECIMENTOS***

Agradeço ao Prof. Dr. José Mário Ortiz Ramos que orientou parte deste trabalho e me incentivou a explorar um tema, até então, desconhecido para mim.

À Profª Drª Lúcia Helena Vitalli Rangel, pela coragem ao assumir a orientação de um trabalho já começado e pela constante dedicação com os orientandos.

Ao Walnei, não só pela importante contribuição sem a qual a parte visual do trabalho não existiria, mas também pelos anos de companheirismo.

Enfim, agradeço à Capes, que me concedeu bolsa durante o período da pesquisa.

## ÍNDICE

<b>Introdução</b>	7
<b>I - Mídia e política</b>	9
<b>II - Telejornalismo no Brasil</b>	28
Do radiojornal ao telejornal	28
A Globo e o Jornal Nacional	48
<b>III - O Jornal Nacional e as eleições de 1994</b>	72
O tempo das notícias	78
Conteúdo e imagem	83
<i>A copa</i>	83
<i>As denúncias sociais</i>	86
<i>O desperdício das verbas públicas</i>	87
<i>A violência urbana</i>	88
<i>As notícias internacionais</i>	91
<i>O movimento dos trabalhadores sem-terra</i>	93
<i>A campanha eleitoral de 1994</i>	94
As pesquisas	144
<b>Considerações finais</b>	151
<b>Bibliografia</b>	154
<b>Apêndice (imagens do Jornal Nacional)</b>	161

## ***INTRODUÇÃO***

O primeiro capítulo deste trabalho tenta retomar raízes teórico-históricas da preocupação com o poder da mídia e seu uso político. Esta retomada histórica faz-se necessária pois o contato com as obras dos autores citados trouxe uma interrogação central: dentro das notícias veiculadas pela mídia, qual a espessura da linha que separa a informação da propaganda?

O segundo capítulo recupera historicamente como se constituiu a produção informativa no Brasil desde o começo do século. Alguma ênfase aos períodos ditatoriais de Getúlio Vargas e dos militares por dois motivos: primeiro, os dois governos colocaram o aparato do Estado para vigiar a produção informativa, em várias ocasiões a informação se confundiu com a propaganda; segundo, no período Vargas o rádio se tornou um grande veículo de massa e, na ditadura, foi a vez da televisão efetivar-se também como um poderoso meio.

O objeto de pesquisa escolhido para esclarecer, pelo menos em parte a interrogação colocada, foi o telejornal mais assistido do país, o “Jornal Nacional”. O objetivo central deste trabalho é verificar como são veiculadas as notícias no período que coincide com a campanha oficial das eleições gerais de 1994, as edições assistidas foram do dia 25 de junho ao dia 5 de outubro de 1994. O “Jornal Nacional” foi analisado de duas formas: analisando-se o tempo das notícias, e analisando conteúdo e imagem. Para a análise do tempo foram escolhidos 6 temas: notícias sobre as eleições, notícias negativas sobre Luiz Inácio Lula da

Silva, notícias positivas sobre Luiz Inácio Lula da Silva, notícias negativas sobre Fernando Henrique Cardoso, notícias positivas sobre FHC, notícias sobre o Plano Real e notícias diversas. A análise do conteúdo e da imagem foi feita através de 4 temas: notícias referentes a Luiz Inácio Lula da Silva, notícias referentes a Fernando Henrique Cardoso, as notícias sobre o Plano Real e as notícias diversas. As notícias diversas foram divididas em outros temas: a Copa do Mundo de Futebol, as denúncias sociais, notícias que denunciavam o desperdício das verbas públicas, as notícias sobre violência urbana, as notícias internacionais, e as notícias que fizeram referência ao movimento dos trabalhadores sem-terra.

A pesquisa no vídeo foi completada com outra pesquisa feita na imprensa escrita, tendo como fonte 7 jornais e 1 revista publicados no eixo Rio-São Paulo. Essa pesquisa complementar teve o intuito de se comparar e verificar com maior profundidade os fatos noticiados. Para a pesquisa nos jornais foram escolhidos 3 temas: notícias referentes a Luiz Inácio Lula da Silva, notícias sobre Fernando Henrique Cardoso e notícias referentes ao Plano Real do período de 1<sup>o</sup> de janeiro a 5 de outubro de 1994.

# I

## ***MÍDIA E POLÍTICA***

A preocupação das ciências sociais a respeito das influências da mídia sobre o indivíduo e a sociedade e como ela pode ser usada como veículo de propaganda política oficial ou eleitoral não é de hoje. Os conceitos *mídia-ideologia-propaganda política* têm sido analisados de maneiras diversas no decorrer do nosso século, cabe aqui retomar algumas dessas análises, pois, foi o conhecimento delas que trouxe certas inquietações que basearam a elaboração deste trabalho. Devemos levar em conta que no âmbito das ciências sociais a discussão teórica sobre a mídia tem sido feita em torno dos efeitos sobre quem a consome e de como pode ser usada como instrumento ideológico.

As grandes inquietações surgiram no período das guerras mundiais e dos regimes regimes totalitários; as análises enfocaram a maneira como esses regimes passaram a usar os meios de comunicação de massa para passar uma ideologia e alterar o comportamento das pessoas, gerando assim uma teoria crítica sobre os meios de massa.

Esse processo tem seus antecedentes na Revolução Industrial. Com a efetivação do capitalismo através da industrialização, a Europa se deparou com a explosão numérica das massas. Um dos efeitos iniciais da Revolução Industrial<sup>1</sup> foi a urbanização descontrolada e a

---

<sup>1</sup> Hobsbawn, Eric J. *A Era das revoluções*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982, p. 43 a 69.

explosão demográfica, com sérias conseqüências sociais. Outras mudanças ocorridas foram na área das comunicações: as ferrovias, estradas e a frota mercante foram ampliadas consideravelmente, aumentado também o volume do comércio e a imigração por toda Europa.<sup>2</sup>

Na França, a Revolução Francesa<sup>3</sup> que pode ser considerada a primeira revolução social de massa, compotou realizações artísticas que tiveram efeito propagandístico para as idéias revolucionárias e burguesas. Ainda que o processo da revolução industrial francesa e seus efeitos tenha sido tardio e lento, os franceses conseguiram o pioneirismo em diversas áreas<sup>4</sup>, fazendo de Paris em meados do século XIX uma cidade moderna urbanisticamente. Com a crescente racionalização, a cultura herdada do Antigo Regime foi se enfraquecendo. A tradição oral também foi enfraquecida, com a democratização da escrita e a obrigatoriedade do ensino escolar. Edições baratas que fizeram a indústria editorial crescer e a massificação da imprensa são outros componentes vitais neste processo de modernização. O aperfeiçoamento técnico e o uso da publicidade, diminuindo o preço do jornal, foram fatores que propiciaram a massificação da imprensa.<sup>5</sup>

A massificação da imprensa e da informação juntamente com expansão econômica de países europeus como a França, a Inglaterra e a Alemanha no século passado, motivaram a criação das agências de notícias. Em 1859, já existiam agências como a Havas (França), a Reuter e a Wolff. A Reuter, originariamente alemã, expandiu-se pela Inglaterra. A expansão das agências, no século XX criou conflitos em função da disputa de mercados, sobretudo em

---

<sup>2</sup> Hobsbawn, Eric J. op. cit. p. 187 a 201.

<sup>3</sup> Hobsbawn, Eric J. op. cit. p. 71 a 94.

<sup>4</sup> Hobsbawn, Eric J. op. cit. p. 203 a 206.

<sup>5</sup> Ortiz, Renato *Cultura e modernidade: a França no século XIX*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1991, p. 13 a 59.



meados da década de 1940, em que as agências americanas como a AP (Associated Press) e a UPI( United Press) começam a ocupar espaço no mercado de informação.<sup>6</sup>

Mas o processo de modernização da sociedade e cultura burguesa não pára neste momento. O surgimento dos movimentos políticos de massa, entre eles o movimento socialista e sua produção intelectual, deram sua contribuição Para Marshall Berman<sup>7</sup>, o Manifesto do Partido Comunista tem em si percepções profundas da cultura modernista, reconhecendo Marx nesta obra o papel revolucionário da burguesia. Esta classe realizou tudo aquilo que até então só existia na imaginação dos homens, revolucionando as forças produtivas e a tecnologia. A burguesia contribuiu para que a capacidade e o esforço humanos fossem liberados para uma constante renovação, renovando-se também os meios de produção. Segundo o autor, sob à luz do Manifesto:

“...membros do proletariado revolucionário, estão dispostos a arrebatar o controle das modernas forças de produção das mãos da burguesia fãustico-frankensteimianas...Quer esse final chegue realmente a acontecer, quer não, o Manifesto é notável por seu poder imaginativo, sua captação e expressão das possibilidades luminosas e ameaçadoras que impregnam a vida moderna. Ao lado de tudo o mais que é, o Manifesto é a primeira grande obra modernista.”<sup>8</sup>

Era a modernização do capitalismo, o progresso industrial promovido pela burguesia, que reúne os trabalhadores de maneira cooperativa, agindo e pensando coletivamente, organizando-se nos sindicatos e na militância revolucionária.

---

<sup>6</sup>Matta, Fernando Reyes. “La evolución histórica de las agencias transnacionales de noticia hacia la dominación” in *La transformación en el nuevo orden internacional*. org. Instituto Latino Americano de Estudios Transnacionales, México, 1977, p. 53.

<sup>7</sup>Berman, Marshal. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo. Companhia das Letras, 1986, p. 86 a 125.

<sup>8</sup>Berman, Marshal, op. cit., p. 100, 101.

O movimento socialista, podendo ser caracterizado como um movimento social de massas, cria uma propaganda massiva através de discursos, jornais e panfletos. Jean-Marie Domenach<sup>9</sup>, ao se interessar pela propaganda bolchevique afirmou que a propaganda política moderna foi inaugurada pelo bolchevismo e sobretudo por Lênin e Trotski. Através da propaganda leninista, o marxismo foi uma filosofia que se propagou rapidamente pelas massas.

No período pós Primeira Guerra Mundial, nos 20 e 30, a propaganda política e bélica na Europa recebeu atenção de estudiosos que acreditavam que nenhum governo podia esperar a vitória se não houvesse por trás de si uma nação unida, como não teria poder algum se não controlasse a mente de sua gente.<sup>10</sup> Brown, um desses estudiosos, argumentava que a propaganda desenvolvida na Primeira Guerra Mundial tinha uma idéia básica: a formação de atitudes e sentimentos fortes em um determinado grupo juntamente com atitudes contrárias e sentimento de ódio ao grupo inimigo. Toda propaganda era difundida através de panfletos, boletins, jornais, cartazes e discursos, os grandes veículos de massa eram ainda pouco desenvolvidos.<sup>11</sup>

Mauro Wolf ressalta que as pesquisas sobre a mídia partiram de uma “forte atenção aos meios de comunicação de massa como instrumentos de persuasão e propaganda, capazes de darem formas aos comportamentos, atitudes e valores, através de uma relação direta com o público.”<sup>12</sup> Foi no período entre guerras, continua Wolf, que o “mito da onipotência dos meios de massa” manifesta-se originariamente nos Estados Unidos.<sup>13</sup> As

---

<sup>9</sup> Domenach, Jean-Marie. *A propaganda política*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1963, p. 33.

<sup>10</sup> Lasswell, H. *Propaganda techniques in the World War* New York, Peter Smith, p10 citado por Wolf, Mauro. *Gli effetti sociali dei media*. Bologna, Bompiani, 1992, p. 7.

<sup>11</sup> Brown, J.A.C. *Técnicas de persuasão: da propaganda política à lavagem cerebral*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1965, p. 80

<sup>12</sup> Wolf, Mauro. op. cit. p. 8.

<sup>13</sup> Wolf, Mauro. op. cit. p. 13.

pesquisas, na metade dos anos 30, não se voltaram só para os meios; tiveram uma orientação empírica e quantitativa de análise de opinião pública.<sup>14</sup>

No final dos anos 30 Lazarsfeld funda o *Bureau of Applied Social Research* na Universidade de Colúmbia, desenvolvendo projetos durante os anos 30 e durante a Segunda Guerra Mundial, formando uma série de pesquisadores dos meios de comunicação.<sup>15</sup>

Se a propaganda da Revolução Russa e da Primeira Guerra Mundial, bem como os seus efeitos chamaram a atenção de alguns teóricos, a propaganda divulgada pelos regimes nazi-fascistas multiplicou esta atenção. Com a ascensão do nazi-fascismo um meio de divulgação da propaganda de suma importância entrou em evidência: o rádio. A propaganda nazista através do rádio, fez com que vários pesquisadores se preocupassem com a força que o uso dos meios poderia ter sobre as pessoas. Mauro Wolf lembra que Goebbels sustentava que apenas o rádio tinha condições de realizar plenamente o efeito do impacto da palavra, revelando-se o instrumento mais potente para guiar as pessoas. Mas Goebbels admitia que a força de manipulação não era incondicional e dependia de vários fatores.<sup>16</sup>

A propaganda nazista foi objeto de estudo de vários autores que tentaram entender como Hitler e Goebbels conseguiram atrair grandes multidões durante tanto tempo. Tchakhotine<sup>17</sup> fez um dos primeiros estudos sobre a propaganda nazista analisando o período histórico e o livro de Hitler *Mein Kampf*. A propaganda nazista tinha como base o nacional-socialismo e o anti-semitismo. O alvo dessa propaganda era a população não organizada em partidos políticos, que se deixava levar facilmente pela sugestão propagandística.

---

<sup>14</sup> Wolf, Mauro. *op. cit.* p. 21.

<sup>15</sup> Wolf, Mauro. *op. cit.* p. 21 e 22.

<sup>16</sup> Wolf, Mauro. *op. cit.* p. 33.

<sup>17</sup> Tchakhotine, Serge. *Le viol de foule par la propagande politique*. Paris, Gallimard, 1952, p. 339-374.

Domenach também fez estudos sobre a propaganda nazista, reconhecendo a transformação que Hitler e Goebbels fizeram das técnicas propagandísticas, mesmo que não as tenha inventado<sup>18</sup>. A inexistência de um intermediário entre o Estado e as massas fazia que a propaganda fosse aceita sem resistências. Apesar de descontínua, a propaganda nazista não foi prejudicada, mobilizando o povo alemão e atingindo outros países.

Brown também não poderia deixar de citar a propaganda nazista em seus estudos, com a opinião de que “comunismo e fascismo ou nazismo, embora pólos opostos em seu conteúdo intelectual, são similares no fato de ambos possuírem um apelo emocional para o tipo de personalidade que sente prazer em se ver mergulhado num movimento de massa e em se submeter a uma autoridade superior”<sup>19</sup>

O movimento totalitário, composto pelo nazismo e pelo estalinismo, e sua propaganda, foi também objeto de estudo de Hannah Arendt<sup>20</sup>. Nestas sociedades, a violência deu realidade à doutrina ideológica difundida pela propaganda que tem como alvo um público não totalitário, interno ou externo do país de origem. A ficção mais eficaz da propaganda nazista foi a invenção de uma conspiração mundial judaica; o nazismo acrescentou ao anti-semitismo um único elemento novo, ou seja, a não proibição dos membros da comunidade judaica de filiar-se ao partido.

Theodor W. Adorno também é importante para esta reflexão, sobretudo sua teoria da ideologia e dos meios de comunicação de massa, ou indústria cultural como ele próprio chamava. Gabriel Cohn escreve sobre a teoria da ideologia de Adorno:

“É, antes de mais nada, um processo complexo, articulado em muitos níveis, dos quais as idéias e as representações são as formas mais acabadas e,

<sup>18</sup> Domenach, Jean-Marie. op. cit. p. 38.

<sup>19</sup> Brown, J.A.C. op. cit. p.101.

<sup>20</sup> Arendt, Hannah. *O sistema totalitário*. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1978, p. 433-459.

portanto, mais diretamente acessíveis à experiência cotidiana"... "A eficácia da ideologia reside na sua capacidade para vedar o acesso aos resultados da atividade social como produtos mediante o bloqueio da reflexão sobre o modo como foram produzidos. Na linguagem de Adorno a ideologia apresenta os dados da experiência social como *imediatos*, como dados sem mais, quando na realidade são *mediados* por um processo que os produziu".<sup>21</sup>

Ainda na interpretação de Cohn sobre a ideologia em Adorno, o dado ideológico é o dado da experiência social que não se identifica como particular, diluindo-se no geral. A ideologia não é um instrumento pertencente a classes ou indivíduos, ou usado para esconder algo, mas sim um instrumento de falsa experiência social. O elo entre o dado ideológico singular e as características gerais da totalidade social é imediato. Esse imediatismo é garantido na sociedade capitalista pela primazia do princípio da equivalência entre valores de troca das mercadorias. A ideologia é o processo que assegura a primazia "do geral abstrato e formal sobre o particular concreto e substantivo, da identidade sobre a diferença". Fazer críticas à ideologia significa tomar partido da diferença e da particularidade contra a superioridade da identidade e da generalidade.<sup>22</sup> E segundo a interpretação de Cohn:

"A universalização do primado do valor de troca sobre o valor de uso, da equivalência sobre a diferença qualitativa, imprime à sociedade como um todo a lógica da ideologia. A sociedade passa ser ela própria ideologia. Por isso, uma teoria crítica da sociedade necessariamente é crítica imanente da ideologia".<sup>23</sup>

Neste sentido, o produto da indústria cultural tem uma relação imediata com suas condições de produção e exigências de circulação. A lógica da "cultura de massas" não é a

<sup>21</sup> Cohn, Gabriel (org.). *Theodor W. Adorno*. São Paulo, Editora Ática, 1986, p. 11.

<sup>22</sup> Cohn, Gabriel. op. cit. p. 11 e 12.

<sup>23</sup> Cohn, Gabriel. op. cit. p. 13.

da “cultura” nem das “massas” pois os dois termos são produzidos sob a lógica da produção e da circulação de mercadorias.<sup>24</sup>

Adorno e Horkheimer, fizeram sérias críticas a indústria cultural, destinada a milhões, reproduz em massa e de maneira estandardizada sua mercadoria que é consumida em inúmeros locais. A diversificação existente entre os produtos da indústria cultural servem apenas para classificar e organizar os consumidores no intuito de padronizá-los. Oferecer ao público produtos diferenciados tem por objetivo a quantificação completa. “Reduzidos material estatístico, os consumidores são divididos, no mapa geográfico dos escritórios técnicos (que não se diferencia, praticamente mais dos de propaganda), em grupos de renda, em campos vermelhos, verdes, azuis”<sup>25</sup>.

Para os autores, o produto da indústria cultural passou a ser um prolongamento da vida de quem o consome. A imaginação e a espontaneidade do consumidor cultural é atrofiada, os produtos da indústria cultural paralisam essas faculdades, ao apreender uma mercadoria cultural exige-se rapidez de percepção e capacidade de observação que acabam bloqueando a atividade mental.<sup>26</sup>

Sendo a indústria cultural a indústria do divertimento e este o prolongamento do trabalho sob o capitalismo, sua procura vem daqueles que desejam diminuir os efeitos do trabalho mecanizado para terem condições de retomá-lo. Embora a mecanização tenha atingido também a fabricação dos produtos de divertimento, homem foge do processo de trabalho adequando-se a ele no ócio, o que significa que para continuar sendo prazer não deve exigir algum esforço.<sup>27</sup>

---

<sup>24</sup> Cohn, Gabriel, op. cit., p. 21.

<sup>25</sup> Adorno, Theodor W. e Horkheimer, Max. “A indústria cultural” in Cohn, Gabriel (org). *Comunicação e indústria cultural*. São Paulo, Cia Editora Nacional/ Editora da Universidade de São Paulo, 1971, p. 162

<sup>26</sup> Adorno, Theodor W. e Horkheimer, Max. op. cit., p. 165.

<sup>27</sup> Adorno, Theodor W. e Horkheimer, Max. op. cit., p.174-175.

A indústria cultural cada vez mais sólida age de maneira ostensiva sobre as necessidades dos consumidores, “produzi-las, guiá-las e discipliná-las, retirar-lhes até o divertimento”<sup>28</sup>. A necessidade do divertimento foi produzida pela indústria. O divertimento só é possível quando “se isola e se afasta a totalidade do processo social”, renuncia-se refletir o todo. “Divertir-se significa que não devemos pensar, que devemos esquecer a dor, mesmo onde ela se mostra(...) É, de fato, a fuga, mas não, como pretende, fuga da realidade perversa, mas sim do último grão de resistência que a realidade ainda pode haver deixado”.<sup>29</sup>

A indústria cultural produz uma mercadoria que é paradoxal, pois mesmo estando sujeita de forma profunda à lei de trocas não é trocável, “resolveu-se tão cegamente no uso que não é mais possível utilizá-la”.<sup>30</sup> A cultura, enquanto mercadoria, mistura-se com a propaganda. A propaganda, cada vez mais onipotente, cumpre a função de manter viva a indústria cultural pois seus consumidores já estão apáticos e saciados. A propaganda, na era de capitalismo monopolista, só reforça o vínculo do consumidor às grandes empresas. Para Adorno e Horkheimer, “técnica economicamente, propaganda e indústria cultural mostram-se fundidas.

Os efeitos da Segunda Guerra Mundial e dos regimes nazifascistas e a iminência da sociedade de massas fez com que autores como Tchakotine, Domenach, Brown e Arendt vissem de maneira crítica propaganda desses regimes e, no caso de Adorno, viu da mesma forma a indústria cultural e a propaganda veiculada por ela. Finda a guerra, em 1947, Lasswell propôs a formação de um paradigma que deveria permitir organizar de maneira racional, cumulativa e sistemática todo o universo de pesquisa em comunicação. Na prática,

---

<sup>28</sup> Adorno, Theodor W. e Horkheimer, Max. op. cit. p.181.

<sup>29</sup> Adorno, Theodor W. e Horkheimer, Max. op. cit. p. 182.

<sup>30</sup> Adorno, Theodor W. e Horkheimer, Max. op. cit. p.198.

a organização de Laswell ficou sobre dois domínios, o domínio da análise de conteúdo das mensagens veiculadas sobre a mídia e o estudo sobre os seus efeitos sobre o público, a maioria dos pesquisadores preocupou-se com o segundo item.<sup>31</sup>

Na década de 1950, as técnicas de propaganda passaram a ser usadas durante eleições nos países democráticos de forma cada vez mais sofisticadas, sobretudo nos Estados Unidos, em que as campanhas presidenciais são verdadeiros *show business*. Neste contexto, um novo veículo de divulgação entra em evidência: a televisão. As técnicas desenvolvidas nos EUA, com o auxílio de especialistas publicitários e dos institutos de pesquisa, tentam realçar os traços emocionais da personalidade dos eleitores, tendo como objetivo tornar o consumista em geral um consumista também de política<sup>32</sup>.

Entre os pesquisadores de mídia dos anos 50 a postura crítica foi enfraquecida, sobretudo nos Estados Unidos pós-segunda guerra, onde o clima é de otimismo em face de uma nova potência que está se erigindo. Esta nova linha acadêmica propunha que os meios de comunicação de massa tem apenas uma influência muito limitada. Uma série de pesquisas empíricas feitas através de técnicas de estudo social demonstravam que as pessoas tendiam a se exporem, compreender e lembrar seletivamente comunicações. Tais autores entendiam que em função da audiência seletiva, demonstrada nas enquetes empíricas, as pessoas manipulam a mídia e não a mídia manipula as pessoas.<sup>33</sup> Sobre tal visão Curran, Gurevitch e Woollacott escreveram:

“A visão de sociedade composta de indivíduos isolados e atômicos dá lugar  
a uma visão de sociedade como um favo de pequenos grupos ligados por rios

---

<sup>31</sup> Rodrigues, Adriano Duarte. *Comunicação e cultura: a experiência cultural na era da informação*. Lisboa, Editorial Presença, 1994, p 42.

<sup>32</sup> Packard, Vance. *Nova técnica de convencer*. São Paulo, IBRASA, 1965, p. 169 a 187.

<sup>33</sup> Current, James, Gurevitch, Michael, Woollacott, Janet. “The study of the media: theoretical approaches”, in Gurevitch, M and Curran, J. *Culture Society and the Media*. London and N. York, Methen, 1982, p. 12.

laços pessoais e dependências. Concluindo, estáveis grupos de pressão protegem o indivíduo da influência da mídia.”<sup>34</sup>

Pesquisadores como Katz, Lazarsfeld e Klapper reagiram fortemente contra o ponto de vista da onipotência da mídia, porém qualificaram cuidadosamente o que, diziam eles, são os casos nos quais a mídia deve ser ou tem sido persuasiva. Lazarsfeld foi um pesquisador que fez estudos sobre o papel que a mídia desempenha nas campanhas eleitorais ficando clássica sua pesquisa, feita juntamente com Berelson e Gaudet, acerca das eleições presidenciais americanas de 1942 que elegeram Roosevelt.<sup>35</sup>

O ponto de vista exposto acima, de pesquisadores que atenuam o poder da mídia, foi duramente criticado pelos teóricos marxistas nos anos 70. Mimi White<sup>36</sup> analisa que, dentro da tradição marxista clássica, a televisão é para a classe trabalhadora um entretenimento inofensivo que prazerosamente relaxa o trabalhador depois de um duro dia de trabalho. Segundo os marxistas clássicos, a televisão acalma o trabalhador para que ele tenha uma reação passiva e, de fato, passa valores burgueses.

Ainda na visão de Mimi White, teoria marxista teve várias críticas pois ignora o fato de que muita pessoas assistem e apreciam televisão muitas horas por dia. Far-se-ia necessário, segundo White, para a teoria marxista clássica prover-se de uma teoria da subjetividade social adequada para explicar como os indivíduos assumem uma posição na sociedade, retomando, pois, a teoria de Louis Althusser para os estudos dos meios de comunicação e da televisão.

---

<sup>34</sup> Current, James; Gurevitch, Michael; Woollacott, Janet. op. cit, p. 12.

<sup>35</sup> Rodrigues, Adriano Duarte. p. 42.

<sup>36</sup> White, Mimi. "Ideological Analysis and Television" in Allen, Robert (org.). *Channels of Discourse*. p.138 a 142.

Louis Althusser desenvolveu uma reformulação do conceito de ideologia através da revisão do modelo de base/superestrutura. O autor reconhece a importância do modo de produção determinando a natureza da sociedade, porém, a sociedade é composta de uma série de interações sociais e atividades intelectuais e práticas, que incluem a política e a economia, e compõem a formação social. A análise ideológica aponta para um entendimento de maneira que significados são produzidos por e para os indivíduos dentro de uma formação social. As práticas econômicas, políticas e ideológicas são distintas, mas, coexistem em áreas da atividade humana. Elas exercem influências e pressões mútuas uma sobre a outra, mas também operam com relativa autonomia. Cada esfera da prática social tem sua estrutura, dinâmica e história próprias e deve ser entendida em seus próprios termos. A concepção althusseriana define ideologia em termos de ambos sistemas de representação e de relações em seu mundo material, neste sentido tem sido usada nos estudos da cultura, do cinema e dos meios. A autonomia relativa da prática ideológica neste aponta para a relevância do estudo de modos de representação reconhecendo-os como socialmente determinados, mas não simplesmente ou diretamente reflexos dos interesses da classe dominante.

Althusser elaborou duas teses acerca da ideologia: uma tese negativa e outra positiva. A primeira tese considera a ideologia uma representação da relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência. Esta tese é uma ruptura definitiva com a concepção de “falsa consciência” dada à ideologia. Para Althusser a ideologia não é uma representação da realidade, mas uma representação de uma relação (individual) com a realidade. A segunda tese aborda que a ideologia tem uma existência material. A ideologia tem existência material porque existe em um aparelho ideológico e nas práticas deste

aparelho. O comportamento prático dos indivíduos representados na ideologia, tem a participação destes mesmos indivíduos nos aparelhos ideológicos concretos.

A ideologia só existe pelo e para os sujeitos. A função da ideologia é transformar os indivíduos concretos em sujeitos. O funcionamento concreto da ideologia, através dos rituais materiais, faz com que o indivíduo se reconheça a si próprio como sujeito. Toda ideologia faz a interpelação dos indivíduos concretos como sujeitos concretos. Não existe diferença entre a existência dos indivíduos e a existência da interpelação, são a mesma e única coisa. A ideologia interpela e sempre já interpelou os indivíduos como sujeitos: os indivíduos são sempre já sujeitos.

Já na década de 80, Armand Mattelart escrevia sobre a internacionalização da indústria da cultura, lembrava que os produtos americanos circulam todo o mundo, mas têm recepções distintas e, portanto, o fenômeno da cultura industrializado não pode ser tratado como foi pela Escola de Frankfurt. Na sociedade atual, a informação é um fator básico que determina as novas estruturas sociais, tanto a nível político como a nível econômico. A indústria da informação nos EUA recebe a dedicação de 50% da população ativa que trabalha com publicidade até processamento de dados. Para Mattelart, a produção informativa deve locomover o capitalismo avançado e vai ditar as regras de seu crescimento e desenvolvimento.<sup>37</sup>

Na atual década (de 90), fala-se na globalização da sociedade. Na sociedade globalizada não deixa de existir os países centrais e periféricos, os pobres e os ricos; todavia, entre estas nações e continentes são evidenciados antagonismos. A globalização avança como um processo civilizatório da sociedade capitalista e este processo civilizatório,

---

<sup>37</sup> Mattelart, Armand. "Comunicación y nueva hegemonia". org, CEDEE (Centro Dominicano de Estudios de la Educación) e CELADEC (Comisión Evangélica Latinoamericana de Educación Cristiana), Lima-Perú, 1981, p. 30-35.

contraditório e desigual, já dura alguns séculos: desde a expansão marítima dos séculos XIV e XV, acentuando-se consideravelmente no século XX por todo globo terrestre.

O capitalismo, que inicialmente organizava-se em moldes nacionais, ultrapassa a fronteira da nação através do colonialismo e do imperialismo. Por fim o capitalismo atinge seu caráter global, decaindo-se o estado-nação e ascendendo-se empresas e conglomerados que se tornam centros decisórios espalhados pelo mundo num processo de maior concentração e centralização do capital. Ou seja, o capital espalha-se pelo mundo, atingindo os lugares mais recônditos. Não podemos, entretanto, menosprezar os localismos face ao poderio do capital. Nas palavras de Octavio Ianni:

“As sociedades contemporâneas, a despeito das suas diversidades e tensões internas e externas, estão articuladas numa sociedade. Uma sociedade global no sentido de que compreende relações, processos e estruturas sociais, econômicas, políticas e culturais, ainda que operando de modo desigual e contraditório. Nesse contexto, as formas regionais e nacionais evidentemente continuam a subsistir e atuar. Os nacionalismos e regionalismos sociais, econômicos, políticos, culturais, étnicos, lingüísticos, religiosos e outros podem até ressurgir, recrudescer. Mas o que começa a predominar, apresentar-se como uma determinação básica, constitutiva, é a sociedade global, a totalidade na qual pouco a pouco tudo o mais começa a parecer parte, segmento, elo, momento. São singularidades, ou particularidades, cuja fisionomia possui ao menos um traço fundamental conferido pelo todo, pelos movimentos da sociedade civil e global.”<sup>38</sup>

Mesmo considerando-se os localismos, devemos ter em mente que a expansão capitalista é tão forte que os projetos de desenvolvimento nacional soberano não se

<sup>38</sup> Ianni, Octavio. *A sociedade global*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1992, p.39.



efetivam. A sociedade global se realiza não só economicamente, mas também política, social e culturalmente. Algumas produções materiais e espirituais antes locais ou regionais alçam a um plano mundial, internacional. Este tipo de cultura colabora “na construção e reconstrução de da hegemonia dos grupos ou classes sociais que se articulam em escala global. Entra na construção e reconstrução da subalternidade de indivíduos, grupos, classes, etnias e até mesmo inteiras sociedades nacionais.”<sup>39</sup>

Inserido neste processo de globalização está a expansão dos meios de comunicação como um fator importante. Espectadores e telespectadores do mundo todo recebem, via satélite e tendo a opção de escolha entre múltiplos canais, inúmeras e atuais informações. Esta nova realidade não poderia passar despercebida aos pesquisadores da mídia.

Maria Celeste Mira atenta para a evidência que a lógica da acumulação de capital é igual tanto na indústria cultural quanto em outras indústrias. Em época de globalização, a produção cultural tem uma dimensão global, porém mais flexível. A produção cultural tornou-se mais especializada, voltada para seguimentos específicos, portanto, menos padronizada. Citando Annabelle Sreberny-Mohammad, Mira lembra que a globalização das empresas de mídia propiciou a constituição de grandes conglomerados que atuam em todo globo e nas diversas áreas da indústria cultural. A maioria desses conglomerados não faz parte do terceiro mundo, nem todos são americanos, porém, continuam a produzir uma cultura “baseada no estilo americano de vida”. Mesmo com o grande peso das indústrias culturais do chamado primeiro mundo, nota-se também “o crescimento das indústrias

---

<sup>39</sup> Ianni, Octavio. op. cit. p. 51.

culturais nacionais, a relação do espectador com o produto local e, finalmente, a nova estratégia de atuação das próprias indústria culturais globais”.<sup>40</sup>

A autora ressalta a constituição dos sistemas nacionais de televisão em países de indústria cultural mais forte, essa indústria cultural nacional teve condições de produzir programas de boa recepção interna e com possibilidades de exportação. No Brasil, a Globo foi rede que teve condições de atender a demanda interna e externa de produtos culturais. Através da demonstração de Joseph Straubhaar, a autora enfatiza que o receptor prefere consumir o produto que lhe é culturalmente mais próximo, esta situação deu-se no Brasil em que “a grande penetração conquistada pela produção nacional fez declinar a importância da participação americana na composição da programação e da audiência da televisão brasileira.”<sup>41</sup> A globalização da mídia e a capacidade de se criar uma cultura mundial é um fato, porém, a formação de uma cultura mundial homogeneizada encontra barreiras econômicas e culturais nos países receptores. Os produtos da mídia cultural que são importados sofrem uma reelaboração, uma reinterpretação local.

Para Adriano Duarte Rodrigues, mesmo sendo a esfera da informação cada vez mais ampliada sua percepção vai se tornando cada vez mais individual e intimista sem qualquer função comunicacional. Recebemos a informação num contexto íntimo, no próprio espaço doméstico. As informações passam rapidamente para o esquecimento e estas informações são de natureza imprevisível. As redes de informação estão rompendo as barreiras geográficas, mas encontram as barreiras culturais cada vez mais fortes. Diz Rodrigues:

---

<sup>40</sup> Mira, Maria Celeste. “O global e o local: mídia, identidade e usos da cultura”. in *Revista Margem/ Faculdade de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*, n 3, dezembro/94, São Paulo, EDUC.

<sup>41</sup> Mira, Maria Celeste. op. cit., p. 137.

“Complexos e sofisticados dispositivos de informação, como o telefone, o cinema, os jornais, a rádio, a televisão, os satélites de telecomunicações, o telefax, o correio eletrônico, os discos compactos, o computador, as redes e os sistemas integrados de serviços telemáticos, fazem parte do nosso dia a dia; definem novos horizontes da nossa experiência, alargando a esfera de percepção e de intervenção no mundo, elaborando a nossa própria representação da realidade. É por isso que dificilmente poderíamos hoje imaginar a nossa vida sem estes dispositivos mediáticos que passaram a fazer parte integrante dos nossos próprios órgãos de percepção.”<sup>42</sup>

Sob este aspecto a pesquisa sobre a mídia não diminuiu o interesse sobre os pesquisadores, trazendo novos estímulos. Como trabalhar com os conceitos *mídia-ideologia-propaganda política* em face da globalização?

Mauro Wolf enfatiza que a influência que os meios podem exercer sobre as pessoas voltou a ter a atenção de certos pesquisadores. Um dos motivos dessa atenção, na visão destes pesquisadores, é a progressiva dependência que as instituições políticas e o agir político estão tendo da televisão. Ainda segundo Mauro Wolf, “um dos temas mais debatidos em termos de poder da televisão dos Estados Unidos e quase sempre no debate público vem enfatizada a integração progressiva entre a espetacularização “imposta” da mídia e a percepção que os eleitores tem da política”. Seguindo esta tendência teórica, os partidos deixam de ser os canais mais importantes de participação política e que os meios podem adquirir o poder de individualizar, tematizar e definir a opinião pública.<sup>43</sup>

Adriano Duarte Rodrigues também voltou sua atenção sobre a relação entre o “campo político e a informação”. Diz Rodrigues que em nome da liberdade de expressão e

<sup>42</sup> Rodrigues, Adriano Duarte. op. cit. p. 24.

<sup>43</sup> Wolf, Mauro op. cit. p. 53.

da democracia efetua-se atualmente em quase todos países democráticos “formas de tirania e limitações ao direito de acesso à informação”<sup>44</sup> Rodrigues ressalta que os órgãos de informação distanciaram-se cada vez mais de sua função de informar, tornando-se um “campo social de encenação pública de imagens” emprestadas aos homens que desempenham função política usando-se de suas estratégias de sedução e diversão. O campo político usa, por sua vez, a lógica publicitária e de *marketing*. O autor lembra que, contrariando a idéia de que nas sociedades democráticas de hoje o poder político tende a transparência, a lógica do poder é a lógica do segredo, diferentemente da lógica da informação. Sob a lógica da transparência, a informação consegue contribuir para o deslocamento de muitos segredos, banalizando-os. Mas, na sociedade em que “o campo dos media” penetra pelo conjunto do tecido social, o poder tenta deslocar interminavelmente as zonas de segredo, e o que se desloca para a zona de segredo é o acesso não mediatizado ao real, onde o sujeito pode emergir como fonte de poder efetivo.

Nas sociedade modernas, continua Rodrigues, são duas as modalidades de relacionamento do campo político com a informação: modalidade disciplinar e a modalidade dos simulacros. Ambas modalidades são mediadas por dispositivos tecnológicos: a primeira pelo dispositivo maquínico industrial, a segunda por um dispositivo eletrônico cibernético. Se por um lado, a informação desempenha no mundo moderno um papel de organização da sociedade em torno do campo político, por outro lado este papel está associado a independência que a informação tem alcançado em relação ao poder político, obrigando-o necessitar mais dos procedimentos sedutores do que os procedimentos repressivos.

---

<sup>44</sup> Rodrigues, Adriano Duarte. *Estratégias da comunicação*. Lisboa, Editorial Presença, 1990, p. 161.

A relação do campo político com a informação no Brasil tem historicamente suas especificidades, em função da forte interferência do Estado na produção informativa. Se mesmo em países democráticos, como ressalta Rodrigues, os órgãos de informação distanciaram-se da função de informar, no Brasil esta distância pode ser maior. Retomar historicamente como se deu o advento da radiodifusão e da produção informativa em rádio e televisão no Brasil, deve nos ajudar a compreender melhor esse processo.

## *II*

### ***TELEJORNALISMO NO BRASIL***

- **Do radiojornal ao telejornal.**

No Brasil o processo de radiodifusão tem passagem obrigatória pelo Estado, diferentemente dos países europeus e americano, cujo processo é perpassado pela doutrina liberal. Nos países latino-americanos, que viveram sob a égide de regimes ditatoriais, a produção informativa foi marcada pela presença do Estado.<sup>45</sup> Neste sentido é que a ideologia liberal de informação é substituída pelo aparato propagandístico.<sup>46</sup>

A radiodifusão foi feita no Brasil a partir de políticas estatais : desde o século passado, o sistema telegráfico e telefônico ficavam sob o domínio do Estado, devendo este fazer as concessões das linhas.<sup>47</sup> A constituição da nascente república já previa que as linhas telegráficas e telefônicas eram pertencentes à União.

O radio fazia parte desse modelo de radiodifusão e passou a fazer parte da vida brasileira a partir da década de 1920 ,junto com o rádio nasceu um incipiente modelo

---

<sup>45</sup> Mattelart, Armand. op. cit. 1981, p. 53.

<sup>46</sup> Mattelart, Armand. op. cit. 1981, p. 65.

<sup>47</sup> Bonavita, M. Elvira Federico. *História da Comunicação: Rádio e TV no Brasil*. Petrópolis, Vozes, 1982, p.25.

informativo para este meio. Desde a Rádio Sociedade, fundada por Roquette Pinto, já existiam os jornais falados apresentados pelo próprio fundador da rádio. Com pouca experiência jornalística ou de imprensa, a programação informativa era marcada pelo improvisado.

O processo de modernização no Brasil começou bem por volta de 1930. A industrialização teve colaboração estatal e fez com que a sociedade brasileira sofresse profundas transformações, sem transformar, contudo, a estrutura social de exclusão imposta às classes populares.<sup>48</sup> Como na Europa, houve no Brasil um processo de mudanças culturais em virtude da instalação do rádio e da mercantilização da cultura. A consolidação do rádio como veículo de massa dá-se a partir do momento em que é permitido o uso da publicidade, aprofundando o seu caráter comercial, no qual os programas irradiados eram associados aos nomes dos produtos dos anunciantes.<sup>49</sup> O uso do rádio e a crescente industrialização só poderia desenvolver a propaganda publicitária rapidamente.<sup>50</sup> Na década seguinte(1940), houve uma tentativa de tornar o amadorismo da propaganda publicitária em um trabalho racional, pesquisado empiricamente. Os mesmos passos seguia a propaganda oficial que desenvolveu-se no Brasil contemporaneamente à propaganda publicitária, durante o governo Vargas, sobretudo após a instalação do Estado Novo em 1937. O Estado Novo efetivou-se no mesmo período dos governos nazi-fascistas europeus, desenvolveu técnicas de propaganda semelhantes, porém com suas especificidades e tendo o rádio como um grande veículo.

---

<sup>48</sup> Ortiz, Renato. "Advento da Modernidade?" *Lua Nova*, nº20, Maio/90.

<sup>49</sup> Ver Ortiz, Renato. *A Moderna Tradição Brasileira*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1991, p. 40.

<sup>50</sup> Ver Ramos, Ricardo. *Do Reclame à comunicação: pequena história da propaganda no Brasil*. São Paulo, Atual Editora, 1987, p. 41 a 45.

O Estado Novo, segundo Thomas Skidmore, foi um modelo atenuado do Estado fascista. Na concepção do mesmo autor, o regime de Vargas não era baseado em movimento político nenhum, não dependia de apoio popular, não tinha base ideológica clara e era criação pessoal do próprio Vargas, que avançou muito na tentativa de se criar no Brasil um governo nacional.<sup>51</sup>

Na introdução ao estudo acerca da ideologia do Estado Novo, Lúcia Lippi de Oliveira aponta as bases do pensamento dos anos 30: elitismo, conservadorismo e autoritarismo. Tratava-se de tentar construir o Estado Nacional a partir do autoritarismo e do nacionalismo, dois elementos que eram partes distintas e complementares do mesmo processo.<sup>52</sup>

Mônica Pimenta Velloso, apesar de elitista, a ideologia estado-novista não prescindiu o apoio popular, que lhe deu uma base de sustentação. Se, por um lado, as decisões eram tomadas por apenas um grupo, por outro lado, o Estado-Novo expandiu seu apoio popular, atendendo certas demandas das classe populares e das camadas médias.<sup>53</sup>

A base ideológica poderia não ser clara, como diz Skidmore, mas ela existia: na opinião de Schwartzman, Bonemy e Costa tratava-se de se constituir a nacionalidade através da educação pública, tendo como pilares fundamentais o uso adequado da língua portuguesa, da erradicação da minorias étnicas e da padronização do ensino.<sup>54</sup> O Estado cresceu e conseqüentemente sua burocracia, os órgãos estatais de controle multiplicaram-se. Vargas reconhecia a importância da radiodifusão e justamente por isso, o governo disciplinou-

---

<sup>51</sup> Skidmore, Thomas. *Brasil: de Getúlio a Castelo*. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1975, p. 52 a 55.

<sup>52</sup> Oliveira, Lúcia Lippi; Velloso, Mônica Pimenta; Gomes, Angela Maria Castro. *Estado Novo: ideologia e poder*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1982, p. 15-16.

<sup>53</sup> Oliveira, Lúcia Lippi; Velloso, Mônica Pimenta; Gomes, Ângela Maria Castro. *op. cit.* p. 71-72.

<sup>54</sup> Schwartzman, Simon; Bomeny, Helena M. B.; Costa, Vanda M. Ribeiro. *Tempos de Capanema*. Rio de Janeiro e São Paulo, Editora Paz e Terra e Edusp, 1984, p. 141-142.

a racionalmente através de alguns desses órgãos estatais, que disciplinavam também outros meios de divulgação. A criação Departamento Oficial de Propaganda(DOP), da “Hora do Brasil” e do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) são os exemplos mais explicativos dessa tentativa de controle.

O DIP, criado em 1939, foi o principal órgão que tinha como função disciplinar a radiofusão e, conseqüentemente, difundir a ideologia estado-novista. Era um órgão subordinado diretamente ao Presidente da República e, por sua vez, subordinados ao DIP estavam os Deips estaduais. O DIP assumiu todas as funções de censura e propaganda governamental, sendo esta controlada nos mais diferentes órgãos de divulgação. No estudo de Nelson Jahar Garcia, sobre a propaganda política do Estado Novo, o autor ressalta que a eficácia desta propaganda estava na facilidade de se obter informações sobre a realidade brasileira nos seus mais diversos aspectos.<sup>55</sup> Um órgão, que se denominava Serviço de Inquéritos Políticos Sociais (SIPS), contribuía com o DIP passando informações adquiridas em municípios de todo o Brasil. Essas informações estavam contidas em fichas, delineando a situação completa de cada município. O próprio DIP tinha arquivos de jornais e revistas e acesso às pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística(IBGE) que havia sido fundado em 1940.

O ponto central da propaganda varguista era o discurso falado. Mas a base todo discurso ideológico do Estado Novo, inclusive o falado, estava na imprensa escrita e em duas revistas que desempenhavam importante papel: a revista Cultura Política, revista oficial ligada diretamente ao DIP, editada com a colaboração da elite intelectual através de um discurso muito bem elaborado que dava sustentação ideológica ao regime e trabalhava na

---

<sup>55</sup> Garcia, Nelson Jahar. *Estado Novo: Ideologia e Propaganda Política*. São Paulo, Edições Loyola, 1982, p. 100.

criação do mito Vargas, considerando-o “o maior doutrinador do Estado Brasileiro e, portanto, corporificador do projeto ideológico estado-novista”<sup>56</sup>; e a revista Ciência Política, publicada pelo Instituto Nacional de Ciência Política (INCP), que definia-se como entidade cultural de esfera nacional e colocava-se na missão militante de criar o “homem novo”, em oposição ao homem criado no período anterior ao Estado Novo, divulgando também para a sociedade os fundamentos deste mesmo Estado.<sup>57</sup>

Os discursos de Vargas eram difundidos por todos os meios de comunicação, governamentais ou particulares. Os meios particulares tinham a obrigação de fazer a difusão e eram também submetidos à censura. O rádio era o meio mais usado e foi através dele que Getúlio Vargas anunciou à nação o advento do Estado Novo, num contexto em que já existiam técnicas de aprimoramento do discurso falado muito usados pelos regimes nazi-fascistas. Em 1931 iniciou-se o programa diário a “Hora do Brasil”, transmitido por todas as rádios brasileiras e por alto-falantes instalados em lugares públicos.<sup>58</sup>

Sendo o rádio o meio mais usado era também muito vigiado: já nessa época as rádios começaram a elaborar, juntamente com programas de variados gêneros, seus primeiros noticiosos e programas de crítica jornalística, todos sob censura governamental. Mesmo com grande material jornalístico vindo da Europa, com a ascensão do nazi-fascismo e o começo da Segunda Grande Guerra. Todavia, em plena época da 2<sup>ª</sup> Guerra Mundial a informação radiofônica não poderia deixar de sofrer um impacto: foram criados noticiosos que informavam acerca do conflito: entre eles estava o “Boletim da Guerra”, veiculado pelo rádio Tupi, e o “Repórter Esso”, veiculado pela Rádio Nacional.

---

<sup>56</sup> Oliveira, Lúcia Lippi; Velloso, Mônica Pimenta; Gomes, Ângela Maria Castro. op cit. p. 79.

<sup>57</sup> Oliveira, Lúcia Lippi; Velloso, Mônica Pimenta; Gomes, Ângela Maria Castro. op. cit. p. 72 a 103.

<sup>58</sup> Garcia, Nelson Jahar. op. cit. p. 102 a 104.

O “Repórter Esso”, a partir de 1941, conseguiu criar um estilo próprio, que em certos aspectos imitava o estilo da BBC de Londres: fazia-se uma seleção criteriosa das notícias bem como tentava-se manter uma certa imparcialidade.<sup>59</sup> Além do prestígio conferido a Rádio Nacional, foi através da experiência bem sucedida do “Repórter Esso” que a notícia radiofônica popularizou-se, aumentando-se o peso dos noticiosos nas emissoras.

A profissionalização em torno do rádio era evidente, surgindo em 1942 o IBOPE, com condições de delinear através de pesquisas o perfil do ouvinte. Surgiu também um mercado editorial com revistas especializadas sobre a programação radiofônica. A profissionalização do rádio, na década de 40, deu-se num momento de popularização do meio através dos programas de auditório. O rádio recebia, neste momento, duas pressões: a comercial, com a introdução da publicidade no rádio, e a estatal, recebida do DIP, que controlava as verbas da propaganda oficial.

O governo Vargas tentava agir através em várias frentes para difundir sua ideologia: a arquitetura e a música também foram meios através dos quais o governo tentou passar sua ideologia. Tratava-se na música de fazer, com a coordenação de Heitor Villa-Lobos, estudos sobre a música popular, considerando a música um elemento da cultura cívica, e ainda desenvolver a música erudita nacional. O projeto de canto orfeônico foi o que assumiu maior expressão em detrimento à música popular e à música erudita. Para Schwartzman, Bomeny e Costa “a música teria , ao lado do rádio e do cinema, um papel central neste esforço educativo e de mobilização, onde a linha divisória entre a cultura e a propaganda tornava-se tão difícil de estabelecer.”<sup>60</sup> Mas, a expressão musical vinda das classes populares não

---

<sup>59</sup> Bonavita, M. Elvira Federico. op. cit. p. 25.

<sup>60</sup> Schwarszman, S; Bomeny, M. H. B.; Costa, V. M. R., op. cit. p. 90 a 93.

seguia a mesma trilha delineada por Villas-Boas: a música popular, a partir dos anos 30, também entrou num processo de aumento de público e consumo musical, por influência do carnaval e também graças ao avanço tecnológico nas áreas de reprodução e comunicação. No contexto de urbanização e industrialização ganha proeminência a figura do malandro na música popular brasileira.<sup>61</sup>

Na arquitetura, o projeto governamental assumia grandes proporções. Influências modernistas aliadas a uma certa megalomania fizeram grandes projetos, alguns não saíram do papel. Entre estes está o modelo não executado da Cidade Universitária, que teve até a contribuição de um arquiteto italiano, Marcello Piacentini, autor de obras monumentais do regime fascista.<sup>62</sup>

O cinema também era considerado de grande importância para o DIP. O teor dos documentários era o mesmo apresentado pela “Hora do Brasil” ou seja, discursos, comemorações públicas, feitos e atos governamentais, mas com a inclusão de imagens. Apesar do efeito realista que as imagens davam, elas eram selecionadas de modo que mostrassem aspectos da realidade que fossem favoráveis ao governo. No estudo de Maria Rita Galvão e Carlos Alberto de Souza, o governo brasileiro do pós-30 instaurou a obrigatoriedade de exibição dos curtas nacionais nas salas de projeção. As produtoras independentes perdem parte do mercado com a introdução de documentários e cinejornais produzidos pelo DIP. Este órgão absorve alguns produtores e cinegrafistas em seu quadro de funcionários, marginalizando outros profissionais ligados ao cinema. Tirando os documentários oficiais, pouco se produziu no cinema brasileiro, ficando a produção restrita

---

<sup>61</sup> Vasconcellos, Gilberto; Suzuki, Matinas. "A Malandragem e a Formação da Música Popular Brasileira", in Fausto, Bóris (org.). *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo III, Volume 4, São Paulo, Difel, 1984, p. 503 a 513.

<sup>62</sup> Schwarstzman, S.; Bomeny, M. H. B.; Costa, V. M. R. op. cit. p. 93 a 105.

ao Rio de Janeiro com a Cinédia na década de 30 e com a Atlântida na década de 40, constituindo-se esta na primeira indústria cinematográfica do Brasil em face do sucesso das chanchadas.<sup>63</sup>

A partir de 1950, após a queda do Estado Novo, as rádios já conheciam a experiência bem sucedida do “Repórter Esso”. Avançando mais ainda na profissionalização, a Rádio Bandeirantes adotou uma programação que era considerada revolucionária na época, ou seja, a introdução de boletins noticiosos de 15 em 15 minutos com duração de 1 minuto cada boletim. De 1 em 1 hora eram introduzidos boletins de 3 minutos de duração.

Na mesma década foi inaugurada a televisão no Brasil e como o rádio em seus primórdios a televisão tinha muito de improvisado. O desenvolvimento da linguagem e das técnicas televisivas foram feitas a partir das técnicas do rádio e outros meios. Para Raymond Williams a televisão é uma combinação e desenvolvimento de formas anteriores.<sup>64</sup> Escrevendo sobre o telejornalismo, Williams levanta quatro pontos para se analisar as relações entre a notícia veiculada pelos meios e a notícia impressa: seqüência, prioridade, apresentação pessoal e visualização. No que se refere à seqüência, Williams afirma que o jornal impresso é dividido em um mosaico de itens. Até mesmo antes da divisão do jornal ser feita em mosaicos, o ato de ler um jornal envolve golpe de vista ou exploração, e após uma seleção prévia feita pelo próprio jornal, o leitor seleciona subjetivamente itens em que se concentrará. Alguns desses elementos é possível nos jornais televisivos e radiofônicos. O modo mais simples de apresentação nos meios é de modo linear no tempo. A manchete é largamente usada nos telejornais, embora não universalmente. Igualmente acontece com a repetição de pontos essenciais no final. De qualquer forma, a principal forma de notícia

---

<sup>63</sup> Galvão, Maria Rita e Souza, Carlos Roberto de. " Cinema brasileiro: 1930- 1964" in Fausto, Boris. *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo III, Volume 4, São Paulo, Difel, 1984, p.464 a 484.

<sup>64</sup> Williams, Raymond. *Television: Technology and Cultural Form*. N. Y. , Schoken Books, 1975, p. 44.

televisiva é, dentro de sua própria estrutura, a linear. A página mosaicada do jornal tem suas próprias técnicas para chamar a atenção do leitor e indicar relativa importância de determinadas notícias, mas existe uma certa capacidade subjetiva do leitor para achar uma maneira própria de ler o jornal. O jornal veiculado tende assim, aparentemente, a reter um maior controle editorial do espectador.

A apresentação é outro item abordado por Williams: até a Segunda Guerra Mundial a apresentação era feita por uma voz anônima e com certa autoridade, o locutor apenas lia as notícias enviadas pelas agências. A identificação pessoal foi introduzida durante a Guerra, surgindo também os repórteres e correspondentes específicos para os meios. Na maioria dos telejornais, como um todo, o apresentador tem uma certa autoridade independentemente de uma identificação mais próxima ou longínqua do repórter externo. No que se refere a visualização, a maioria do conteúdo real das notícias é alterado pela apresentação visual. Em certos tipos de reportagem parece haver uma absoluta diferença entre o que o locutor fala e a imagem visual com comentário. Muitos fatos podem ser alterados pela seleção e edição, mas o que um observador conta não é inválido. O criador é muito mais comum, e o ponto de vista médio, que é sempre tentado no comentário, é raramente visualmente presente- um fato que pode fazer a “neutralidade” do comentário essencialmente abstrata. Existem telejornais, como os ingleses, que fazem um uso mais intensivo de visual material além da apresentação imediata: se não existe o filme usa-se a fotografia. Nos EUA a principal experiência visual é dos locutores em si mesmo, com um muito simples signo visual ao fundo, com uma proporção mais baixa de reportagens filmadas.

A década de inauguração da televisão no Brasil foi também a década do chamado período desenvolvimentista no Brasil com uma profunda transformação no sistema

econômico nacional. Através de uma política governamental, o chamado Programa de Metas, o Estado passou a agir sobre os sistema econômico acelerando o desenvolvimento econômico e a industrialização. O país já estava preparado para enfrentar uma política econômica planificada e idéia de planejamento foi assimilada com facilidade pelas camadas médias e proletárias urbanas. O objetivo do Programa de Metas era transformar a estrutura econômica nacional, criando-se uma indústria de base e reformulando-se as condições reais de interdependência com o capitalismo mundial. O Programa de Metas dava ênfase na importância da entrada do capital e da técnica estrangeiros, abrangendo quatro setor relevantes da Economia: energia, transportes, alimentação e indústria de base. A indústria automobilística, a construção de Brasília, as ferrovias e a pavimentação de rodovias fez com que o governo Kubitschek conquistasse corações e mentes dos brasileiros, pois estava surgindo um “novo Brasil”, que se desenvolveria “cinquenta anos em cinco”. A industrialização brasileira deveu-se em grande parte à entrada de capital estrangeiro no país e este capital foi incentivado a entrar no país. A política econômica governamental fez com que a estrutura industrial brasileira se integrasse a estrutura econômica mundial, através das empresas multinacionais. O capitalismo brasileiro desenvolveu-se ainda mais, desenvolvendo-se também o conjunto da estrutura social. Desenvolveram-se grandes centros industriais e urbanos no País e nestes centros apareceu uma estrutura de classes sociais com seus problemas políticos e culturais. A urbanização agiu sobre a produção cultural, hegemonizando a cultura urbana sobre a rural. Caíra a ideologia da “vocação agrária” brasileira.<sup>65</sup>

---

<sup>65</sup> Ianni, Octavio. *Estado e Planejamento Econômico no Brasil*. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira S.A., 1986, p. 151 a 171.

Foi sob o impacto da política econômica desenvolvimentista e sua ideologia, que diferentemente da política econômica exprimia valores nacionalistas, que surgiu a televisão no Brasil. Com a entrada de investimentos no país, a televisão desde cedo tornou-se um veículo de comercialização de produtos através da publicidade. Sendo uma das primeiras do mundo, a televisão brasileira começou com poucas técnicas e muitas improvisações, tentando construir uma linguagem a partir de outros meios como o rádio e a imprensa escrita.

Quando Assis Chateaubriand inaugurou a primeira televisão brasileira, a TV Tupi, não existia ainda uma linguagem televisiva e a linguagem do rádio e de outros meios foram apropriados pela televisão. Logicamente que essa apropriação vale também para os telejornais, o “Repórter Esso”, versão televisiva do noticioso radiofônico, foi o telejornal de maior sucesso na década de 50 e começo da década de 60.

Porém, não foi o “Repórter Esso” o primeiro noticioso da televisão brasileira. O primeiro se chamava “Imagens do Dia” e era veiculado pela própria TV Tupi. Não tinha horário fixo, as reportagens eram feitas artesanalmente e exibidas no correr do dia. Três anos mais tarde, substituindo o “Imagens do Dia” entrava no ar o noticioso “Telenotícias Panair” patrocinado pela empresa com o mesmo nome. Em sua dissertação de mestrado Sandra de Camargo Rosa, ao fazer um estudo sobre telejornais, esclarece que ambos telejornais abordavam fatos que eram dependentes dos jornais impressos, com um tipo de locução semelhante à locução radiofônica e com algumas técnicas pouco desenvolvidas do cinema nacional. Esses jornais não conseguiram estabelecer uma estrutura de linguagem própria e distinta.<sup>66</sup>

---

<sup>66</sup> Rosa, Sandra Camargo. *Telejornalismo em manchete: o mundo em flashes descontinuos*. Dissertação de Mestrado apresentada à Comissão Julgadora da Pontifícia Universidade Católica sob a orientação de Maria Lúcia Santaella, São Paulo, 1989, p. 47.

Apenas um ano depois e repetindo o sucesso da versão radiofônica, entra no ar o “Repórter Esso” que durou de 1953 a 1970. O mesmo telejornal conseguiu sucesso no Rio de Janeiro com a locução impessoal de Gontijo Teodoro, afirmando este a autoridade do locutor. O “Repórter Esso” conseguiu construir uma linguagem telejornalística, mas não deixou de se reportar à linguagem do rádio e da imprensa escrita. A narrativa do “Repórter Esso” apenas descrevia os fatos ocorridos incluindo-se as notícias recebidas pela agência internacional “United Press”. A Locução era feita com uma postura visual e vocal impecável, passando uma imagem de seriedade ao telespectador.<sup>67</sup> Em 1970 o telejornal, não reciclando sua linguagem, resiste à pressão de novos e inovadores telejornais e deixa de ser apresentado. Neste momento sua audiência já havia diminuído consideravelmente.

As inovações já haviam começado com o “Jornal de Vanguarda” idealizado por Fernando Barbosa Lima e que entrara no ar já em 1962. A introdução de locutores, comentaristas e uma certa dose de humor, foi a marca deste telejornal. Um jornal que tentava inovar a linguagem telejornalística não poderia sobreviver ao golpe militar e ao Ato Institucional nº 5, sendo logo retirado do ar.

A década de 70 teve várias experiências telejornalísticas entre elas o telejornal “Perspectiva” de 1972 a 1973, o “Factorama” de 1974 a 1975 e os “Titulares da Notícias”. Mas nenhuma dessas experiências foi tão bem sucedida quanto a experiência do “Jornal Nacional: este seria sem dúvida outro telejornal que golpearia o “Repórter Esso”. Porém o “Jornal Nacional aproveitou-se de um novo contexto: na década de 60 a TV brasileira ampliou-se, tentando se firmar com as novas inovações tecnológicas e o aumento do mercado publicitário.

---

<sup>67</sup> Ver Rosa, Sandra de Camargo. op. cit. p. 52.

Após o golpe militar a maioria das inovações tecnológicas partiram do Estado. O Estado imposto pelos militares tentou uma modernização conservadora, com a evidente hegemonia do Poder Executivo sobre o Poder Legislativo. Toda política econômica foi implantada a partir do Estado através do fortalecimento do Executivo pelos atos institucionais em concordância com a Doutrina de Segurança Nacional. Foi a partir da Doutrina de Segurança Nacional e do binômio Segurança e Desenvolvimento, que estruturou-se o Estado de Segurança Nacional pós 64. Esta doutrina foi elaborada no Brasil principalmente pela ESG e incorporou alguns conceitos da Guerra Fria como a teoria da guerra total e da inevitabilidade do confronto entre as duas superpotências. São três os tipos de guerra abordado por tal teoria: guerra limitada e localizada; guerra subversiva ou revolucionária; guerra indireta ou psicológica. A primeira envolve apenas dois países a partir da declaração de guerra de um deles; a segunda não é declarada politicamente e pode partir da população armada (insurrecional) ou de algum estímulo ou ajuda exterior. A guerra revolucionária estaria ligada ao comunismo internacional controlado pela então União Soviética. A preocupação básica com a guerra revolucionária está na ação psicológica exercida sobre a população até que esta se levante contra o governo constituído; neste sentido é que toda população torna-se alvo de suspeição, podendo torna-se um “inimigo interno”. Para que a nação esteja defendida faz-se necessário planejar a segurança nacional e criar um sistema que colha informações sobre o trabalho de todos os setores políticos e da sociedade civil.<sup>68</sup>

Especificamente no Brasil e na América Latina dever-se-ia enfatizar a “segurança interna” contra a ameaça do comunismo internacional. A preocupação básica é com o

---

<sup>68</sup> Alves, Maria H. Moreira. *Estado e oposição no Brasil (1964-1984)*. Petrópolis, Vozes, 1987, p. 36 a 38.

crescimento dos movimentos sociais da classe trabalhadora. No modelo brasileiro, tratava-se de realizar o desenvolvimento econômico com segurança interna e externa.<sup>69</sup> Tal modelo econômico envolvia além dos planos, programas, metas, etc., um aparelho estatal de grande porte abrangendo todo o conjunto burocrático e tecnocrático que, por sua vez, incluiria órgãos estatais e paraestatais, pessoal e recursos materiais. Com a superioridade do Executivo sobre o Legislativo e o Judiciário o caráter do poder estatal tornou-se policial e baseados na teoria de que toda pessoa é suspeita, o SNI foi criado como um órgão de apoio para vigiar tais pessoas. Neste sentido, o aparelho estatal tornou-se onipresente na vida social, política e cultural, permeando também a indústria cultural. Tanto a indústria cultural estatal quanto a indústria cultural privada passaram a propagandear a ideologia da ditadura. Através do SNI, da censura, da lei de imprensa, do DOI-CODI, etc, criou-se um clima cultural específico com uma moral duvidosa para justificar a censura e repressão nos meios, pois estes poderiam estar obedecendo a um plano subversivo que poria em risco a segurança nacional.<sup>70</sup>

A Segurança Nacional só poderia existir com um grande desenvolvimento econômico e este desenvolvimento econômico tinha como objetivo integrar o território nacional. Fazia parte dessa integração um aprimoramento infra-estrutural que incluía as redes de comunicações, as rodovias e as ferrovias que cortassem o interior brasileiro. O complexo industrial- militar também devia ser desenvolvido, através da industrialização capitalista na qual o Estado devia ser forte para “regular o modelo de desenvolvimento econômico numa economia quase toda centralmente planejada”.<sup>71</sup> Para Octavio Ianni os

---

<sup>69</sup> Ver Alves, Maria Helena. op. cit., p. 33.

<sup>70</sup> Ianni, Octavio. *A ditadura do grande capital*. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1981, p. 145 a 155.

<sup>71</sup> Alves, Maria Helena Moreira. op. cit. p. 50.

governos dos regimes militares adotaram entre 64 e 85 políticas econômicas do mesmo gênero:

“Dentre os seus principais alvos e realizações, destacaram-se os seguintes: reduzir a taxa de inflação; incentivar a exportação de produtos agrícolas, minerais e manufaturados; racionalizar o sistema tributário e fiscal; estimular, sob controle governamental, o mercado de capitais; criar condições e estímulos novos à entrada de capital e tecnologia estrangeiros; conter os níveis salariais em todos os setores da produção; estimular a modernização das estruturas urbanas; executar o plano habitacional; criar a indústria petroquímica, estabelecer novos objetivos e criar novos meios na política de ocupação e dinamização da economia da Amazônia; ampliar os limites do “mar territorial”; defender e estimular a indústria do café solúvel; formular uma política brasileira de energia nuclear; modernizar as estruturas universitárias; retomar os estudos sobre a reforma agrária; propor plano de integração nacional, etc.”<sup>72</sup>

Sob a Doutrina de Segurança Nacional estava o projeto econômico dos militares. A proposta governamental de crescimento econômico efetivou-se no começo da década de 70, foi o chamado “milagre brasileiro”. Sob o “milagre”, a economia brasileira vivera uma situação de crescimento econômico que superava os 9% nos primeiros anos da referida década. Apesar de ter superado o ciclo de conjuntura, no ano de 1973 o economista Paul Singer já constatava algumas evidências que estavam apontando para o fim do “milagre”. Sinais de inflação reprimida, desabastecimento e de insuficiência de oferta no mercado de trabalho mostravam que o período de prosperidade estava chegando ao fim.<sup>73</sup> Todavia,

<sup>72</sup> Ianni, Octavio. op. cit., 1986, p. 229.

<sup>73</sup> Singer, Paul. “As Contradições do Milagre” in Krishke, Paulo J., *Brasil: do “Milagre” à “Abertura”*. São Paulo, Cortez Editora, 1983, p. 5 a 8.

durante os três primeiros anos década de 70 o Brasil viveu um ilusório estado de riqueza, que conquistou a classe média na defesa do regime.

Mesmo antes do golpe, o grupo que fez a articulação deste, representado pelo complexo IPES/IBAD já usava a televisão e o rádio para fazer uma campanha contra o governo João Goulart, não menosprezando o poder dos meios de comunicação de massa. Os planos do complexo IPES/IBAD foram desenvolvidos para tentar influenciar a opinião pública e era composto por programas de entrevistas, debates ou até programas humorísticos abrangendo todos os estados do país, com a participação de importantes personagens do contexto regional e nacional. Quem tivesse suas idéias afinadas com às idéias da direita vigente era convidado para fazer parte dos programas, quem não tivesse esta afinidade era excluído.<sup>74</sup>

Inserida neste processo estava a modernização dos meios de comunicação, na qual o regime militar expõe explicitamente que tem um projeto para tais veículos. Após o golpe, o projeto militar para os meios é elaborado, fazendo parte deste o Código Brasileiro de Telecomunicações de “inspiração militar, plenamente identificado com as teses de integração nacional, segurança e desenvolvimento pregadas pela ESG.”<sup>75</sup> O Código Brasileiro de Telecomunicações, que apesar de datar do ano de 1962 foi aperfeiçoado pelo governo militar<sup>76</sup> já tinha em sua primeira versão o objetivo de disciplinar a radiodifusão com a criação de um novo órgão: o Conselho Nacional de Telecomunicações. O Código enumerava alguns abusos que poderiam ser cometidos pelos meios: a) incitar a desobediência às leis ou às

---

<sup>74</sup> Dreifuss, René Armand. *1964: a conquista do Estado, ação política, poder e golpe de Estado*. Petrópolis, Editora Vozes, 1987, p. 244 a 255.

<sup>75</sup> Priolli, Gabriel. “A tela pequena no Brasil grande” in Lima, Fernando Barbosa; Priolli, Gabriel Machado; Arlindo. *Televisão & vídeo*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985, p. 31.

<sup>76</sup> Sobre o tema ver Costella, Antônio F. *O Controle da Informação no Brasil- Evolução Histórica da Legislação Brasileira de Imprensa*. Petrópolis, Editora Vozes Limitada, 1970.

decisões judiciais; b) divulgar segredos de Estado ou assuntos que prejudicam a defesa nacional; c) ultrajar a honra nacional; d) fazer propaganda de guerra ou de processos violentos para subverter a ordem política ou social; e) promover campanha discriminatória de classe, cor, raça, ou religião; f) insuflar a rebeldia ou a indisciplina nas forças armadas ou nos serviços de segurança pública; g) comprometer as relações internacionais do País; h) ofender a moral familiar, pública ou os bons costumes; i) caluniar, injuriar ou difamar os poderes Legislativo, Executivo ou Judiciário e seus membros; j) veicular notícias falsas, com perigo para a ordem pública, econômica e social.

Através do AI-2 o governo militar tentou disciplinar a imprensa. Não seria mais do júri a competência para o julgamento dos abusos de imprensa, e os prazos para prescrição das ações penais relacionadas com tais abusos foram aumentados. Qualquer publicação poderia ser proibida desde que publicasse idéias de “subversão da ordem”, não sendo necessário que essa subversão resultasse apenas de processos violentos

A constituição de 1967 trazia no artigo 150 e no parágrafo 8º a definição de liberdade de expressão:

“É livre a manifestação do pensamento, de convicção política ou filosófica e a prestação de informação sem sujeição a censura, salvo quanto a espetáculos e diversões públicas, respondendo cada um nos termos da lei, pelos abusos que cometer. É assegurado o direito de resposta. A publicação de livros, jornais e periódicos independentes de licença de autoridade. Não será, porém, tolerada a propaganda de guerra, de subversão da ordem ou de preconceito de raça ou de classe.”<sup>77</sup>

---

<sup>77</sup> Transcrição feita de Costella, Antônio F. op. cit., p. 135.

A partir de março de 1967 a Lei de Segurança Nacional ficou acima da recém aprovada Lei de Imprensa, passando os “abusos da imprensa” ficaram submetidos à LSN, entre eles: divulgação de notícias falsas, que possa por em perigo “o nome, a autoridade, e crédito ou prestígio do Brasil”, ofender a honra do presidente de qualquer um dos Poderes da União; incitação à guerra ou à subversão da ordem política e social, à desobediência coletiva às leis, ao rancor entre as Forças Armadas, à luta entre as classes sociais, à paralisação do serviço público, ao ódio e à discriminação racial, à propaganda subversiva, incitar a crimes contra a segurança nacional.

Com o AI-5 em 1968, a censura efetivou-se no Brasil durante o governo militar. As notícias veiculadas pelos meios eram absolutamente controladas. No novo Código Penal de 1969 é inserido, pelo decreto-lei nº1004, o crime contra a honra e de ofensa à pessoa jurídica; a pena deste crime é agravada se o crime é cometido pela imprensa, rádio ou televisão. Em janeiro de 1970, sob o governo Médici, instaura-se o decreto-lei nº1070 com o objetivo de reprimir as publicações e exteriorizações “obscenas”, podendo tais publicações serem apreendidas. Para parte da oficialidade do Exército um dos objetivos permanentes da Escola Superior de Guerra seria projetar valores espirituais e morais da nacionalidade, a pornografia estava a serviço da subversão.

O governo passou também a incentivar a autocensura dos meios, através do chefe do Serviço Federal de Censura, Wilson Aguiar. O então Ministro da Justiça, Alfredo Buzaid, baixou uma portaria na época, criticada por sua inconstitucionalidade, na qual os delegados de polícia assumiram a função de censurar livros. Para Buzaid tratava-se de preservar a moral, combatendo o comunismo internacional que tentava destruir a resistências morais da sociedade brasileira.

A contrapartida da censura foi a grande transformação na televisão brasileira tendo por base o Plano Nacional de Telecomunicações que tinha por objetivo interligar todo o país por meio dos sistemas de telefonia, telex e televisão. A eletrificação rural e urbana foi outro fator tecnológico que propiciou a expansão das grandes redes nacionais de televisão. Para embasar todo esse processo foram criados órgãos na administração federal: em 1965 nasceu a EMBRATEL (Empresa Brasileira de Telecomunicações). Criado em 1967, o Ministério das Comunicações encarregou-se a desempenhar todos o serviço ligado às telecomunicações juntamente com a EMBRATEL.

A EMBRATEL foi criada um mês depois da inauguração do Intelsat I, numa época em que as tecnologias das comunicações estavam em franco desenvolvimento como um veículo ideológico do então chamado imperialismo norte-americano.<sup>78</sup> Uma aliança entre as esferas públicas e privadas no que concerne aplicação de tecnologias espaciais possibilitou o lançamento de satélites. O Intelsat constituiu-se, num primeiro momento, em um consórcio entre os países do primeiro mundo no objetivo de estabelecer uma rede internacional de comunicação por satélite. No final dos anos 60, os EUA tiveram a preocupação de levar os serviços de satélite aos países latino-americanos com o objetivo de levar programas teleducativos. Os satélites lançadas tinham também como missão, em face da crise energética do começo dos anos 70, fotografar a massa terrestre no sentido de se fazer uma exploração dos recursos naturais. Os países terceiro mundistas não viam com tranquilidade, e sim com uma certa inquietação a inundação de satélites norte-americanos e seus programas educativos.

---

<sup>78</sup> Ver Mattelart, Armand. "Otra ofensiva de las transnacionales: las nuevas tecnologías de comunicación" in *La información en el nuevo orden internacional*. Instituto Latino Americano de Estudios Transnacionales, México, 1977, p. 110.

A inserção do Brasil no sistema de satélites deu-se a partir do Estado, na qual 3 instituições foram escolhidas pelo programa de seguridade pública do USAID entre 1969 e 1972: a Academia Nacional de Polícia, o Centro Nacional de Telecomunicações e o Instituto Nacional de Criminologia. No ano de 72, o governo brasileiro e a General Electric fizeram um acordo para a instalação de um sistema de satélites nacional. Este sistema teria múltiplos usos que iam da educação à repressão. A alta tecnologia contribuiu, neste sentido, para a militarização dos sistema de ensino nacional de acordo com os postulados dos Estado militar.<sup>79</sup> A Globo, neste mesmo contexto, beneficiou-se com o uso do satélite na recepção e transmissão de informações em seus telejornais, sobretudo no Jornal Nacional, como veremos adiante.

Não só vindas do Estado eram as inovações tecnológicas: o *video-tape* na década de 60 deu grande impulso para a formação das redes no Brasil. Com a gravação dos programas em *video-tape* a programação ganhou qualidade, os erros de uma transmissão ao vivo poderiam ser cortados. Os programas gravados poderiam a partir de então circular em âmbito nacional, de emissora em emissora, tendo-se aí um dos primórdios das redes nacionais. Com o *video-tape* foi possível também a feitura das novelas diárias. A redução dos custos dos aparelhos televisores, que até o começo da década de 60 eram artigos de luxo, tornou-os acessíveis para um grande número de brasileiros. O crescimento do número de telespectadores fez com que se ampliasse o mercado consumidor, aumentando, por sua vez, as verbas publicitárias. A programação televisiva tornou-se, neste sentido mais popular.<sup>80</sup>

---

<sup>79</sup> Mattelart, Armand, op. cit., 1977, p. 143 a 146.

<sup>80</sup> Ver Priolli, Gabriel, op. cit., p. 25 a 29.

- **A Globo e o Jornal Nacional**

A Globo, entrou no ar pela primeira vez em 1965, a concessão foi dada por Juscelino Kubtschek para o jornalista Roberto Marinho em 1957. Uns dos fatores que fizeram da Globo a grande potência das Telecomunicações foi a racionalização e a modernização da empresa. Algumas dúvidas pairavam sobre o surgimento da Globo nos seus primeiros anos de funcionamento: o acordo Globo-Time/Life feito em 1966 e suspenso em 1969, considerado na época ilegal, rendeu grandes investimentos e *know-how* técnico para a emissora contribuindo para a sua ascensão no império das telecomunicações. Este acordo gerou na época grandes protestos, com denúncias feitas por Carlos Lacerda e João Calmon presidente da ABERT (Associação Brasileira das Empresas de Rádio e Televisão), propiciando a instalação de uma CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) para investigar o caso.<sup>81</sup>

Todavia não podemos subestimar o mérito da Globo ter sabido usar a nova tecnologia e a racionalização empresarial: a partir da interligação do país através dos sistemas de telecomunicações, a Globo preparar-se-ia para ser uma grande rede nacional adquirindo modernos equipamentos, nos moldes das *networks* americanas. A Globo passou também a controlar integralmente sua produção, livrando-se da dependência que as TVs dos anos 50 tinham do anunciante. A programação televisiva deixou de ser feita no improviso, contratando-se profissionais que não eram apenas do meio artístico, mas também da área de administração e *marketing*. Entre os profissionais contratados estavam Walter Clark, que assumiu a direção-geral da Globo; Joe Wallach, com experiência em gerência de emissoras

---

<sup>81</sup> Sobre o acordo Globo-Time/Life consultar: Herz, Daniel. *A História Secreta da Rede Globo*. Porto Alegre, Editora Tchê, 1987.

nos EUA; José Ulisses Acre para a área de vendas; Homero Icaza Sanchez para o setor de pesquisas e José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o *Boni*, na produção e programação.

Na área de pesquisa a Globo mostra sua eficiência criando um Departamento de Análises e Pesquisa, este departamento criou condições para se ajustar as fórmulas das novelas ao gosto popular, bem como dividir os programas por faixas específicas de público de acordo com o horário.

A Globo foi a primeira emissora a implantar a cor na televisão, “O Bem Amado” foi a primeira novela colorida da televisão brasileira em 1972. A implantação do sistema de cores foi feita também a partir de pressões governamentais, estas pressões do governo brasileiro não se limitaram ao território nacional partindo para outros países da América Latina. Os países vizinhos do Brasil foram pressionados a trocar o branco e preto pela cor, mesmo porque o Brasil já estava exportando televisores coloridos.<sup>82</sup> A controvérsia estava em que sistema de cores usar, qual seria mais adequado com a realidade brasileira: o americano NTSC (National Television System Comitee), o francês SECAM (Sequentiel en Couleurs avec Memoire) ou o alemão Pal (Phase Alternative Line). Acabou sendo adotado o PAL-M, variação do sistema PAL para a realidade brasileira. Na necessidade de técnicos estrangeiros, a própria Globo manda para a Alemanha técnicos para estudar como fazer adequadamente a utilização da cor na TV e nos telejornais. Vários profissionais foram contratados no sentido de se verificar qual roupa ou maquiagem era a mais adequada para a TV colorida ou então quais os recursos visuais poderiam ser utilizados nestas condições.<sup>83</sup>

O sucesso Globo foi estrondoso. Já em 1969 a Globo tinha 9 entre os 10 programas mais assistidos da TV no Rio de Janeiro e 3 entre os 10 programas mais assistidos em São

---

<sup>82</sup> Mattelart, Armand. op. cit. 1977, p. 148.

<sup>83</sup> Souza, Cláudio Mello. *15 Anos de História-Rede Globo*. Rio de Janeiro, Editora Rio Gráfica, 1984, p. 119 a 139.

Paulo. De 1971 para frente, a Globo tem os 10 programas mais assistidos no Rio de Janeiro e em São Paulo. A emissora começa a reter 35% de toda a verba publicitária do país e passa a investir na formação do mais poderoso e completo elenco de funcionários de todos os tempos na história da televisão brasileira. Tudo esse investimento para se implantar um eficiente sistema técnico e conseguir um aprimoramento na qualidade de produção, resultando daí o chamado “padrão Globo de qualidade”.<sup>84</sup> A concorrência entre as televisões brasileira já estava vencida pela Globo, a emissora já tinha condições de concorrer nos mercados internacionais exportando programação.

Hoje a Globo é uma rede de televisão que cobre 4484 dos 4491 municípios brasileiros através de 86 emissoras, tem uma audiência média de 63% e detém cerca de 75% da verba publicitária da televisão brasileira. De todos os programas que exibe produz cerca de 78%, sendo assim a segunda maior produtora de programas televisivos do mundo. No mercados externo, já exportou produto para 128 países. Emprega por volta de 8000 funcionários, dos quais 4000 são profissionais de criação e produção de programas.<sup>85</sup>

Todavia, dentre todas as inovações bem sucedidas da Globo, que fizeram dela esse grande império, o “Jornal Nacional” foi o lance mais ousado da emissora. Dentro do projeto de integração nacional em voga na época, estava a preocupação da emissora de se fazer programas que fossem “nacionais” ou “universais, declinando-se a ênfase aos regionalismos e localismos. O primeiro programa da televisão brasileira em rede nacional em tempo real foi justamente o referido telejornal. Herbert Fiúza, então diretor de engenharia da Globo fala da constituição da rede:

---

<sup>84</sup> Ver Priolli, Gabriel. op. cit. p. 13.

<sup>85</sup> Dados retirados da revista Radar, ano 2, nº 7

“As emissoras foram se integrando à nossa programação, mas não uma programação em tempo real. O único programa, que nos primeiros tempo de funcionamento da rede, integrava em tempo real, todas emissoras, foi o “Jornal Nacional”. Fora disso, havia os programas gravados em fitas de vídeo-tape, com os quais se fazia o que nós chamávamos de “tráfego”. Essas fitas viajavam pelo país todo, levando novelas, os shows que, em consequência, não eram nem podiam ser mostrados, simultaneamente, em todas as emissoras que integravam a rede”.<sup>86</sup>

Segundo Carlos Eduardo Lins da Silva, nos países que existe a livre iniciativa no negócio televisivo o telejornalismo é um tipo de programação que rende mais prestígio que dinheiro e, sendo assim, “depende de fatores que lhe são externos dentre os quais dois se destacam: a abrangência geográfica da rede que o transmite e o chamado “fluxo de audiência” que ele herda dos programas que o antecedem ou recebe da expectativa gerada pelos que o sucedem.”<sup>87</sup> A Globo reuniu as duas condições para lançar o telejornal: havia, a partir do próprio telejornal, montado a sua rede nacional de televisão inserindo-o no horário da programação entre duas novelas garantindo assim sua audiência.

Para Adriano Duarte Rodrigues existem dispositivos que interferem no processo enunciativo do telejornal, garantindo-lhe assim um discurso com reconhecimento universal. Estes dispositivos podem ser o do discurso genérico, dos jornalistas, dos correspondentes e dos convidados eventuais. Sobre o dispositivo do discurso genérico diz Rodrigues:

“O genérico, constituído por uma seqüência de imagens e por uma breve peça musical, é por excelência um dispositivo enunciativo: fecha completamente o mundo próprio do telejornal e separa-o tanto daquilo que o antecede como daquilo

<sup>86</sup> Souza, Cláudio Mello. op. cit, p. 69.

<sup>87</sup> Silva, Carlos Eduardo Lins da. *Muito além do Jardim Botânico*. São Paulo, Summus, 1985, p.34.

que lhe segue, pondo portanto em cena interlocutores de um discurso próprio ao espaço que enquadra. Isto é tanto mais verdade quanto, se o telejornal possuir mais que uma parte, no caso de ser entrecortado por seqüências publicitárias ou por cortes de qualquer outra espécie, como, por exemplo, por ocasião da ocorrência de avarias ou de perturbações no alinhamento das notícias, é ainda o genérico que serve para fechar e abrir as diferentes partes.”<sup>88</sup>

“Tanto pelo seu ritmo e tonalidade, como pela sua repetitividade, pela seqüência ascendente dos traços melódicos e pela sua repetição ao longo do meses e até dos anos, a música do telejornal, além de também exercer a função de enquadramento de que falamos, de ser portanto redundante em relação à seqüência das imagens, desempenha um papel indicial: funciona à maneira do toque da trombeta ou do clarim que o arauto fazia ecoar, do cimo das ameias do castelo, para congregar os destinatários dos decretos régios ou das notícias.”<sup>89</sup>

A música “The Fuzz” é tocada na abertura do “Jornal Nacional. Tocada há décadas na abertura do telejornal, é familiar ao telespectador brasileiro, dá o sinal, mesmo se não estivermos olhando para a televisão sabemos que o “Jornal Nacional” está começando. Não só a abertura e o encerramento, bem como os espaços para os intervalos comerciais têm a conhecidíssima trilha sonora, que foi pouco modificada no decorrer dos anos. Também certas coberturas jornalísticas, ou certos episódios que se desenrolam por algum tempo ganham uma música de fundo, podemos citar alguns exemplos: a cobertura do campeonato de Fórmula 1, campeonatos de futebol e a Copa do Mundo, eleições, previsão do tempo etc. Músicas específicas foram adotadas para tais coberturas, chamando o telespectador para assistir reportagens de conteúdo também específicos.

<sup>88</sup> Rodrigues, Adriano Duarte. *Comunicação e Cultura: a experiência cultural na era da informação*. Lisboa, Editorial Presença, 1994, p 148.

<sup>89</sup> Rodrigues Adriano Duarte. op. cit, p 149.

No início do telejornal, o patrocinador anuncia a hora, em formato de relógio digital, anunciando também a pontualidade do telejornal, que começa na maioria das vezes no horário previsto. O relógio, indicando a pontualidade é mais um dispositivo do discurso do genérico que indica a “regularidade de sua ocorrência”.<sup>90</sup> A apresentação das manchetes é intercalada pelos dois apresentadores de maneira rápida e ágil, cada manchete é curta, porém forte. Os locutores apresentam as manchetes em primeiro plano e com fundo azul sem excesso de detalhes. Os apresentadores ganham, neste sentido, evidência e credibilidade.

Aos repórteres cabem a elaboração das matérias, e estes repórteres não devem ser apenas bem informados, eles devem ter boa imagem e oratória clara para a televisão. Os repórteres são divididos regionalmente: cobrem regiões, cidades ou estados. S. Paulo, Rio de Janeiro e Brasília são as cidades que se concentram o maior número de repórteres. O telejornal mantém ainda vários correspondentes internacionais, mantendo também repórteres que viajam pelo mundo, fazendo cobertura com guerras, conflitos armados, inseridos em situações extremamente precárias que a equipe telejornalística consegue superar com agilidade. Novas situações de guerras ou de catástrofe não impedem que o “JN” mande para os locais afetados um correspondente com rapidez.

Os locutores, Cid Moreira e Sérgio Chapelin, têm a imagem e a voz conhecidas pelo telespectador. A voz dos locutores, tão conhecida, pode também exercer a função de chamamento já exercida pela música. O “Jornal Nacional” não usa fazer entrevistas a convidados nos estúdios do telejornal, este é o espaço ocupado somente pelos locutores. Moreira e Chapelin apenas narram o telejornal, não fazem perguntas aos entrevistados nem tampouco fazem observações. Não é dada ao locutor a função de interpelar. O convidado do

---

<sup>90</sup> Rodrigues, Adriano Duarte. op. cit. p. 150

“Jornal Nacional” é sempre localizado pelo repórter em sua casa ou local de trabalho, de onde muitas vezes é entrevistado ao vivo. Um recurso tecnológico permite que mais de um repórter de lugares diferentes possa fazer perguntas ao entrevistado, abrindo-se janelas no vídeo, dando-nos a possibilidade de ver o entrevistado e o repórter de outra localidade ao mesmo tempo.

As imagens são aparentemente irrefutáveis; uma das edições do telejornal mostrava as cenas de violência no Rio de Janeiro na qual a repórter e o cinegrafista estavam a poucos metros, ou pelo menos era essa a impressão de quem estava assistindo a TV, das balas de um tiroteio entre traficantes. As pessoas correndo, em plena luz do dia, e escondendo-se atrás dos muros e dos postes, ou a cena de um casal que entra rapidamente num carro e sai a toda velocidade fugindo das balas são de extrema realidade. Mas, devemos lembrar que as imagens da televisão são editadas e uma série de recursos eletrônicos podem transformá-las. As imagens foram feitas de um fato que efetivamente aconteceu, o tiroteio, mas a edição de imagens é um instrumento que dá ênfase a certos aspectos deste fato. Estariam a repórter e o cinegrafista tão perto do tiroteio ou as imagens teriam sido feitas à distância? O barulho das balas era tão potente ou foi aumentado por algum recurso eletrônico? Teria sido tão intenso o tiroteio como mostrava a televisão?

As notícias a serem escolhidas são estudadas pela equipe desde manhã para entrar no telejornal que vai ao ar às 20h. A primeira reunião acontece às 10h da manhã com integrantes da equipe telejornalística no Rio de Janeiro, ligados em rede com outras capitais, se reúnem para decidir quais matérias devem ir ao ar e os respectivos repórteres que vão fazer a cobertura jornalística. A reunião da equipe é acompanhada de outra sala, via

computador, pelos diretores do telejornal que às vezes interferem nas decisões da equipe.<sup>91</sup> No relato da jornalista Beth Costa os repórteres recebem ordens para editar as notícias de determinada forma, mas é difícil saber de onde vem estas ordens.<sup>92</sup> No relato de Daniel Herz a produção do Jornal Nacional é fiscalizada diariamente pelo próprio Roberto Marinho<sup>93</sup>

O telejornal é uma produção muito bem cuidada, com grande qualidade técnica e tem grandes índices de audiência: em dados levantados pelo Ibope (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística), o índice de audiência do “Jornal Nacional” é o maior da televisão brasileira em telejornalismo. Esses índices chegaram a 70% de em 1983, em 1989 alcançou os 60 pontos, em 1991 e 1992 esteve num patamar estável de 50% e em 1994 baixou para 45%.<sup>94</sup>

No Brasil assiste-se muito telejornal, tendo estes mais audiência que as telenovelas. Em 1974 os telejornais, tinham 74% de audiências e as telenovelas 63%, em 1991 os telejornais estavam com 81% de audiência e as novelas 70%. De 1986 a 1991 as produções tejournalística aumentaram 35% na televisão brasileira.<sup>95</sup>

O “Jornal Nacional” entrou no ar em 1º de setembro de 1969 e desde a primeira apresentação Cid Moreira é seu locutor dividindo a locução com Hilton Gomes. A preocupação básica do primeiro dia era estritamente técnica, ou seja, a efetivação da transmissão em rede nacional do telejornal. Outra preocupação era desbancar o “Repórter Esso”, o líder de audiência em telejornalismo até então. Nas palavras de Armando Nogueira, um dos editores do telejornal na época:

---

<sup>91</sup> *Programa Vitrine*, Rede Cultura, Fevereiro/93.

<sup>92</sup> *Muito Além do Cidadão Kane*, produzido por Large Door Ltd for Channel Four, 1990.

<sup>93</sup> Herz, Daniel. p. 24.

<sup>94</sup> *Folha de São Paulo*, TV Folha, 10/07/92 e 23/05/95.

<sup>95</sup> *Folha de São Paulo*, TV Folha, 31/05/92.

“Nossa preocupação em matéria de jornalismo- torno a insistir- não ia além da forma, do formato, da parte visual, porque sofriamos restrições ao exercícios da plena liberdade de informação.”<sup>96</sup>

Vemos portanto que, quem trabalhava no telejornal, estava consciente do momento político vigente e não o menosprezava. A primeira notícia dada pelo telejornal foi o anúncio da junta militar que estava governando o país: em virtude de um ataque cardíaco sofrido pelo presidente Arthur da Costa e Silva, assumira o lugar presidencial uma junta militar e não o vice-presidente Pedro Aleixo. Estava ocorrendo uma disputa interna de poder, que mais tarde seria vencida pela “linha dura” dos militares tendo na presidência da República o General Emilio Garrastazu Médici.

O endurecimento do regime já havia se institucionalizado no ano anterior com a criação do AI-5. Após um período de liberalização, o regime se fechou de vez com o AI-5 que atribuiu uma série de poderes ao executivo, entre eles: fechar o Congresso Nacional e assembleias estaduais e municipais; cassar mandatos eleitorais de membros do legislativo e executivo; suspender direitos políticos por 10 anos; direito de demitir, remover, aposentar ou por em disponibilidade funcionários de todos os âmbitos, bem como juizes; suspensão da garantia de *habeas corpus* para crimes contra a Segurança Nacional; o crimes políticos devem ser revogados por tribunais militares; direito de legislar e proibir que o Judiciário aprecie recursos se pessoas acusadas pelo AI-5.

Sob o impacto da Doutrina de Segurança Nacional adotada pelos militares e do “milagre econômico” o “Jornal Nacional” estreou. O telejornal também sofreu o impacto da censura, recebendo a visita de um censor todos os dias. No livro *15 Anos de História é* relatado que a morte de Carlos Lamarca tinha sido noticiada com uma breve nota em virtude

---

<sup>96</sup> Souza, Cláudio Mello. op. cit, p. 13.

do I Exército não liberar a informação.<sup>97</sup> Neste sentido o telejornal deu ênfase ao noticiário internacional e tinha condições de fazê-lo muito bem: o uso de satélites artificiais e a introdução de correspondentes no exterior propiciou ao “Jornal Nacional” fazer um telejornalismo internacional competente. A Globo instalou um escritório de representações em Nova Iorque tendo como correspondente no mesmo local o repórter Hélio Costa. A correspondente Sandra Passarinho passou a fazer a cobertura internacional a partir de Londres, com a abertura de um escritório também nesta cidade.

No relato de Armando Nogueira descrito acima, o redator lamenta o fato da existência da censura, pois com ela não se poderia realizar um telejornalismo pleno. Todavia, o “Jornal Nacional” e a Globo são identificados com o regime militar. Alguns fatores nos levam a esta identificação: em primeiro lugar, a transmissão em rede nacional do telejornal ia de encontro com a ideologia de integração nacional propugnada pelo regime já citados neste trabalho. Roberto Marinho confirmava a aptidão da Globo em ser um veículo de união nacional:

“Procuramos fazer que ela (a Globo) seja, de fato, um poderoso instrumento de consolidação da unidade nacional. Atingindo praticamente todo território do país, acredito ser evidente a contribuição da Rede Globo para a intensificação da difusão e do intercâmbio daqueles conceitos e dados de natureza cultural, social e moral - sem falar na informação, pura e simples - que constituem a base do desenvolvimento nacional em todos os campos e em todos os níveis.”<sup>98</sup>

---

<sup>97</sup> Souza, Cláudio Mello. *op. cit.* p. 79.

<sup>98</sup> Marinho, Roberto. *Uma trajetória liberal*. Rio de Janeiro, Topbook, 1992, p. 213.

Em segundo lugar, a ênfase ao noticiário internacional em detrimento ao noticiário nacional levava ao ar imagens de um Brasil que nada acontecia, tudo era bom, triunfal e grande. O general Médici, presidente brasileiro em 1973, dizia que assistir o “Jornal Nacional” era com tomar um tranqüilizante no final do dia, pois o telejornal mostrava um Brasil sem agitações, greves ou atentados terroristas.<sup>99</sup> Sobre a propalada aliança da Globo com o regime militar Armando Falcão, um dos ministros da Justiça deste governo, comenta em entrevista:

“A Globo tinha uma posição de apoio ao Governo Revolucionário, porque o Dr., o jornalista Roberto Marinho apoiou a Revolução de Março desde antes ela eclodir. Ele foi revolucionário de primeira hora. E continuou, portanto, como revolucionário ao apoiar os governos da revolução”.<sup>100</sup>

Roberto Marinho confirma o apoio ao governo militar:

“Ao deixar comprovado, em recente entrevista com correspondentes internacionais, que a Rede Globo nunca recebeu qualquer concessão de canais, durante os governos militares, objetivei reiterar, mais uma vez, que participamos da Revolução de 1964 identificados com os anseios nacionais de preservação das instituições democráticas, então ameaçadas pela radicalização ideológica, greves políticas, desordem social e corrupção generalizada.”<sup>101</sup>

Neste sentido é que, o telejornal sempre fez uma seleção criteriosa das notícias, fundando uma nova divisão de tempo dentro do telejornal, mais ágil, com notícias de pequena duração e o máximo de atualidade. Os redatores do telejornal tinham consciência da responsabilidade que deveriam ter ao fazer a seleção das notícias, considerando aspectos

---

<sup>99</sup> Citado por Silva, Carlos Eduardo Lins da. op. cit. p. 39.

<sup>100</sup> Falcão, Armando, em entrevista ao documentário *Muito Além do Cidadão Kane*.

<sup>101</sup> Marinho, Roberto. op. cit., p. 228.

regionais(o que pode ser uma notícia interessante em São Paulo pode não ser em Fortaleza) ou também considerando a omissão de certas imagens fortes ou violentas.

A Globo passa por uma inovação visual a partir de 1973. Como disse Armando Nogueira, a preocupação principal naquele momento era com a forma. Com a introdução da cor na TV, o “Jornal Nacional” passa a ter novos efeitos visuais. As inovações vão desde a introdução do “cromaqui”, fundo azul sobre o qual pode-se jogar qualquer imagem, os chamados “selos”; passando pelas vestimentas dos apresentadores, tendo como consultora a estilista Cristina Franco; até chegar nos primeiros logotipos produzidos pelo designer alemão Hans Donner no ano de 1975. A partir de então a revolução visual da Globo e do Jornal Nacional não parou, aperfeiçoando-se e transformando-se a cada dia.

A partir do ano de 1974 começa a haver uma mudança no regime imposta pelos militares. Com a saída do General Médici da presidência da República e a entrada do General Ernesto Geisel começa uma nova fase do governo militar: a distensão. O projeto econômico da ditadura, representado pelo milagre econômico já começava a enfrentar dificuldades. Tratava-se de diminuir as tensões sociais através da participação política controlada pelo governo, cooptando setores oposicionistas, desmantelando gradativamente alguns mecanismos de coerção legal, bem como relevando-se o sistema eleitoral. A distensão estava em concomitância com o modelo econômico preceituado pela Doutrina de Segurança Nacional, preservando também os principais aspectos do aparelho repressivo. Toda a política de liberalização seria feita de maneira gradual, suspendendo-se parcialmente a censura prévia, revogando-se também o AI-5 e controlando-se a constituição com outros mecanismos. Na tentativa de se conseguir uma maior legitimidade através do embasamento

eleitoral, diminuiu-se a coerção, controlando-se os cargos executivos e a maioria no Congresso para garantir a aprovação dos projetos legislativos governamentais.<sup>102</sup>

O governo esperava a vitória através do partido situacionista, a ARENA. Entretanto o MDB conquistou a maioria dos votos para a Câmara e para o Senado. As transformações do poder central são vagarosas e as do telejornal também, mas elas existem e no dia 20 de novembro de 1974 o telejornal noticia em manchete a “expressiva superioridade” do MDB nas eleições parlamentares. Porém, o próprio redator Armando Nogueira admitiu que a televisão não correspondeu a sua capacidade de ação na cobertura das eleições de 1974, que as eleições “foram um desafio a que a televisão não respondeu bem.” Nogueira não soube explicar o porque desse desempenho: “Deve ter sido o astral. Na realidade, contou muito a nossa experiência na cobertura das eleições majoritárias de 1974.”<sup>103</sup>

A “distensão” passava por momentos difíceis no final do ano de 1975 com a morte do jornalista Wladimir Herzog nas dependências do DOI-CODI de São Paulo. A má repercussão do caso fez com que o presidente Geisel afastasse do comando do Exército o general Ednardo D’Avila Mello e nomeasse em seu lugar o general Dilermando Gomes Monteiro. Com o governo desgastado eram necessárias novas medidas para as eleições municipais de 1976 e, com o auxílio do SNI, o governo federal tomou conhecimento através de pesquisas que o uso dos meios de comunicação de massa havia propiciado à oposição a vitória de 1974. Neste sentido, em junho de 1976, o governo baixa um decreto-lei criando a chamada Lei Falcão, porque assinada pelo então Ministro da Justiça Armando Falcão. A Lei Falcão limitava a apresentação dos partidos e candidatos na televisão e no rádio, o candidato era mostrado apenas por uma fotografia, com seu nome, número e

---

<sup>102</sup> Alves, Maria Helena Moreira. *op. cit.* p. 185 a 187.

<sup>103</sup> Souza, Cláudio Mello. *op. cit.* p. 195.

currículo. Idéias do candidato, plataforma política do partido ou críticas ao governo não podiam ser veiculadas.<sup>104</sup> Nestas condições, o partido da situação, a ARENA, conseguiu a maioria dos votos nas eleições de 1976.

Na eleição de 1976 a Globo e o Jornal Nacional mobilizaram um grande contingente de repórteres para fazer a cobertura do fato. A proposta era, no plano do editor-chefe da Central Globo de Jornalismo de Brasília, Antônio Carlos Drummond, pela primeira vez cobrir todo o país com repórteres de vídeo e de áudio da Rede Globo. O repórter Costa Manso ficaria com a função de um “archorman”, centralizando as informações que vinham de todo país sobre as eleições. Após ter sido iniciada a apuração dos votos o telejornal noticiou o que já era esperado: a vitória do MDB nos grandes centros urbanos e da ARENA nas pequenas localidades. A imagem e a fala do presidente Ernesto Geisel foi transmitida em rede nacional: “Minha satisfação resulta da grande vitória que, parece, a ARENA está alcançando.”<sup>105</sup>

Outras medidas foram tomadas pelo governo no sentido de se barrar o avanço da oposição, que poderia prejudicar a distensão controlada, após as eleições de 1976: entre elas está o Pacote de Abril de 1977, decretado através de prerrogativas, atribuídas ao Presidente da República pelo AI-5, de fechar o congresso. No Pacote de Abril estavam medidas tais como a criação dos senadores “biônicos” ou nomeados para 1/3 da representação do Senado, modificação com maior controle da representação do colégio eleitoral que deveria escolher o presidente da república, mantendo-se ainda as medidas da Lei Falcão acerca da propaganda eleitoral. A oposição ao regime, em suas diferentes vertentes, aglutinava-se no único partido oposicionista. Este partido era o MDB que apoiado aos movimentos de base

---

<sup>104</sup> Alves, Maria Helena Moreira. *op. cit.* p. 190.

<sup>105</sup> Citado por Souza, Cláudio Mello. *op. cit.* p. 198.

que estavam reorganizando-se amplia sua representação no Congresso Nacional, apesar da legislação casuista. Estava ameaçado o Estado de Segurança Nacional e no mesmo ano é revogado o AI-5. A oposição amplia-se no Congresso, mas o governo ainda dispunha do controle da Colégio Eleitoral, elegendo-se presidente da república o General João Batista Figueiredo. É então iniciada a política de “abertura”.

A Globo, consciente do contexto político de reorganização das oposições, começa a fazer uma reformulação na sua programação. Já desligada dos artistas popularescos, que outorga lhe trouxera audiência, e efetivado o chamado padrão Globo de qualidade, a emissora passa a investir na produção de programas mais ligados a realidade nacional, como as séries brasileiras feitas em 1979. Não só a Globo, mas outras emissoras tentam adequar-se ao contexto político produzindo programas jornalísticos de debates e entrevistas.

A presença dos grupos organizados da oposição foi de suma importância dentro do processo de abertura, fazendo frente ao Estado e abrindo espaços de atuação. A CNBB, a OAB, a ABI, setores organizados do MDB e o surgimento de novos movimentos sociais, como também do “Novo Sindicalismo” foram fundamentais na tentativa de se golpear o Estado de Segurança Nacional.

Podemos chamar os movimentos sociais surgidos no final da década de 70 de “Novos Movimentos Sociais” pois eles questionaram a ordem autoritária existente no Estado e no seio do próprio movimento. Eduardo Viola e Scott Mainwaring qualificam, através de tipos ideais, os “novos movimentos sociais” de movimentos democráticos radicais que desafiaram o regime e cultura política do país. Na definição dos autores os movimentos democráticos radicais “combinam a crença na democracia política com a

preocupação com o igualitarismo social”.<sup>106</sup> Os mais importantes movimentos analisados pelos autores são: as comunidades eclesiais de base (CEBs), ligadas à Igreja Católica, o movimento ecológico, e o movimento de direitos humanos, que era composto pela Comissão Justiça e Paz da Igreja Católica, pela Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e pelo Movimento Feminino pela Anistia. Tais movimentos nasceram sob um momento político autoritário (a partir de 1964) questionando as práticas da esquerda tradicional leninista e do populismo, valorizando as práticas democráticas e participativas, rejeitando a relações elitistas e hierarquizadas preferindo a solidariedade, a expressividade pessoal, a autogestão, a cooperação ao invés da competição.

Questionando também as práticas políticas elitistas e tradicionais tomou corpo também no final dos anos 70 o movimento sindical denominado de “novo sindicalismo”. Surgido entre os trabalhadores metalúrgicos do ABC paulista, este movimento lutava “contra a superexploração do trabalho (estampada na ação contra o arrocho salarial), contra a legislação repressiva que regulava a ação sindical, contra o sindicalismo atrelado”<sup>107</sup>, fazendo o trabalho reemergir no cenário político e social. O movimento sindical expandiu-se, efetivando-se também entre setores da classe média (bancários e professores universitários) e trabalhadores rurais, criando-se a partir de então uma série de associações sindicais e profissionais. No começo da década de 80, foram criadas as centrais sindicais: CUT e CONCLAT, transformando-se esta mais tarde em CGT.

Em face do movimento oposicionista emergente o regime cede às pressões que vinha recebendo através da promulgação da Lei da Anistia em 1979. A concessão da anistia aos

---

<sup>106</sup> Viola, Eduardo; Mainwaring, Scott. "Novos movimentos sociais. Cultura política e democracia: Brasil e Argentina" in Scherer-Warren, Ilse; Krischke, Paulo J. *Uma Revolução no Cotidiano? Os novos movimentos sociais da América do Sul*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1987, p. 122.

<sup>107</sup> Antunes, Ricardo. *O Novo Sindicalismo*. São Paulo, Editora Brasil Urgente, 1991, p. 17.

exilados e presos políticos ficou aquém daquela anistia exigida pelos grupos opositores ao regime e foi o resultado de uma intensa negociação da oposição com o regime militar. Ainda assim, a Lei de Anistia foi um avanço uma vez que todos exilados retornaram ao país e todos presos políticos foram soltos após estudo de caso por caso.<sup>108</sup>

No mesmo ano de 1979, foi feita também a reforma partidária com a criação de novos partidos: o PDS (Partido Democrático Social, antiga Arena), o PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro, antigo MDB partido oposicionista), o PT (Partido dos Trabalhadores, nascido do “novo sindicalismo” e dos “novos movimentos sociais” descritos acima), o PP (Partido Popular, integrado por empresários da área financeira), o PTB (Partido Trabalhista Brasileiro, liderado por Ivete Vargas, tentando obter a herança política do tio Getúlio Vargas) e o PDT (Partido Democrático Trabalhista, liderado por Leonel Brizola, verdadeiro herdeiro do trabalhismo dos ex-presidentes Getúlio Vargas e João Goulart).

Diante da movimentação de tais grupos oposicionistas a imprensa, inclusive a imprensa televisionada, não poderia menosprezar a conjuntura existente. A Globo e o Jornal Nacional, na defesa de uma chamada neutralidade do jornalismo, deixaram de noticiar a greve dos metalúrgicos de 1978.<sup>109</sup> Sobre este episódio Luiz Inácio Lula da Silva, presidente do sindicato dos metalúrgicos de São Bernardo no período da greve declarou: “Globo só mentia a respeito da greve, só informava sobre os interesses patronais.”<sup>110</sup>

Roberto Irineu Marinho explica o porquê o “Jornal Nacional” toma certos cuidados ao veicular certas notícias sobre movimentos populares:

---

<sup>108</sup> Alves, Maria Helena Moreira. op. cit. p. 269.

<sup>109</sup> Silva, Carlos Eduardo Lins da. op. cit. p. 39.

<sup>110</sup> Entrevista de Luiz Inácio Lula da Silva ao documentário *Muito Além do Cidadão Kane*.

“A transmissão ao vivo de alguns acontecimentos como reuniões, comícios, greves etc pode transformar o veículo em um poderoso alto-falante para todos esses fatos, conferindo-lhe, por vezes, uma dimensão que eles não têm. Transformar um discurso que, por sua natureza, estaria destinado, no máximo, a uma dez mil pessoas em um comício eletrônico para um milhão de pessoas, seria trabalhar com dois pesos e duas medidas. Uma insensatez. E nós não podemos ser insensatos.”<sup>111</sup>

As mudanças aconteciam no telejornal, mas elas eram lentas demais em relação à realidade dos movimentos oposicionistas ao regime militar. Já em 1985 Carlos Eduardo Lins da Silva em seu trabalho sobre o “Jornal Nacional”, cita o reconhecimento da necessidade de mudanças no telejornal feito por um editor no seguinte parágrafo:

“Um dos editores do Jornal Nacional no Rio de Janeiro faz uma análise do que ocorreu com o noticioso desde que caiu a censura governamental. Ele reconhece que hoje há mais divergência no ar. “A Globo tem de acompanhar a tendência geral.” Nem que seja apenas por uma questão de mercado, o tom oficialista do “Jornal Nacional” teve de ser abandonado. Não podíamos mais continuar tentando vender um produto tão impopular como o ministro Delfim Neto”<sup>112</sup>

Em 1982, a Globo e o “Jornal Nacional” sofreram duras críticas. Estas críticas estavam relacionadas com as eleições que aconteceram no mesmo ano e elegeram pela primeira vez, desde a instauração do AI-5, os governadores de estado. Os partidos que participaram do pleito foram criados com a Reforma Eleitoral participaram. O governo lançou-se de artifícios para ganhar as eleições: o voto vinculado (o eleitor deveria votar em candidatos do mesmo partido em todos os níveis), a continuidade da Lei Falcão para a

<sup>111</sup> Souza, Cláudio Mello. *op. cit.* p. 53.

<sup>112</sup> Silva, Carlos Eduardo Lins da. *op. cit.* p. 40.

propaganda política e a proibição de debates entre candidatos nos meios de comunicação. O PDS acabou vencendo em 12 Estados e o PMDB em 9, mas a maior surpresa dessas eleições ficou para o Estado do Rio de Janeiro com a vitória de Leonel Brizola.

Todavia, a vitória de Brizola de 1982 foi conseguida no meio de fortes tensões: os votos precisaram ser recontados após tentativa de fraude eleitoral. A recontagem garantiu a vitória do candidato do PDT, considerado inimigo do regime. É neste episódio que entra a Globo e o “Jornal Nacional” foram acusados de manipular os dados da apuração no sentido de beneficiar os fraudadores. Mesmo com tais críticas recebidas e com a entrada de mais um forte concorrente na televisão brasileira, o Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) emissora do empresário e apresentador Sílvio Santos, a Globo continuou tendo altos índices de audiência. Quanto incidente do Rio de Janeiro, Armando Nogueira no livro *15 Anos de História* não aceita que haja havido má fé por parte do telejornal:

“O que houve nas apurações dos votos para Governador do Rio de Janeiro, foi um equívoco. Nosso sistema de contagem e de soma de votos não condizia com a nossa necessidade de informação instantânea. Ficamos com os números atrasados e acabou acontecendo aquilo tudo. É interessante observar que, em todos os locais, em todas as outras praças em que nós montamos o nosso próprio sistema de apuração, condizente com a instantaneidade requerida pelo veículo, não houve o menor problema.”<sup>113</sup>

Mas, esta não seria a única crítica sofrida pela Globo e pelo Jornal Nacional. Outras críticas viriam na cobertura da Globo em relação ao maior movimento de massa conhecido no Brasil: o movimento das Diretas-já em 1984. O movimento colocava em xeque o regime militar e a legitimidade das eleições indiretas. Por esta via, já havia se desencadeado a

---

<sup>113</sup> Souza, Cláudio Mello. op. cit. p. 204.

sucessão presidencial e os candidatos eram Paulo Maluf, Mário Andreazza e o vice-presidente Aureliano Chaves.

Organizando o movimento das Diretas-já estavam os partidos de oposição: o PMDB, o PT, o PT e o PDT. Os partidos comunistas estavam na clandestinidade e abrigavam-se no PMDB. O objetivo principal do movimento era aprovar uma emenda constitucional formulada pelo deputado Dante de Oliveira que previa eleições para presidente da República no ano de 1984. A emenda seria votada no dia 15 de abril do mesmo ano. As grandes aglomerações de pessoas pedindo eleições diretas começaram na cidade de Curitiba em janeiro de 1984 com um comício com cerca de 30000.<sup>114</sup> Este foi o primeiro de uma série de comícios que reuniram milhares de pessoas nas ruas e praças brasileiras..

No dia do aniversário de São Paulo, a oposição reuniu cerca de 200.000 pessoas na Praça da Sé. Na mesma semana o instituto Gallup, em pesquisa nacional, concluía que 81% dos entrevistados defendia a eleição direta.<sup>115</sup> Neste dia o “Jornal Nacional” noticia o comício de São Paulo em poucos minutos, como uma das atrações dos festejos do aniversário da cidade.

Os comícios se multiplicaram e se avolumaram, mas a sucessão presidencial pela eleição indireta continuava. Cada candidato tentava conseguir um leque de apoio dentro do círculo governamental: o então deputado Paulo Maluf conseguira os apoios do general Golbery do Couto e Silva e do senador Roberto Campos, o vice-presidente Aureliano Chaves tinha o apoio do general Ernesto Geisel e Mário Andreazza tentava o apoio do presidente da República, o general João Batista Figueiredo.<sup>116</sup> Para o governo a eleição direta estava descartada para aquele ano, a preocupação dos militares era com a vitória do

---

<sup>114</sup> Dado divulgado pela revista *Veja*, 18/01/84.

<sup>115</sup> Dado divulgado pela revista *Veja*, 01/02/84.

<sup>116</sup> Revista *Veja*, 01/02/84.

governador do Rio de Janeiro Leonel Brizola para a presidência da República. O presidente do PDS na época, o senador José Sarney estava confiante com a maioria governista no congresso para derrotar a emenda Dante de Oliveira.<sup>117</sup>

O número de pessoas que participavam dos comícios e manifestações não parava de crescer: no final de fevereiro meio milhão de pessoas já havia saído às ruas.<sup>118</sup> O governo propunha à oposição eleições diretas para 1988, mas a oposição se negava a negociar tal data.<sup>119</sup>

Mesmo com o crescimento do movimento das Diretas, um parte do PDS tentava buscar um entendimento com os “liberais” de outros partidos. Um dos interlocutores era o senador Fernando Henrique Cardoso que sustentava que o PMDB necessitava definir uma estratégia caso a emenda Dante de Oliveira não fosse aprovada. Esta estratégia seria a participação do partido na eleição direta disputando a presidência da República.<sup>120</sup>

O mês de abril foi o mês das grandes concentrações, sobretudo em São Paulo e no Rio de Janeiro. A Globo, que até então fizera uma pequena cobertura das manifestações populares, passara a dar maior espaço nos telejornais para as mesmas. Uma pesquisa sobre a imagem pública da Globo, encomendada pela própria emissora e feita pelo Ibope, revelava que seus telespectadores achavam que ela deveria cobrir a campanha pelas eleições diretas.<sup>121</sup>

No dia 25 de abril foi feita a votação da emenda Dante de Oliveira. Não era tarefa fácil para a oposição, pois ela necessitava de dois terços dos votos do congresso para aprovar a emenda. O governo usando um dispositivo constitucional, as chamadas medidas

---

<sup>117</sup> Revista *Veja*, 15/02/84.

<sup>118</sup> Dados divulgados pela revista *Veja*, 22/02/84.

<sup>119</sup> Revista *Veja*, 14/03/84.

<sup>120</sup> Revista *Veja*, 21/03/84.

<sup>121</sup> Revista *Veja*, 04/04/84.

de emergência, pressionou o Congresso, as rádios e as televisões. O governo fizera chegar ao Congresso uma emenda constitucional que restabelecia a volta das eleições diretas para presidente no ano de 1988.<sup>122</sup>

No dia da votação o governo tomou providências e fez censura prévia de todo material jornalístico que era feito no Distrito Federal e direcionado para as rádios e televisões. O Palácio do Planalto sabia que tal medida poderia ser inconstitucional, mas sabia também que dificilmente as emissoras de rádio e televisão entrariam com qualquer ação na justiça, pois tinham o temor de perder a concessão governamental.<sup>123</sup>

Com a derrota da emenda no dia 25 de abril, contrariando os anseios populares, parte da oposição tenta uma nova articulação. Cerca de 48 horas depois da derrota oito dos nove governadores nordestinos do PDS já se manifestavam a favor da candidatura de Tancredo Neves para a presidência da República.<sup>124</sup> Estava nascendo uma aliança que mais tarde elegeria Tancredo Neves a presidência da República pela via indireta.

No período da votação da emenda o jornalismo da televisão esteve sob censura. De acordo com notícia da revista *Veja*, a Globo havia sido visitada por um representante do Dentel e foi repreendida por ter mostrado no “Jornal Nacional” uma manifestação pró-diretas ocorrida em Nova York. Todos os textos e *tapes* eram examinados pelos censores, o que deixa os editores preocupados com a ameaça do Dentel (Departamento Nacional de Telecomunicações) de lacrar os transmissores. Roberto Irineu Marinho, em reunião permanente com Armando Nogueira reagira contra a censura: “Censuraram até o ‘etc.’, assim não dá”.<sup>125</sup>

---

<sup>122</sup> Revista *Veja*, 25/04/84.

<sup>123</sup> Revista *Veja*, 25/04/84.

<sup>124</sup> Revista *Veja*, 02/05/84.

<sup>125</sup> Revista *Veja*, 02/05/84.

Para Gabriel Prioli, a Globo foi censurada pelo regime militar mas o exaltou em muitos momentos. E ressalta que a Globo não tem uma vocação necessariamente militar, mas tem uma “vocação governista”.<sup>126</sup>

Com a morte de Tancredo Neves em 21 de abril de 1985 quem assume o cargo é o vice José Sarney, ex-presidente do PDS e agora integrante da aliança entre PMDB e PDS, a chamada Frente Liberal. As primeiras eleições presidenciais após a ditadura ficaram para 1989. Este governo, presidido por José Sarney e formado pela aliança democrática foi chamado de Nova República. Apesar da Nova República não ter um militar em seu comando, não efetuava um rompimento com o governo anterior carregando consigo elementos deste. Sobre esta situação comenta Maria do Carmo Campelo de Souza:

“Como se sabe, a transição brasileira levou a Nova República a se instalar sobre os alicerces institucionais do regime autoritário mais que sobre seus escombros, permitindo que se mantivesse na condução dos rumos políticos a maior parte da elite política e da administração do regime anterior.”<sup>127</sup>

Quando Sarney assumiu o governo a inflação era de 200% ao ano; quando deixou o governo, após uma série de planos econômicos, entre eles o Plano Cruzado que teve grande apoio popular, a inflação era de 2000% ao ano e o governo Sarney desacreditado.<sup>128</sup>

José Sarney convocou uma Assembléia Nacional Constituinte que foi concluída em 1988. A Carta de 88 trouxe alguns avanços sociais, mudando também todo o processo de concessão de rádio e televisão. Até então, quem fazia a concessão era o presidente da República, a partir de 88 todas autorizações e renovações de emissoras de rádio e televisão

---

<sup>126</sup> Entrevista ao documentário *Muito Além do Cidadão Kane*.

<sup>127</sup> Souza, Maria do Carmo Campelo de. “A Nova República Brasileira: sob a espada de Dâmocles”. in Stepan, Alfred. *Democratizando o Brasil*. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1988, p. 568.

<sup>128</sup> *Dados O Estado de São Paulo*, 25/12/94.

tem passagem obrigatória pelo congresso. O clientelismo teve forte presença durante a “Nova República” o governo dava, em troca de apoio parlamentar, recursos do Estado e “patronagem estatal”.<sup>129</sup> Uma das moedas de troca era a concessão de canais de televisão e rádio dada aos parlamentares. José Sarney foi o presidente que mais fez distribuição de concessões, 1028 no total sendo que 539 foram promulgadas meses antes da constituição ser outorgada. Cerca de um mês antes de conseguir a aprovação do Congresso para ter um mandato de 5 anos, autorizou a concessão de canais de rádio e televisão para cerca de 282 pessoas ou empresas.<sup>130</sup>

Talvez a maior polêmica que envolveu-se a Globo e o “Jornal Nacional” aconteceu na eleição de 1989, que elegeu o sucessor de José Sarney. Durante todo processo eleitoral existiam o rumores do apoio de Roberto Marinho e de sua televisão a um candidato que estava a frente das pesquisas: Fernando Collor de Mello. A disputa de um segundo turno entre Collor e Luiz Inácio Lula da Silva foi acirradíssimo, polarizando a eleição. A crítica maior sobre a Globo foi a forma pela qual foi feita a edição do segundo debate entre os dois candidatos mostrada no “Jornal Nacional” beneficiando claramente Collor de Mello. Sobre esta edição Armando Nogueira, logo aposentado de suas funções no telejornalismo da Globo, declarou:

“Eu, quando fui ao dono da empresa, protestar contra a exibição do compacto que foi feito à minha revelia disse: Dr. Roberto, eu não vi este compacto, e se tivesse visto teria impedido que fosse para o ar e se eu não pudesse ter impedido iria dizer ao senhor o que eu vou dizer agora: a rede Globo foi infeliz, fez uma edição burra. Burra! Porque não precisava ser burra.”<sup>131</sup>

<sup>129</sup> Souza, Maria do Carmo Campello de. op. cit. p. 603.

<sup>130</sup> Dados Revista *Democracia-Ibase*, n 108, novembro/dezembro 94, p. 12.

<sup>131</sup> Entrevista ao documentário *Muito Além do Cidadão Kane*.

### III

## ***O JORNAL NACIONAL E A ELEIÇÃO DE 1994***

O objetivo deste estudo é, a partir da observação sistemática e diária do telejornal, analisar como foram veiculadas as notícias em determinado período. O período escolhido, do dia 25 de junho ao dia 5 de outubro de 1994, coincide com o campeonato mundial de futebol, com a implantação de nova moeda no país e com a abertura oficial da campanha eleitoral.

No começo do ano de 1994 Luiz Inácio Lula da Silva parecia ser único candidato em condições de ganhar a eleição presidencial. Uma pesquisa feita em 3 cenários na primeira semana de janeiro apontava Lula como o mais votado com 30% a 32% na preferência dos eleitores em todos o cenários.<sup>132</sup>

O então Ministro da Fazenda Fernando Henrique Cardoso já admitia a sua candidatura a presidência da República criticando desde aquele momento a candidatura petista, acusando-a de não ter um projeto para o Brasil.<sup>133</sup> O grande projeto do ministro era sem dúvida o plano de estabilização da economia que tinha algumas etapas a serem seguidas: o ajuste fiscal através da elevação de impostos e corte de gastos da União, no

---

<sup>132</sup> *Folha de S. Paulo*, 12/01/94.

<sup>133</sup> *O Globo*, 17/01/94.



intuito de se equilibrar as contas do Tesouro; a criação de um Fundo Social de Emergência, que reteria 15% dos recursos que seriam enviados para os estados e municípios e foi aprovado pelo Congresso Revisor em fevereiro,<sup>134</sup> a criação da URV(Unidade Real de Valor) uma espécie de indexador da economia atrelado ao câmbio e com cotação fixada diariamente pelo Banco Central que passou a vigorar a partir do dia 1º de março.<sup>135</sup> Finalmente, o último passo foi a transformação da URV em uma nova moeda, o real.<sup>136</sup>

O plano de estabilização já recebia com algumas críticas das centrais sindicais, como a CUT(Central Única dos Trabalhadores), a Força Sindical e a CGT(Confederação Geral dos Trabalhadores), descontentes com os métodos de conversão dos salários em Unidade Real de Valor pela média dos últimos 12 meses. A perda real do salário mínimo calculada pelo DIEESE seria de 33,62%<sup>137</sup>, da mesma forma que o salário mínimo era previsto em menos de US\$70,00 na conversão para URV.<sup>138</sup>

A procura de um nome que fosse um contraponto ao nome de Luiz Inácio Lula da Silva estava sendo estudado. Antônio Britto, ex-ministro da Previdência Social encontrou-se com Pedro Simon, líder do governo Itamar Franco no Senado Federal, no final do mês de janeiro a fim de articular uma aliança social democrata que faria frente a candidatura Lula, era a tentativa de formar uma chapa anti-Lula.<sup>139</sup> O governador da Bahia, Antônio Carlos Magalhães, por sua vez, acenava em direção de uma aliança de seu partido, o PFL, com o PSDB, partido de Fernando Henrique Cardoso, tendo o próprio ministro como candidato a

---

<sup>134</sup> *O Estado de S. Paulo*, 09/02/94.

<sup>135</sup> *Jornal do Comércio*, 27/02/94.

<sup>136</sup> *O Globo*, 19/01/94.

<sup>137</sup> *Gazeta Mercantil*, 21/01/94.

<sup>138</sup> *Folha de S. Paulo*, 07/02/94.

<sup>139</sup> *O Estado de São Paulo*, 31/01/94.

Presidência da República.<sup>140</sup> Itamar Franco também tentava influir no processo eleitoral considerando ideal a candidatura do Senador Fernando Henrique Cardoso.<sup>141</sup>

Os partidos de centro-esquerda estavam caminhando para uma aliança em torno do nome de Lula, aliança esta que poderia abranger o PC do B (Partido Comunista do Brasil), o PSB (Partido Socialista Brasileiro), o PPS (Partido Popular Socialista), o PV (Partido Verde), o PSTU (Partido Socialista dos Trabalhadores Unidos), tentando também atrair setores do PSDB e do PMDB e também Leonel Brizola.<sup>142</sup> O jornal *O Globo* noticiara que Lula havia tentado uma aproximação com o PSDB, mas a tendência que se verificava neste momento era a não efetivação da aliança com o partido tucano, não havia uma concordância em torno do plano Real entre os dois partidos: o PT se posicionava contra o plano.<sup>143</sup>

Mesmo com as críticas do movimento sindical em função das perdas salariais estimadas pelo DIEESE (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócios Econômicos) entre 27% e 39% e a fixação do salário mínimo em \$64,00,<sup>144</sup> a candidatura do Ministro Fernando Henrique Cardoso a Presidência da República é lançada 3 dias depois da “urvização” da economia pelo presidente nacional do PSDB Tasso Jereissati.<sup>145</sup> FHC já tinha o apoio do Presidente Itamar Franco que declara a continuidade do plano de estabilização mesmo com a ausência de Cardoso no Ministério da Fazenda.<sup>146</sup> Mais da metade da população brasileira (51%) já dava um voto de confiança no plano econômico do

---

<sup>140</sup> *Folha de S. Paulo*, 28/02/94.

<sup>141</sup> *Jornal do Brasil*, 28/02/94

<sup>142</sup> *Jornal do Brasil*, 05/02/94.

<sup>143</sup> *O Globo*, 01/03/94.

<sup>144</sup> *Jornal do Brasil*, 01/03/94.

<sup>145</sup> *Jornal do Brasil*, 03/03/94.

<sup>146</sup> *O Globo*, 05/03/94.

ministro da Fazenda achando que o governo iria atingir o seu objetivo principal: derrubar a inflação.<sup>147</sup>

Fernando Henrique anuncia definitivamente sua saída do ministério para o final do mês de março<sup>148</sup> e desponta como o candidato com menor índice de rejeição naquele momento. Na mesma pesquisa Lula ainda mantinha a liderança da corrida presidencial com 29% das intenções de votos; Fernando Henrique Cardoso ocupava a 2ª posição junto com Paulo Maluf com 11% das intenções de votos.<sup>149</sup>

A candidatura de FHC já recebia uma série de adesões vindas do empresariado paulista. Os empresários defendiam também a união das forças de “centro” através de uma aliança entre o PSDB e o PFL.<sup>150</sup> As adesões recebidas por Fernando Henrique Cardoso esvaziaram o leque apoios de Paulo Maluf prefeito de S. Paulo, que toma a iniciativa de não participar da eleição.

O PSDB passa a adotar o plano de estabilização do ministro da Fazenda como programa de governo do partido alegando que a tentativa de estabilizar a economia é um projeto de médio prazo e que não se acabava com o governo Itamar Franco.<sup>151</sup>

A saída de Fernando Henrique Cardoso do ministério da Fazenda é acertada para o dia 30 de março e é escolhido para ocupar seu lugar o então ministro do Meio Ambiente e da Amazônia Legal Rubens Ricúpero. Rubens Ricúpero era, naquele momento, considerado um diplomata de credibilidade e afinado com a política econômica de FHC.<sup>152</sup>

---

<sup>147</sup> Pesquisa feita pelo “InformEstado”, publicada em *O Estado de S. Paulo*, 09/03/94.

<sup>148</sup> *O Globo*, 13/03/94.

<sup>149</sup> *Jornal do Brasil*, 18/03/94.

<sup>150</sup> *O Globo*, 28/03/94.

<sup>151</sup> *Jornal do Brasil*, 20/03/94.

<sup>152</sup> *O Estado de S. Paulo*, 26/03/94.

A Frente Brasil Popular é formalizada em apoio a candidatura de Lula com a presença do PT, PSB, PPS, PC do B, PV, PSTU, PMN. O PDT de Leonel Brizola não participou da frente lançando a candidatura do Governador do Rio de Janeiro à Presidência da República.<sup>153</sup> Lula ainda mantinha liderança em pesquisa realizada pelo “DataFolha” com 36% das intenções de votos, mas Fernando Henrique Cardoso havia quase dobrado seu índice de 11% para 20%, pulando para 2º lugar isolado na corrida à eleição presidencial.<sup>154</sup> FHC conseguiu ampliar o rol de partidos que o apoiavam incluindo na aliança o PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) com a desistência de José Andrade Vieira, presidente do partido, da candidatura a presidência da República.<sup>155</sup>

A tendência era desde este momento, com a definição das candidaturas, uma polarização entre Luiz Inácio Lula da Silva e Fernando Henrique Cardoso. A bipolaridade das duas candidaturas é de fato confirmada no decorrer do processo eleitoral, cada qual com suas propostas distintas para o Brasil. A primeira proposta incluía no o inter rompimento do programa de privatizações e sua revisão, pois segundo o programa petista, o PND (Programa Nacional de Desenvolvimento) fazia parte de um “ajuste neoliberal” que implicava na desorganização das empresas estatais “e a liquidação de patrimônio público a preço vil e em condições suspeitas, com o favorecimento de grandes grupos privados e de forma dissociada de uma estratégia de política industrial”;<sup>156</sup> reforma agrária através de um levantamento das terras improdutivas com crédito subsidiado, assistência técnica, preço mínimo assegurado sem esquecer a importância do movimento sem-terra para a efetivação

---

<sup>153</sup> *Jornal do Comércio*, 06/04/94.

<sup>154</sup> *Folha de S. Paulo*, 10/04/94.

<sup>155</sup> *Jornal do Brasil*, 13/04/94.

<sup>156</sup> *Uma Revolução Democrática no Brasil: Bases do Programa de Governo, Lula Presidente. 1994, Partido dos Trabalhadores.*

do projeto de reforma agrária,<sup>157</sup> no setor de educação a prioridade é melhoria na qualidade de ensino aumentando a oferta de vagas,<sup>158</sup> na área de saúde a prioridade do era no investimento do saneamento básico e a implantação de uma política de saúde preventiva,<sup>159</sup> a contribuição com a Segurança Pública seria através da criação de micropresídios nos bairros com os presos prestando serviços a comunidade<sup>160</sup>

O segundo projeto, representado por Fernando Henrique e seus apoiadores, defendia o fim da inflação com a continuidade do programa de estabilização; abertura da economia; aceleração do processo de privatização, reforma fiscal, reforma administrativa com qualificação e enxugamento da máquina; nova política industrial para o setor privado com estímulo governamental permanente;<sup>161</sup> uma reforma agrária “factível” que pudesse privilegiar as áreas de conflito e tivesse programas de apoio como a irrigação e a eletrificação; segundo o próprio candidato “...a reforma agrária não pode ser mais uma bandeira ideológica ou de agitação política”;<sup>162</sup> melhoria da qualidade de ensino, não significando necessariamente um aumento no número de vagas, mas na descentralização do sistema de ensino<sup>163</sup>, prometia mais verbas para a área de saúde e a volta dos médicos de bairro,<sup>164</sup> a segurança pública poderia ser mantida com a utilização do Exército desempenhando a função de polícia.<sup>165</sup>

---

<sup>157</sup> *Jornal do Brasil*, 11/06/94.

<sup>158</sup> *Jornal do Brasil*, 19/06/94.

<sup>159</sup> *O Globo*, 20/06/94.

<sup>160</sup> *O Globo*, 27/06/94.

<sup>161</sup> *Gazeta Mercantil*, 29/07/94.

<sup>162</sup> *Jornal do Brasil*, 11/06/94.

<sup>163</sup> *Jornal do Brasil*, 19/06/94.

<sup>164</sup> *O Globo*, 20/06/94.

<sup>165</sup> *O Globo*, 27/06/94.

Estavam expostos dois projetos nacionais e a questão é saber como estes dois projetos foram tratados pelo “Jornal Nacional”. O Plano Real teve forte impacto sobre a eleitorado brasileiro e teve uma grande cobertura pelo noticioso.

- **O tempo das notícias**

O telejornal durou no período em média 25 minutos, mas a metragem de tempo pode ser aumentada ou diminuída devido a episódios conjunturais que ou merecem uma cobertura jornalística mais aprofundada ou obrigam o telejornal a encurtar seu tempo. O “JN” é feito para durar 28 minutos, sem contar os intervalos comerciais, mas em parte do período analisado o noticioso teve seu tempo encurtado devido à propaganda eleitoral gratuita, diminuindo-se a média do tempo. Ao todo, foram assistidos cerca de 2208 minutos de telejornal, os temas escolhidos para a análise do tempo foram: o tema eleição, que se refere à cobertura dada sobre a campanha eleitoral e o dia a dia dos candidatos; os temas Lula e FHC referem-se às notícias dadas sobre cada candidato e que são veiculadas excepcional e separadamente do bloco de notícias sobre as eleições. Dentro bloco das eleições, todos os candidatos tiveram o mesmo espaço de tempo concedido pelo telejornal. Os temas Lula e FHC foram subdivididos em referências negativas e as referências positivas dadas pelo telejornal em suas reportagens para cada candidato. Como referências negativas foram consideradas as notícias que mostravam as adversidades da campanha enfrentadas pelos candidatos, por referências positivas as notícias que mostravam o sucesso da campanha, o crescimento e a receptividade do candidato. Outros temas foram o plano real e os temas diversos.

As referências negativas sobre o candidato Luiz Inácio Lula da Silva tomaram 37,5 minutos do telejornal no período e as referências positivas 1,5 minuto. As referências negativas sobre o candidato Fernando Henrique Cardoso tomaram o tempo de 2,5 minutos e as referências positivas o tempo de 8 minutos. À campanha eleitoral foram dedicados 453 minutos, ao plano real 415 minutos e aos temas diversos 1290 minutos. O quadro abaixo ao lado demonstra como foi a divisão do tempo no telejornal.

#### QUADRO GERAL DO TEMPO DAS NOTÍCIAS NO JORNAL NACIONAL

Data	Temas\ tempo em minutos	LULA: Referências negativas	LULA: Referências positivas	FHC: Referências negativas	FHC: Referên cias positivas	Eleição	Real	Diversos
1	25/06/94	1	0	0	0	1	4	22
2	27/06/94	0,5	0	0	0,5	2	7	20
3	28/06/94	0	0	0	0	3	10	22
4	29/06/94	1	0	0	0	1	13	13
5	30/06/94	0	0	0	0	0	0	0
6	01/07/94	1	0	0	0	2	17	20
7	02/07/97	0	0	0	0	2	10	18
8	03/07/94	0	0	0	0	0	0	0
9	04/07/94	1	0	0	0	0	10	17
10	05/07/94	0	0	0	0	0	0	0
11	06/07/94	0	0	0	0	2	13	13
12	07/07/94	0	0	0	0	1	9	18
13	08/07/94	0	0	0	0	1	6	21
14	09/07/94	0	0	0	0	0	1	34
15	11/07/94	0	0	0	0	2,5	5	20,5
16	12/07/94	0	0	0	0	1	14	13
17	13/07/94	0	0	0	0	0	0	0
18	14/07/94	1	0	0	0	2	8	18
19	15/07/94	1	0	0	0	2	6,5	23,5
20	16/07/94	0	0	0	0	3,5	1,5	32
21	18/07/94	0	0	0	0	0	03	25
22	19/07/94	0	0	0	0	9	1,5	27
23	20/07/94	0	0	0	0,5	1,5	2,5	24
24	21/07/94	0	0	0	0,5	2	3	22,5
25	22/07/94	0	0	0	0	2	5	22

26	23/07/94	0	0	0	0	6	6	16
27	24/07/94	0	0	0	0	2	0	0
28	25/07/94	2	0	0	0	0	9	16
29	26/07/94	0	0	0	0	4	3	21
30	27/07/94	1	0	0	0,5	3	09	13
31	28/07/94	0	1,5	0	2	4	5,5	14
32	29/07/94	0	0	0	0,5	3	0,5	21,5
33	30/07/94	0	0	0	0	3	5	20
34	01/08/94	0	0	0	0	0	0	0
35	02/08/94	1,5	0	1,5	0	4,5	4,5	13
36	03/08/94	0	0	0	0	4,5	3	17,5
37	04/08/94	0	0	0	0	3,5	9	10,5
38	05/08/94	2	0	0	0	11	0	11
39	06/08/94	2	0	0	0	2,5	1	19,5
40	08/08/94	2	0	0	0	4	4,5	14,5
41	09/08/94	2	0	0	0	7	9	7
42	10/08/94	0	0	0	0	3	5	15
43	11/08/94	0	0	0	0	3,5	5,5	12
44	12/08/94	0	0	0	0	4,5	3	14,5
45	13/08/94	0	0	0	0	3	3	15
46	14/08/94	0	0	0	0	1,5	9	15,5
47	15/08/94	0	0	0	0	0,5	4	18,5
48	16/08/94	0	0	0	0	3,5	9	11
49	17/08/94	0	0	0	0	3,5	5,5	14
50	18/08/94	0	0	0	0	4,5	5	14,5
51	19/08/94	0	0	0	0	3	1	20
52	20/08/94	0	0	0	0	1,5	4	17,5
53	21/08/94	0	0	0	0	0	0	0
54	22/08/94	0	0	0	0	4	4	15
55	23/08/94	0	0	0	0	4,5	6	13,5
56	24/08/94	0	0	0	0	0	0	0
57	25/08/94	0	0	0	0	4	4	17
58	26/08/94	0	0	0	0	3,5	3	16,5
59	27/08/94	0	0	0	0	2	3,5	17
60	28/08/94	0	0	0	0	0	0	0
61	29/08/94	0	0	0	0	1,5	5	15,5
62	30/08/94	0	0	0	0	4	5,5	13,5
63	31/08/94	0	0	0	0	2,5	5	15,5
64	01/09/94	0	0	0	0	3,5	5,5	15
65	02/09/94	0	0	0	0	5,5	1	18
66	03/09/94	0	0	0	0	2,5	13	7,5
67	04/09/94	0	0	0	0	0	0	0
68	05/09/94	0	0	0	0	3	17	4
69	06/09/94	0	0	0	0	3	6,5	13,5
70	07/09/94	0	0	0	0	4,5	3,5	16

71	08/09/94	0	0	0	0	7	7	9,5
72	09/09/94	0,5	0	0	0	4,5	4	15
73	10/09/94	0	0	0	0	2	6	13
74	13/09/94	4,5	0	0	0	5	2	12
75	14/09/94	3,5	0	0	0	6	7	13,5
76	15/09/94	0,5	0	0,5	0	8,5	3,5	12
77	16/09/94	0	0	0	0	5,5	1,5	16,5
78	17/09/94	0	0	0	0	6	3	15
78	19/09/94	0	0	0	0	5	4	14
79	20/09/94	0	0	0	0	8	5,5	14
80	21/09/94	0,5	0	0,5	3,5	10	2	11,5
81	22/09/94	0	0	0	0	7	3	13
82	23/09/94	0	0	0	0	9,5	2	11,5
83	24/09/94	0	0	0	0	5	0	18
84	25/09/94	0	0	0	0	0	0	0
85	26/09/94	0	0	0	0	3	2,5	13
86	27/09/94	3,5	0	0	0	10	2	11,5
87	28/09/94	2,5	0	0	0	10	2	11,5
88	29/09/94	0,5	0	0	0	10	1	13
89	30/09/94	2,5	0	0	0	13	0	12
90	01/10/94	0	0	0	0	21	1,5	11
91	03/10/94	0	0	0	0	35	0	5
92	04/10/94	0	0	0	0	40	0	0
93	05/10/94	0	0	0	0	40	0	0
	<b>Soma</b>	<b>37,5</b>	<b>1,5</b>	<b>2,5</b>	<b>8</b>	<b>453,5</b>	<b>415</b>	<b>1290,5</b>

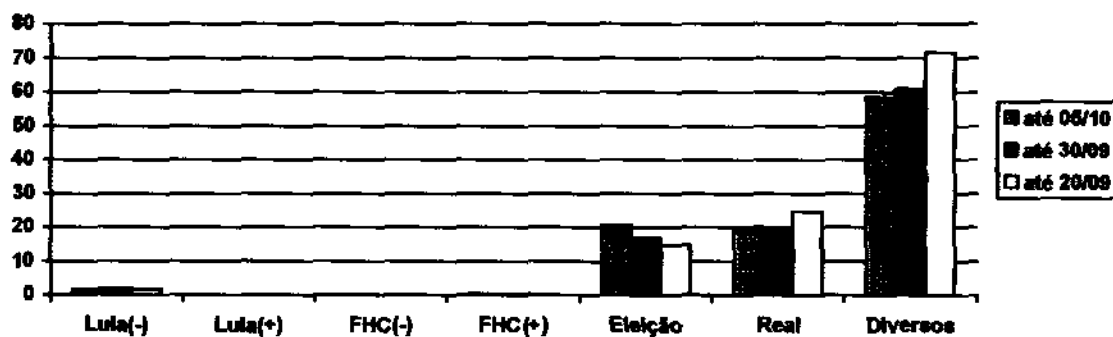
Levando-se em consideração todos telejornais assistidos, até o dia 5 de outubro, o jornal dedicou, em números percentuais, 58,43% de seu tempo aos temas diversos, 18,79% para a cobertura do plano real, 20,53% do tempo foi dedicado às notícias da campanha eleitoral, 0,36% para as notícias com referências positivas de FHC e 0,11% para as notícias com referências negativas do mesmo candidato, as referências positivas de Luiz Inácio Lula da Silva tomaram 0,068% do tempo e as referências negativas 1,7%.

Tomando-se outro espaço de tempo, até dia 30 de setembro, o tempo dedicado à campanha eleitoral cai para 16,85%, para o plano real o telejornal contempla 19,74% e para os temas diversos 61%. Para as referências negativas de Luiz Inácio Lula da Silva

temos a percentagem de 1,8% e para as referências positivas 0,072%, para o candidato Fernando Henrique Cardoso as referências negativas tomaram 0,12% do tempo e as referências positivas 0,38% do tempo.

Por fim, tomando um último espaço de tempo, até 20 de setembro, no qual as notícias sobre as campanha eleitoral tinham pouco peso, temos o seguinte quadro: as referências negativas de Luiz Inácio Lula da Silva ganharam 1,73% do tempo no período e as referências positivas 0,092%; as referências negativas de FHC tiveram 0,12% e as positivas 0,28%; as eleições tomaram 14,83% do tempo, o real 24,66% e os temas diversos 71,63%. No gráfico abaixo podemos ver em números percentuais como se distribuiu o tempo do telejornal nos períodos acima selecionados.

### GRÁFICOS DO TEMPO DAS NOTÍCIAS



- **Conteúdo e imagem.**

Quatro temas foram escolhidos para analisar o conteúdo e a imagem do telejornal: notícias referentes ao Plano Real, notícias referentes a candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva, notícias referentes a candidatura de Fernando Henrique Cardoso e notícias que se referem a temas diversos. Entre os temas diversos foram analisados a Copa, a violência urbana, as notícias que denunciavam as condições de vida miseráveis da população brasileira, as denúncias sobre o desperdício das verbas públicas, notícias sobre o movimento dos trabalhadores sem terra, o movimento social mais citado pelo telejornal e por fim, as notícias internacionais.

As notícias divulgadas pela imprensa escrita também foram verificadas no mesmo período de e os temas escolhidos foram as notícias referentes ao Plano Real, à candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva e à candidatura de Fernando Henrique Cardoso. As publicações consultadas foram a *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo*, *O Globo*, *Jornal do Brasil*, *Gazeta Mercantil*, *Jornal do Comércio* e a *Revista Veja*. A consulta foi feita aos jornais e revistas com o intuito de se comparar de que forma as notícias são divulgadas na imprensa escrita e de que forma são divulgadas na televisão.

- *A Copa*

O Brasil, no ano de 1994, estava passando por um período de reestruturação econômica e o telejornal dava sinais de otimismo. As notícias da Copa do Mundo de Futebol refletia este estado de ânimo, de otimismo com a grande probabilidade da seleção brasileira tornar-se tetra-campeã mundial. A cobertura da Copa é feita por um grande número de

repórteres,<sup>166</sup> todos ancorados por Carlos Nascimento. O telejornal não poupa elogios aos jogadores e ao técnico da seleção Carlos Alberto Parreira. Na ocasião da vitória da seleção brasileira sobre o time de Camarões, Sílio Bocanera fez uma cobertura sobre a manchetes dos jornais europeus que qualificavam o time brasileiro como um time brilhante, ou chamavam o jogador Romário de super-mário.<sup>167</sup> Antes do Brasil realizar seu primeiro jogo com a seleção sueca o técnico Parreira era considerado, na análise de Galvão Bueno, como alguém que sabe neutralizar o time adversário; e mesmo o melhor jogador sueco admitia em entrevista, que o Brasil iria ganhar.<sup>168</sup> O empate do Brasil com a Suécia fez com os comentarista criticassem o time de Parreira. Pelé diz que faltou coragem ao time, Pedro Bial diz que o desempenho do time foi “burocrático”; o “time de Parreira” também foi criticado pelo fraco desempenho sobre os Estados Unidos no dia 4 de julho.<sup>169</sup> Dias antes do Brasil enfrentar a seleção norte-americana Pedro Bial comenta, fechando a edição do telejornal, sobre o patriotismo americano:

“Os americanos agem como tivessem se inventado o patriotismo, depois de amanhã eles vão reafirmar que são a única potência do mundo, só que no futebol potência é o Brasil. Contra o Brasil já disseram que vão jogar com a alma, mas quando a bola rolar a gente pode lembrar que o patriotismo ganha guerras, cria colônias, inspira livros e filmes, mas patriotismo não ganha jogo.”<sup>170</sup>

O “Jornal Nacional” tenta tocar comover o telespectador quando mostra as imagens do filho recém-nascido do jogador Leonardo,<sup>171</sup> ou o nascimento do filho de Bebeto,

<sup>166</sup> Galvão Bueno, Pedro Bial, Fátima Bernardes, Fernando Vanucci, Roberto Cabrini, Luiz Fernando Lima, Marcos Uchôa, Hermano Henning, Ernesto Paglia, Tino Marcos, Caco Barcelos, Roberto Thomé e Sonia Bridi, o ex-futebolista Pelé e o juiz de futebol Arnaldo César Coelho como comentaristas.

<sup>167</sup> *Jornal Nacional*, 25/06/94.

<sup>168</sup> *Jornal Nacional*, 27/06/94.

<sup>169</sup> *Jornal Nacional*, 28/06/94.

<sup>170</sup> *Jornal Nacional*, 02/07/94.

<sup>171</sup> *Jornal Nacional*, 25/06/94.

“Mateus nome de craque alemão”, colocando no ar o diálogo via satélite entre Bebeto, nos Estados Unidos, e a esposa, aqui no Brasil na maternidade;<sup>172</sup> a consternação dos argentinos, chorando pelas ruas de Buenos Aires, quando o jogador Maradona foi afastado da Copa acusado de *dopping*.<sup>173</sup>

O êxito da seleção também dava motivo para se fazer reportagens que trouxessem alguma emoção: na vitória do Brasil contra a Holanda o telejornal dedicou uma reportagem ao jogador Branco, o jogador havia sido autor do gol de desempate no dia em que voltara ao time pois estava afastado por desempenhos não satisfatórios. Antes de enfrentar a Suécia pela segunda vez na semifinal, o repórter Roberto Cabrini leva o técnico Carlos Alberto Parreira à Catedral de Cristal da Califórnia, “uma combinação perfeita entre a arte e a fé”. Diz Parreira: “É na fé que eu encontrei forças para chegar onde nós chegamos, neste trabalho, na minha profissão. Tenho conquistado coisas muito positivas na minha vida”, focalizado em primeiro plano, de baixo para cima sob a luz do sol com a Catedral ao fundo. A vitória da seleção brasileira sobre o time sueco com o gol de cabeça de Romário fez que Pedro Bial comparasse, através de uma reportagem, a diferença entre a estatura do jogador brasileiro e a estatura (bem maior) dos suecos com a seguinte frase: “Aprendemos que o verdadeiro sueco nasceu na Vila da Penha”<sup>174</sup>

O Brasil vai a final com a Itália e conquista o tetracampeonato, a cobertura do telejornal é ao vivo, mostrando a explosão das multidões ao receber os jogadores chamados de “heróis do tetra”. Destaca as imagens de alegria, otimismo, o orgulho de ser brasileiro, “só quem usa esta camisa é que sabe o que é ser brasileiro” diz torcedor a repórter mostrando a camisa da seleção que vestia.

---

<sup>172</sup> *Jornal Nacional*, 07/07/94.

<sup>173</sup> *Jornal Nacional*, 30/06/94.

<sup>174</sup> *Jornal Nacional*, 14/07/94.

- *As denúncias sociais*

Apesar do clima de otimismo, as mazelas do Brasil não deixaram de ser mostrada, mesmo porque os fortes contrastes deste país são evidentes. Algumas notícias foram abordadas pelo telejornal como a alta mortalidade infantil na cidade de Teotônio Villela em Alagoas “estado em que a mortalidade infantil só pode ser comparada com a da África”. O tema é tratado com imagens contundentes da confecção de pequenos caixões feitos pelas próprias crianças da cidade alagoana ou da criança que chora após ter tomado uma mamadeira com “mingau ralo” sem ,contudo, saciar a fome<sup>175</sup>; dias mais tarde o “JN” mostra o recebimento de toneladas de comida distribuídas pelo exército pelos moradores da mesma cidade, uma mulher com um bebê no colo chora.<sup>176</sup>

O telejornal denuncia também a falta de saneamento básico no país como a causa de 60% da mortalidade infantil, colocando no ar cenas de crianças em locais de moradia precária, com problemas de infra-estrutura e esgoto a céu aberto.<sup>177</sup> Através de dados do Unicef, o telejornal faz uma reportagem mostrando que pobreza atinge 9 milhões de crianças até 6 anos no Brasil, 64% das crianças em Fortaleza, 55% em Recife e 54% em Nova Iguaçu na Baixada Fluminense vivem em estado de miséria.<sup>178</sup>

A chacina da Candelária é lembrada após uma ano de seu acontecimento, como é lembrado também que ninguém fora ainda punido pelo crime, manifestantes aparecem fazendo vigília e dando um abraço na Catedral <sup>179</sup>. A Chacina de Vigário Geral também é lembrada com a reportagem que denuncia a saída noturna clandestina do presídio dos PMs

---

<sup>175</sup> *Jornal Nacional*, 08/07/94.

<sup>176</sup> *Jornal Nacional*, 30/08/94.

<sup>177</sup> *Jornal Nacional*, 09/09/94.

<sup>178</sup> *Jornal Nacional*, 12/08/94.

<sup>179</sup> *Jornal Nacional*, 22/07/94.

(Policiais Militares) acusados pelo crime, fora do presídio eles estavam praticando outros crimes.<sup>180</sup>

A denúncia do tráfico de órgãos de crianças brasileiras ganha duas matérias nos jornal. Na primeira matéria é noticiado a declaração de um ministro italiano que dizia que a Itália recebe crianças com problemas físicos. O telejornal ressalta que a Comissão Parlamentar de Inquérito presidida pela deputada Rita Camata e a Interpol já haviam investigado o tráfico de órgãos de crianças mas nada haviam encontrado.<sup>181</sup> O “JN” encerra a discussão sobre o tráfico de órgãos de crianças declarando que as investigações feitas, auxiliadas pela Interpol, não encontraram quaisquer provas.<sup>182</sup>

#### *- O desperdício das verbas públicas*

Algumas matérias denunciam o desperdício das verbas públicas em determinadas áreas. Alexandre Garcia revela a quantia perdida pela Previdência nas fraudes: 1 bilhão de reais no período de um ano; na mesma matéria telejornal anuncia o bloqueio da conta de advogada que roubava da Previdência.<sup>183</sup>

A Siderama, empresa estatal, é mostrada pelo telejornal em péssimas condições, sucateada; funcionários entrevistados exigem a privatização da empresa que estava com uma dívida de 20 milhões de reais.<sup>184</sup> A situação caótica das estradas brasileiras também é vista no telejornal. Para a via Dutra a solução, disse o telejornal, também seria a privatização pois o governo não teria recursos para reformar a via; a empresa que privatizasse a rodovia

---

<sup>180</sup> *Jornal Nacional*, 06/09/94.

<sup>181</sup> *Jornal Nacional*, 22/09/94.

<sup>182</sup> *Jornal Nacional*, 23/09/94.

<sup>183</sup> *Jornal Nacional*, 12/08/94.

<sup>184</sup> *Jornal Nacional*, 10/09/94.

gastaria 50 milhões de reais para as reformas antes de cobrar um pedágio “de no máximo R\$2,00”.<sup>185</sup> As notícias sobre o descalabro administrativo são feitas sem responsabilizar órgãos públicos ou pessoas ligadas a estes órgãos.

Na área da saúde o jornal mostra o colapso no sistema de saúde pública com flagrantes de médicos nos hospitais de Porto Alegre fazendo consultas de apenas um minutos em função do grande número de pacientes a serem atendidos, a situação é tratada pelo jornal como um “descaso de médicos dos hospitais públicos de Porto Alegre.”<sup>186</sup> Mostra o desperdício de dinheiro público com a aparelhagem sem utilização no Hospital Municipal da Vila Maria em São Paulo devido a falta de médicos para trabalhar.<sup>187</sup> Dias depois aparece o prefeito de São Paulo, Paulo Maluf falando da parceria da Prefeitura com a Escola Paulista de Medicina no intuito de conseguir uma resolução do problema da saúde da cidade. No Dia Nacional da Saúde o telejornal atenta para o “caos no atendimento médico, superlotação dos hospitais em todos os setores”, incluindo na matéria imagens de um hospital público e a precariedade no atendimento, pacientes no corredor.<sup>188</sup> Dias mais tarde o jornal mostra o “desespero na saúde pública” em São Paulo mostrando o caos do Hospital São Pauloda Escola Paulista de Medicina no qual corredores e consultórios são transformados em enfermaria e o atendimento é feito em menos de um minuto.<sup>189</sup>

*-A violência urbana.*

A violência também foi citada quase que diariamente pelo telejornal, mas como fatos isolados, como se fossem independentes das carências estruturais brasileiras. A violência do

<sup>185</sup> *Jornal Nacional*, 19/09/94,

<sup>186</sup> *Jornal Nacional*, 21/07/94.

<sup>187</sup> *Jornal Nacional*, 25/07/94.

<sup>188</sup> *Jornal Nacional*, 05/08/94.

<sup>189</sup> *Jornal Nacional*, 05/09/94.

Rio de Janeiro teve 39 citações e eram mostrados assaltos a carros-forte, a guerra do tráfico nos morros cariocas com cenas da polícia invadindo as favelas cariocas. As reportagens mostravam situações diversas como: os constantes ataques de traficantes à custódia do Hospital Souza Aguiar e o medo de médicos e funcionários; a ameaça de morte de juizes e delegados no Rio de Janeiro feita pelos traficantes; o medo dos médicos não subiram os morros do Rio para fazer vacinação por imposição dos traficantes; a não permissão, por parte dos traficantes, que oficiais de justiça subam os morros no Rio de Janeiro; outra reportagem mostra o toque de recolher na favela Nova República, imposto pelos traficantes obrigando as pessoas irem para casa às 22 horas; tiroteio na Penha mostra pessoas correndo assustadas das balas que passavam pelo ar, cenas de pânico no túnel Rebouças no Rio de Janeiro mostram pessoas deixando seus carros, correndo desesperadamente, por causa de possível tiroteio que acontecia no interior do túnel. As cenas são de pânico e medo da população em face dos prepotentes traficantes que dominam, ditam regras, controlam a locomoção e o trabalho profissional dos cariocas. Do alto do morro o telejornal mostra o bairro do Botafogo, porém em primeiro plano vemos uma mão carregando um fuzil. A ingerência dos traficantes é mostrada com força nas imagens da comoção das mães do Grajaú, no enterro de uma criança de 7 anos que havia sido baleada no carro da mãe, a carta das mães para os traficantes foi divulgada na televisão e dizia : “Deixai-nos caminhar para a vida”.

A violência em outros Estados e cidades não teve tanto espaço como a violência no Rio de Janeiro: S Paulo, grande e problemática cidade teve apenas 10 citações<sup>190</sup>, outras localidades no Brasil e nos EUA foram ao todo 15 citações.<sup>191</sup> Algumas reportagens são

---

<sup>190</sup> *Jornal Nacional*, 08/08/94, 25/08/94, 29/08/94, 30/08/94, 03/09/94, 06/09/94, 09/09/94.

<sup>191</sup> *Jornal Nacional*, 07/07/94, 08/07/94, 26/07/94, 28/07/94, 04/08/94, 11/08/94, 19/08/94, 29/08/94 (2 citações), 07/09/94, 19/09/94, 20/09/94.

contundentes como a do repórter Marcos Losekan na penitenciária de Rio Branco, “de onde fugiram os assassinos de Chico Mendes”, denunciando Policiais Militares do presídio e a transgressão da lei pelo fato de se ter um coronel e não um advogado no comando do presídio. A reportagem mostrava as cenas “de desrespeito às leis” com policiais portando revólveres e metralhadoras no meio dos presos e da agressão física que partiu do coronel sobre o repórter.

Paulo Henrique Amorim, trata da escalada da violência das escolas americanas relatando algumas alternativas encontradas pelos americanos para diminuir a violência: patrulhas formadas pelos próprios pais e polícias nas escolas.

A rebelião no Presídio de Porto Alegre é mostrada na televisão com as imagens mais violentas de todo o período pesquisado. A rebelião e a fuga dos presos é mostrada e aparentemente acompanhada de perto pela equipe de reportagem. Os presos são perseguidos pela polícia nas ruas movimentadas de Porto Alegre, todo o tempo é visível a arma que o fugitivo aponta nas têmporas da refém. Os fugitivos invadem um hotel de luxo da capital gaúcha e, dentro do hotel, podemos ver as cenas de pânico dos hóspedes ao se depararem com um tiroteio entre fugitivos e policiais. O último fugitivo a se entregar é focalizado nas escadas do edifício trocando tiros com a polícia ao mesmo tempo que tem imobilizada sob os braços sua refém. A expressão de terror da refém é visível na pequena tela, pois a câmera consegue focalizá-los de perto. Após a polícia ter dominado os fugitivos, as cenas são de choro dos reféns que passaram horas sob a mira de revólveres e a um passo da morte.<sup>192</sup>

---

<sup>192</sup> *Jornal Nacional*, 07/07/94 e 08/07/94.

- *As notícias internacionais.*

Um dos fortes do “Jornal Nacional” são as notícias internacionais uma vez que a Globo tem vários correspondentes internacionais. Dois assuntos mereceram destaque do “Jornal Nacional” nos dias analisados. Um deles foi a fuga de balseiros da ilha de Cuba e o outro assunto foi a invasão norte-americana no Haiti. O primeiro assunto começa a ser tratado pelo telejornal no dia 6 de agosto com a reação dos EUA quando Fidel Castro ameaça liberar a saída de “balseiros” para o mesmo país. Dias mais tarde, o telejornal noticia a denúncia de Fidel Castro que acusava os EUA a violar direitos humanos dos refugiados cubanos, de Cuba são mostradas imagens dos “balseiros” colocando suas precárias balsas no mar e distanciando-se da terra.<sup>193</sup> Hermano Henning informa que o governo americano, que sempre encorajara a fuga dos cubanos, dando a eles um tratamento negado aos haitianos. Agora o tratamento americano será igual para cubanos e haitianos. Resgatados no mar, refugiados cubanos seriam mandados para Guantánamo.

Cuba volta para o noticiário e Fidel Castro reafirma que não impediria ninguém de fugir de Cuba, a reportagem alerta para o perigo de tempestades que poderiam a fundar as balsas.<sup>194</sup> O acordo entre os EUA e Cuba sai algumas semanas depois e o telejornal noticia que, segundo o acordo, os Estados Unidos receberiam legalmente 20000 cubanos por ano e Cuba diminuiria sem violência o número de “balseiros”.<sup>195</sup> Depois de feito o acordo entre EUA e Cuba, em reunião do Grupo do Rio no Rio de Janeiro é divulgado pela televisão a

---

<sup>193</sup> *Jornal Nacional*, 20/08/94.

<sup>194</sup> *Jornal Nacional*, 25/08/94.

<sup>195</sup> *Jornal Nacional*, 09/09/94.

reivindicação dos países que compõem o grupo: reivindicavam por democracia no Haiti e Cuba com negociação.<sup>196</sup>

A preocupação com o Haiti era o resultado de um relacionamento conflituoso com os EUA que vinha desenrolando-se a algum tempo. No dia 6 de julho o “JN” já noticiara o afundamento de um barco haitiano que levava refugiados para os EUA, no dia 14 do mesmo mês, em reportagem de Paulo Henrique Amorim, é anunciada a provável invasão dos EUA sobre o Haiti, “o país mais pobre da América Latina” se o presidente Raoul Cedras não renunciasse revelando imagens dos corpos, caídos nas ruas, das pessoas mortas pelo regime de Cedras. “Governo do Haiti resolveu desafiar o EUA” diz Amorim, “congresso e opinião publica americanas são contra invasão.” O repórter entrevista neste dia a Irmã Santina, freira brasileira que fora junto com refugiados haitianos até Miami, em protesto ao governo de Cedras.

Com a iminência da invasão em meados de setembro, Paulo Henrique Amorim faz a cobertura da crise para o “Jornal Nacional” e anuncia o reforço das tropas norte-americanas dizendo que a invasão poderia ser a qualquer momento. Paulo Henrique Amorim volta a noticiar na edição seguinte, com imagens do Haiti, as últimas tentativas de negociação feitas no próprio país. A cobertura ganha o reforço de Hermano Henning que tenta dirigir-se ao Haiti e, na fronteira por telefone, informa que centenas de pessoas estavam deixando Porto Príncipe e que estava difícil entrar ou sair do Haiti. Paulo Henrique Amorim dos EUA noticia que este país estava em posição de invasão e Jimmy Carter já encontrava-se em Porto Príncipe para conversações com Raoul Cedras. A posição do Presidente Itamar

---

<sup>196</sup> *Jornal Nacional*, 10/09/94.

Franco é manifestada pelo telejornal: considerava positiva a tentativa de negociação entre os países.<sup>197</sup>

A invasão é efetivada e Paulo Henrique Amorim informa que não houve resistência e que os EUA controlavam os principais pontos de Porto Príncipe, as “dramáticas negociações” eram feitas agora para não haver o uso da violência durante a invasão.<sup>198</sup> Mas se a invasão do Haiti havia sido mostrada pelo telejornal como uma operação tranqüila, dias mais tarde a violência explode no “Haiti ocupado” e soldados americanos passam a gir como polícia para conter a violência. A violência é mostrada na televisão com cores fortes, saques, destruições, homens armados com facas ameaçavam a população. Celso Amorim declara que invasão no Haiti é um precedente lamentável.<sup>199</sup> A crise do Haiti tem seu final com a deposição do presidente golpista Raoul Cedras assumindo o cargo o presidente eleito Jean Bertrand Aristide alguns dias depois, a maneira pela qual o “Jornal Nacional” tratou este episódio não incluiu-se na pesquisa.

*- O movimento dos trabalhadores sem-terra.*

O movimento dos sem-terra é citado seis vezes pelo “Jornal Nacional”, através de quatro reportagens, uma declaração de Fernando Henrique Cardoso e uma declaração de Luiz Inácio Lula da Silva. No dia 25 de junho a invasão dos sem-terra em uma fazenda em Mirante do Paranapanema no interior de São Paulo, é contado como um episódio de extrema violência na qual os sem-terra mataram os animais, colocaram fogo nas plantações e ameaçaram os moradores, “foi uma represália contra a decisão da justiça que autorizou a destruição de uma plantação na área invadida, é a terceira que os invasores invadem a

<sup>197</sup> *Jornal Nacional*, 15/09/94, 16/09/94, 17/09/94.

<sup>198</sup> *Jornal Nacional*, 19/09/94.

<sup>199</sup> *Jornal Nacional*, 29/09/94, 01/10/94.

mesma fazenda em 2 semanas”. Na sequência o jornal anuncia a “Caminhada pela Paz” feita por 200.000 pessoas e organizada pelas igrejas evangélicas.

Alguns dias mais tarde o telejornal noticia que fazendeiros estavam armando-se contra as invasões de terras, tais invasões estavam causando destruição de máquinas e lavouras; a UDR montara uma milícia armada amparada pela Lei de Segurança dos Bancos.<sup>200</sup> Fernando Henrique Cardoso faz declaração a respeito e o jornal noticia: o candidato tucano condenou as invasões de terra e disse que vai fazer reforma agrária “sem baderna”.<sup>201</sup>

#### *- A campanha eleitoral de 1994*

A eleição de 1994 teve características diferentes da eleição de 1989, entre estas características estava a legislação eleitoral para a propaganda política: a legislação de 1989 estabelece algumas regras para a apresentação de candidatos na programação normal de TV na qual “os candidatos, após o registro, ficam impedidos de apresentar ou participar de quaisquer programas em emissoras de rádio e televisão, ressalvado o horário de propaganda eleitoral gratuita, os debates organizados de acordo com estas Instruções, e os noticiários jornalísticos regulares,<sup>202</sup> “também é vedada a transmissão ou retransmissão pelas emissoras de rádio ou televisão de programas inclusive com a presença ou participação de quaisquer pessoas ou autoridades - que impliquem direta ou indiretamente, propaganda eleitoral.”<sup>203</sup>

Em 1994, a legislação eleitoral foi mudada e as instruções para propaganda eleitoral tiveram algumas alterações entre as quais “as emissoras de rádio e televisão ficam obrigadas

---

<sup>200</sup> *Jornal Nacional*, 26/06/94.

<sup>201</sup> *Jornal Nacional*, 15/07/94.

<sup>202</sup> Resolução Nº 15.443, de 08 de agosto de 1989, Instruções sobre Propaganda (Eleições de 15 de novembro de 1989), Capítulo I, Seção I, Art. 3º.

<sup>203</sup> Resolução Nº 15.443, Artigo 5º, Parágrafo único.

a dar tratamento equânime a todos os candidatos em sua programação normal em seus noticiários”. A legislação ainda dizia: “A manifesta preferência, na programação normal de emissora de rádio ou televisão, em favor de algum candidato ou em detrimento de outro, acarretará a suspensão das transmissões da emissora por um dia, por determinação do Tribunal Regional Eleitoral, mediante denúncia de partido político, coligação, candidato ou Ministério Público”.<sup>204</sup>

Obedecendo a legislação eleitoral, o tratamento do “Jornal Nacional” só poderia ser o mesmo para todos os candidatos, contemplando o mesmo tempo na edição, afirmando também que não estava apoiando algum candidato. Devemos lembrar que a televisão trabalha com imagens e sua edição. Para um especialista de *marketing* político, Ronald A. Kuntz, “embora um jornal ou televisão dedique a candidatos hipoteticamente o mesmo espaço, existe um verdadeiro arsenal de recursos, truques e sutilezas que podem e são empregados para favorecer aquele que se apresente mais “afinado” com a linha e as posições do veículo de comunicação.”<sup>205</sup>

Apesar de advertir que a imprensa não se pode colocar contra uma tendência, nem ir contra a consciência coletiva, Kuntz expõe algumas técnicas de construção de imagem através dos meios de comunicação: a imprensa, diz o autor, “deve ser usada com muita prudência e sutileza, para evitar que seus leitores ou telespectadores encarem a notícia como propaganda, inserindo entrevistas, posições políticas em contextos mais amplos, ou matérias mais complexas, onde as citações de posições políticas não pareçam gratuitas, sem fundamento amplo.” Outra técnica, segundo Kuntz “é a inserção da declaração de um

---

<sup>204</sup> Resolução (21/06/94), Instruções sobre Propaganda (Eleições de 3 outubro de 1994), Capítulo III, Art. 19, Parágrafo 1º.

<sup>205</sup> Kuntz, Ronald A. *Marketing Político: Manual de Campanha Eleitoral*. São Paulo, Global Editora, 1986, p. 141.

candidato junto a outras matérias predominantemente econômicas ou de outra natureza que não exclusivamente política atingindo o consciente do eleitor, mas driblando uma eventual rejeição e permitindo que o nome e a posição do candidato se alojem no seu subconsciente” O apoio de um meio de comunicação a um candidato, para ter eficácia “deve ser controlado ministrado ao público em doses homeopáticas e através de tratamentos prolongados”<sup>206</sup>

Nesta eleição o “Jornal Nacional” e a Globo não deram, aparentemente, apoio para nenhum candidato, mas o apoio para o plano Real foi ostensivo. Dos 90 telejornais transmitidos e assistidos 80 deles fizeram reportagens que citavam o Plano Real. O real é apontado como “a moeda mais forte da história”, os “R\$100,00 terão o mesmo valor dos US\$100,00” dizia a repórter com a nota de cem reais na mão acrescentando que com apenas aquela nota poderíamos “pagar o aluguel de um apartamento conjugado ou comprar dois liquidificadores”.<sup>207</sup>

O telejornal informava todos os dias os telespectadores sobre a mudança de moeda. Desde a saída de Fernando Henrique em 30 de março, o plano de estabilização era capitaneado por Rubens Ricúpero. O novo ministro comprometera-se, quando assumiu o cargo de ministro, a executar rigorosamente o programa econômico tendo como meta principal o combate à inflação.<sup>208</sup> Mesmo com o grande número de greves registrados nos meses de março e abril <sup>209</sup> contra as perdas salariais provocadas pelo plano de estabilização, o governo recebeu manifestações de apoio para a implementação do mesmo. O apoio da

<sup>206</sup> Kuntz, Ronald A. op. cit. p. 156.

<sup>207</sup> *Jornal Nacional*, 25/06/94.

<sup>208</sup> *Folha de S. Paulo*. 06/04/94.

<sup>209</sup> Do período de implatação da URV até a troca de moeda houveram greves dos trabalhadores da Pirelli, Firestone e Goodyear, greve dos policiais federais, greve dos técnicos da Secretaria de Orçamento Federal; greve dos metalúrgicos do ABC, greve dos motoristas, cobradores e metroviários dos transportes coletivos da cidade de São Paulo, auditores da Receita Federal, funcionários da Previdência Social, médicos de São paulo e Florianópolis, professores paulistas, professores universitários da Paraíba, metalúrgicos de Santos.

população à estabilização monetária era evidente: dias após a implantação do real o Data Folha realizou uma pesquisa em território nacional que indicava que 55% dos brasileiros acreditavam na durabilidade do plano e que o plano não era eleitoreiro.<sup>210</sup> A identificação Fernando Henrique Cardoso era forte e o candidato comprometeu-se a manter o plano caso fosse eleito: “Sou o candidato para sustentar o real e evitar que o país caia nas mãos de incompetentes”.<sup>211</sup>

O governo inicia dias antes da troca de moeda uma operação de fiscalização de preços nas capitais determinada pelo próprio presidente Itamar Franco.<sup>212</sup> Esta notícia é veiculada pelo Jornal Nacional através da ação da Sunab com o uso da Lei Anti-truste contra os aumentos abusivos nos preços e contra o aumento das passagens dos ônibus em São Paulo<sup>213</sup>. Na mesma edição é noticiado o apoio de Fernando Henrique Cardoso à decisão de Itamar Franco de fiscalizar os preços, reforçando a ligação do candidato FHC com o plano real.<sup>214</sup> O candidato tucano aparece em entrevista coletiva a correspondentes estrangeiros dizendo que com o Plano Real não haveria milagre nem recessão.

O telejornal passou a conclamar a população para um boicote geral aos preços altos, alegando que o boicote poderia baixar os preços. Informações sobre o mecanismo de conversão do cruzeiro real para o real foram dadas pelo telejornal exaustivamente. Esclarecimentos sobre os preços das tarifas públicas, que não deveriam subir por 1 ano; e sobre a estabilidade dos preços das passagens dos ônibus são dadas em rede nacional pelo próprio ministro Rubens Rícúpero em entrevista a Joelmir Betting. O ministro alerta também

---

<sup>210</sup> *Folha de S. Paulo*, 07/07/94.

<sup>211</sup> *Gazeta Mercantil*, 10/05/94.

<sup>212</sup> *Folha de S. Paulo*, 27/06/94.

<sup>213</sup> *Jornal Nacional*, 05/07/94.

<sup>214</sup> *Jornal Nacional*, 27/06/94.

que o primeiro índice de inflação do real, em julho, deve ser contaminado pela inflação do cruzeiro.<sup>215</sup>

Joelmir Betting, dias antes da conversão de moedas explica antecipadamente os reajustes que o Plano necessitaria no futuro:

“A Medida Provisória que patrocina o nascimento do real não vai desfazer todas dúvidas técnicas e jurídicas que ainda povoam a cabeça da maioria das pessoas e das empresas, o entendimento de todas as regras monetárias, cambiais, contratuais, salariais, financeiras, judiciais é comandado de bicicleta, no pedal, só praticando e levando alguns tombos, ou seja, só depois de algumas semanas de uso do real é que vai dar para entender.”<sup>216</sup>

Dia 1º de julho de 1994 o país ganha uma nova moeda, após os preços sofrerem grandes remarcações na conversão de moedas. Só a cesta básica havia fechado o mês de junho com alta de 61,84%, 10,09% acima da URV do mês, esta havia sido a maior alta desde o mês de março de 1990 segundo os dados do PROCON ( Serviço de Proteção ao Consumidor)/ DIEESE (Departamento Intersindical de Estudos Estatísticos e Sócio-Econômicos). Os salários dos trabalhadores haviam perdido 9% de seu poder aquisitivo segundo o mesmo DIEESE.<sup>217</sup> À realidade da explosão dos preços, no dia 1º de julho o telejornal relatava as manifestações de indignação do presidente Itamar Franco e do Ministro Ricúpero frente aos aumentos abusivos e a promessa de ações judiciais contra as prefeituras que aumentaram as passagens de ônibus. Mesmo com as altas do dia anterior, dizia o “JN”, os preços já estavam baixando com a fiscalização da população, “as lojas abriram fazendo

---

<sup>215</sup> *Jornal Nacional*, 28/06/94.

<sup>216</sup> *Jornal Nacional*, 29/06/94

<sup>217</sup> *Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo*, 01/07/94.

promoção e a maioria dos consumidores preferiu cautela”. De Fernando Henrique Cardoso foi narrada a notícia da distribuição de porta níqueis como material de campanha.

A manifestação da CUT, central sindical com forte identificação com o Partido dos Trabalhadores, contra o plano Real em seu primeiro dia, é mostrada pelo telejornal com imagens de Vicente Paulo da Silva, o Vicentinho, presidente da central distribuindo panfletos na Praça da República em São Paulo. As críticas de Lula ao plano, alegando que este não protege o bolso do trabalhador também são narradas. Todavia um espaço maior é concedido ao candidato petista para divulgar o depoimento que Lula prestou em S.B. do Campo sobre o uso ilegal do carro que o candidato fez de carro de som do sindicato dos metalúrgicos.

O acontecimento paralelo que tinha mais ênfase no telejornal era ainda a Copa do Mundo de Futebol. Críticas, sugestões eram feitas pelos repórteres e comentaristas que assumiam o papel de torcedores. A perspectiva da seleção brasileira conseguir o tetra campeonato criou um clima de união nacional, uma espécie de resgate do nacionalismo. A cobertura do telejornal ia de encontro a este clima.

Mesmo com o país voltado para a Copa, a campanha eleitoral estava na rua e o plano estava sendo operacionalizado. Os candidatos adversários de Fernando Henrique viam o plano de estabilização como uma farsa eleitoreira feita para elegê-lo.<sup>218</sup> O “Jornal Nacional” mostrava cenas de Fernando Henrique Cardoso autografando notas de Real em Poços de Caldas (infringindo a lei, observou a *Folha de S. Paulo* um dia depois). A ação Rubens Ricúpero no *shopping* conversando com os populares, escutando reclamações, cumprimentando as pessoas e dando autógrafos para as crianças é noticiada em manchete

---

<sup>218</sup> *Folha de S. Paulo*, 01/07/94.

“O ministro da Fazenda ouviu queixas e garante que o preço do pãozinho de 50 gramas vai baixar”.<sup>219</sup> Na reportagem Ricúpero aparece com o dedo em riste ameaçando padarias “ou volta atrás ou vai ter que voltar por ação do governo”.

Após a grande alta dos preços na conversão de moedas, o *Jornal Nacional* noticia a queda do preço da cesta básica e a tentativa do governo para baixar o preço do pãozinho e das passagens dos ônibus coletivos. Pesquisa de preços feita por donas-de-casa, boicote de consumidores aos preços altos forçando sua queda eram relatados com grande ênfase nestes primeiros dias de Plano Real. Dizia a repórter: “Nada como um dia após o outro, o comércio que aumentou o preço na chegada do Real, levou um golpe com a queda de consumo e começa a se render.”<sup>220</sup>

O governo, segundo o “JN”, agia com rigor. Ana Paula Padrão enfatiza em reportagem que “a partir de agora os prefeitos que aumentarem as passagens de ônibus que se justifiquem na justiça, o ministro da Fazenda anunciou o uso da Lei antitruste contra os aumentos que ele considera abusivo.”<sup>221</sup>

O impacto sobre a eleição foi grande, a grande diferença percentual que colocava Lula na frente nas pesquisas anteriores fora diminuindo após a renovação de moeda. Lula já admitia um 2º turno entre ele e Fernando Henrique Cardoso.<sup>222</sup> Os membros do governo ligados à área econômica tinham espaço garantido no telejornal, Rubens Ricúpero, o ministro, e Pedro Malan, o secretário, freqüentemente apareciam em entrevistas no telejornal. Rubens Ricúpero, com uma aparente calma, aconselhava o consumidor como agir para forçar os preços caírem. O próprio “*Jornal Nacional*” dava dicas de opções mais baratas

---

<sup>219</sup> *Jornal Nacional*, 02/03/94.

<sup>220</sup> *Jornal Nacional*, 04/07/94, 06/07/94, 07/07/94.

<sup>221</sup> *Jornal Nacional*, 14/07/94.

<sup>222</sup> *O Globo*, 08/07/94.

de consumo, como por exemplo reforma ou confecção de roupas em costureiras, a compra de roupas usadas ao invés da compra de uma roupa nova.<sup>223</sup>

A realidade brasileira, mostrada pelo telejornal, estava menos cruel, a inflação estava baixando e a seleção brasileira de futebol tinha grandes chances de êxito na Copa do Mundo. A Copa e o Plano Real, foram dois fatores que uniram a população em torno de causas comuns, o tetracampeonato e a queda da inflação. O apoio da população ao Plano Real imobilizou a oposição e impulsionou a candidatura de Fernando Henrique Cardoso. A oposição da CUT ao plano foi feita com certos cuidados em função da grande aceitação do plano por parte da população; o presidente da entidade, Vicente Paulo da Silva, o Vicentinho afirmou: “O povo parece estar anestesiado”.<sup>224</sup> Mesmo o discurso do candidato petista sofreu mudanças em relação ao plano, Lula passa a admitir que manteria o Real se fosse eleito, mesmo tendo críticas ao programa de estabilização.<sup>225</sup> Em pesquisa DataFolha as pessoas com medo de perder poder aquisitivo com o plano diminuiu de 43% para 20%. A vantagem de Lula sobre Fernando Henrique também diminuiu, a diferença entre os dois era agora de apenas 9% segundo a mesma pesquisa publicada em 15 de julho.<sup>226</sup>

O PT estava tendo dificuldades com seu vice José Paulo Bisol. O vice de Lula era acusado, de ter apresentado emendas superfaturadas à comissão de orçamento para a construção de duas pontes em Buritis, município em que se localizava sua fazenda.<sup>227</sup> Dias mais tarde Bisol retira a emenda havia apresentado ao Orçamento Geral da União e levanta suspeita dos valores terem sido alterados, configurando-se então o superfaturamento.<sup>228</sup> O

---

<sup>223</sup> *Jornal Nacional*, 08/07/94.

<sup>224</sup> *O Estado de S. Paulo*, 10/07/94.

<sup>225</sup> *Jornal do Comércio*, 12/07/94.

<sup>226</sup> *Folha de S. Paulo*, 15/07/94.

<sup>227</sup> *Folha de S. Paulo*, 28/06/94.

<sup>228</sup> *Folha de S. Paulo*, 30/06/94.

“Jornal Nacional noticia a decisão de Bisol para apurar as emendas superfaturadas de Buriti.<sup>229</sup> A manutenção de Bisol como vice de Lula também fora noticiada pelo “JN” e o senador admite em entrevista ter errado politicamente ao assinar as emendas.<sup>230</sup> Duas acusações ainda pesavam sobre Bisol: de ter-se beneficiado da condição de juiz em 1982 para conseguir empréstimos subsidiados junto a Caixa Econômica do Rio Grande do Sul e de ter-se aposentado com apenas sete meses de trabalho no cargo de desembargador do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul.<sup>231</sup> Alguns integrantes da Frente Brasil Popular como o deputado Roberto Freire (PPS-PE) e o deputado Paulo Paim (PT-RS) pressionavam para que Bisol renunciasse.<sup>232</sup> O “Jornal Nacional” noticia: “Bisol continua vice de Lula apesar das acusações de ter-se aposentado com 7 meses de trabalho”.<sup>233</sup> Por mais duas edições consecutivas o “JN” enfatiza as denúncias contra Bisol, no dia 15 de julho Lula declara na televisão que mantém Bisol como vice e que aposentadoria deste não era ilegal. Lula resistia às pressões para troca de vice e declara para o *Jornal do Brasil*: “Quem decide é a Frente, mas para mim o assunto está encerrado. Ele continua na chapa”.<sup>234</sup>

Não só Lula estava tendo problemas com o vice, Fernando Henrique Cardoso também: os jornais, desde a 2ª quinzena de julho, já publicavam denúncias contra o senador Guilherme Palmeira. O vice de FHC era acusado de ter recebido indiretamente ajuda financeira de Paulo César Farias, tesoureiro de campanha do ex-presidente Fernando Collor através de contas fantasmas.<sup>235</sup> Era acusado também de assinar emendas para o Orçamento da União de interesse da construtora Sérvia e receber em troca depósitos em sua conta

---

<sup>229</sup> *Jornal Nacional*, 01/07/94.

<sup>230</sup> *Jornal Nacional*, 04/07/94.

<sup>231</sup> *Folha de S. Paulo*, 02/08/94 e *Jornal do Brasil*, 03/08/94.

<sup>232</sup> *Jornal do Brasil*, 13/07/94.

<sup>233</sup> *Jornal Nacional*, 13/07/94.

<sup>234</sup> *Jornal do Brasil*, 25/07/94.

<sup>235</sup> *Folha de S. Paulo*, 15/07/94.

bancária.<sup>236</sup> A situação de Palmeira se torna insustentável e renuncia nos primeiros dias de agosto, seu substituto foi Marco Maciel.

O Jornal Nacional divulga o problema com o candidato de Fernando Henrique, mas só alguns dias depois, no começo de agosto. A notícia do vice de FHC era sempre divulgada juntamente com a notícia do vice de Lula. O telejornal noticia a acusação do motorista da empresa Sérvia, que dizia ter feito um depósito na conta de um assessor de Palmeira. O comando do PFL estava reunido em Brasília para decidir o destino de Palmeira, Fernando Henrique é entrevistado sobre a questão e diz: “O negócio é o seguinte, comigo é *vapt-vupt*”, referindo-se a necessidade de uma troca rápida de vices. Na mesma edição, o noticioso anunciava que Lula ainda enfrentava problemas com o vice, pois Aloísio Mercadante não estava podendo participar dos programas eleitorais gratuitos. Alexandre Garcia de Brasília fecha a reportagem: “É decidida a saída de Palmeira como vice de FHC e o Supremo Tribunal Federal diz que vice de Lula ainda é Bisol”.<sup>237</sup>

Na edição seguinte, o “Jornal Nacional” continua enfatizando o processo de troca dos vices. Noticia que a Frente Brasil Popular recebeu a carta renúncia de Bisol e que Marco Maciel era o novo vice de FHC. FHC quis uma troca rápida de vices, disse o telejornal, e descreve a biografia de Maciel: “Marco Maciel foi ministro do governo Sarney, líder do governo Collor até estourar o escândalo”.<sup>238</sup> O PT critica a escolha de Maciel atacando o perfil conservador deste e sua ligação com o regime militar e com o governo Collor<sup>239</sup>, mas esta crítica não é divulgada pelo “Jornal Nacional”.

---

<sup>236</sup> *Folha de S. Paulo*, 30/07/94.

<sup>237</sup> *Jornal Nacional*, 02/08/94.

<sup>238</sup> *Jornal Nacional*, 03/08/94.

<sup>239</sup> *Estado de S. Paulo*, 04/08/94.

Neste meio tempo a seleção brasileira já havia se tornado tetra-campeã mundial de futebol ganhando a final contra a Itália, com grande destaque no telejornal: as cenas de alegria dos torcedores brasileiros e falando do orgulho de ser brasileiro, a entrega da taça, o desfile em carro aberto em meio de multidões no Recife, Brasília e Rio de Janeiro. O hino e a imagem de Ayrton Senna, corredor de Formula 1 brasileiro morto meses antes, eram sempre lembrados. O telejornal sempre se referia aos jogadores, na voz dos locutores, como os “heróis do tetra”.

O Presidente Itamar Franco já havia tentado comparar o crescimento de Fernando Henrique nas pesquisas ao desempenho da seleção na Copa ao assumir a candidatura do tucano.<sup>240</sup> Fernando Henrique tentou aproveitar a vitória da seleção para si, comparando a trajetória vitoriosa da seleção à trajetória do Plano Real<sup>241</sup> O encontro do Presidente Itamar Franco com os jogadores e com a comissão técnica que os jogadores foram condecorados com a medalha do Mérito Esportivo foi mostrado ao vivo com a narração de Alexandre Garcia.<sup>242</sup> Todavia, a tentativa de ligar a candidatura de FHC ao sucesso da seleção no mundial de futebol talvez não tenha sido a melhor decisão tomada pelo comando da campanha, dias mais tarde, pesquisas apontavam que os eleitores estavam indignados com a liberação alfandegária da bagagem da seleção.<sup>243</sup> No relato do telejornal sobre o episódio da bagagem da seleção, os fiscais fizeram o possível mas a multidão pressionava para ver os jogadores.

Para o “Jornal Nacional”, o Plano Real estava tendo êxito, o preço da cesta básica estava baixando e a população estava ajudando com o boicote aos preços altos dizia o

---

<sup>240</sup> *Jornal do Brasil*, 16/07/94.

<sup>241</sup> *Folha de S. Paulo*, 21/07/94.

<sup>242</sup> *Jornal Nacional*, 19/07/94.

<sup>243</sup> *Revista Veja*, 03/08/94.

telejornal. A opinião pública era tão favorável ao programa econômico que esta mesma opinião pública iria pressionar o movimento sindical a não desencadear o chamado “setembro negro”, as categorias como “os petroleiros e os bancários que o governo considera bem remuneradas mas que sempre querem mais, aumento só na data-base como manda a lei” dizia Ana Paula Padrão em reportagem.<sup>244</sup> Outro fator que poderia afetar o plano econômico era o aumento de salário do funcionalismo público, segundo a reportagem de Alexandre Garcia, por este motivo o presidente e o ministério da Fazenda não chegaram a um acordo da percentagem.<sup>245</sup> Em concordância com esta política estava a voz de Fernando Henrique Cardoso declarando que acha justo o aumento do funcionalismo, mas o governo não tinha dinheiro para arcar com tais aumentos.<sup>246</sup>

O advento do Real não era apenas a queda dos preços, mas era também uma mudança de hábito do consumidor brasileiro, dizia o telejornal. O comprador, antes consumista, era agora cuidadoso, tinha adquirido o costume de pesquisar e só comprava o necessário. Mesmo com o comerciante atraindo o consumidor, este sabia avaliar o melhor preço.<sup>247</sup>

Rubens Ricúpero era o arauto das chamadas mudanças, a manchete da edição do dia 22 de junho reserva um espaço ao ministro que dizia: “Ainda há muitos preços que precisam baixar e voltar ao que eram antes no seu bolso”. E, segundo o “Jornal Nacional” na reportagem, avisava aos empresários: “Está acabando o tempo do lucro fácil”.<sup>248</sup>

O anúncio de uma inflação próxima de zero para o mês de agosto era feito pelo telejornal através de Rubens Ricúpero, Pedro Malan e Fernando Henrique Cardoso. Cardoso

---

<sup>244</sup> *Jornal Nacional*, 15/07/94.

<sup>245</sup> *Jornal Nacional*, 18/07/94.

<sup>246</sup> *Jornal Nacional*, 21/07/94.

<sup>247</sup> *Jornal Nacional*, 15/07/94, 21/07/94.

<sup>248</sup> *Jornal Nacional*, 22/07/94.

fez a declaração que com a inflação próxima de zero, o Real iria dar poder de compra ao trabalhador pois a inflação destruía o salário.

A candidatura de Fernando Henrique Cardoso avançava, as pesquisas mostravam uma situação de empate técnico. Intelectuais ligados a Luiz Inácio Lula da Silva organizam um manifesto com 418 assinaturas de intelectuais e artistas, tentando impulsionar a candidatura do petista.<sup>249</sup> As pesquisas qualitativas apontavam o apoio popular dado ao Plano Real e indicavam que a ameaça de greves feita pela CUT eram reprovadas pela população. A postura do candidato petista era às vezes ambígua, ora defendia com ressalvas ora criticava o Plano Real, mesmo identificado com o movimento sindical tentou não aliar seu nome aos movimentos grevistas.<sup>250</sup>

Fernando Henrique Cardoso tinha uma forte e clara ligação com o plano Real e com o governo vigente. O “Jornal Nacional” já divulgara uma pesquisa do IBOPE em que 75% dos entrevistados acreditavam que o plano Real daria certo e que 30% dos entrevistados consideram o governo Itamar bom ou ótimo e 49% regular<sup>251</sup>. A oposição, através de Vicente Paulo da Silva presidente da CUT, tentou chamar a atenção para o valor do salário mínimo, ressaltando que este só poderia comprar a metade da cesta básica.<sup>252</sup> O “Jornal Nacional”, por sua vez, mostrava que o preço da cesta básica estava caindo, e que a previsão de inflação para agosto, na análise de Joelnir Betting, seria de apenas 2%. Este modelo econômico que estava sendo edificado era uma das metas de Fernando Henrique Cardoso, afirmados pelo candidato no lançamento das linhas gerais de seu plano de governo

---

<sup>249</sup> *O Estado de S. Paulo*, 19/07/94.

<sup>250</sup> *Revista Veja*, 03/08/94., 03/08/94.

<sup>251</sup> *Jornal Nacional*, 27/07/94.

<sup>252</sup> *Jornal do Comércio*, 28/07/94.

no Memorial JK, com prioridade e agilidade nas privatizações, inspirado “no sonho e na ousadia de Juscelino Kubitschek.”<sup>253</sup>

As cenas de apoio a FHC eram mostradas no telejornal. O apoio de Hélio Costa, candidato a governador de Minas Gerais e Álvaro Dias, candidato a governador do Paraná, ambos do PP (Partido Popular); o encontro com Roseana Sarney, candidata a governadora do Maranhão pelo PFL e 130 prefeitos de cidades maranhenses; com Antônio Carlos Magalhães, ex governador e candidato a senador pelo PFL na Igreja do Bonfim com multidão.<sup>254</sup> As pesquisas qualitativas apontavam que Fernando Henrique Cardoso tinha uma imagem elitista para o eleitorado e o candidato tentava apagar esta imagem, tentando torna-la mais popular. Nem sempre essa tentativa foi bem sucedida, quando o candidato tucano subiu em um jegue, situação pela qual as pesquisas revelaram que o eleitorado sabia que aquela atitude era forçada, sem naturalidade.<sup>255</sup>

As imagens do candidato petista e grandes aglomerações também eram vistas no telejornal, mesmo porque um dos pontos fortes do Partido dos Trabalhadores é a organização de grandes comícios. Comícios em Brasília, “Lula é recebido com festa em Brasília” e comício na Praça Ramos em São Paulo forma mostrados na televisão.<sup>256</sup>

A legislação eleitoral de 1994 havia proibido no horário eleitoral gratuito da televisão as cenas externas, “montagens ou trucagens”, sendo permitidas apenas as cenas gravadas em estúdio. Só o candidato e o vice poderiam aparecer nos programas, não sendo permitida a presença de convidados.<sup>257</sup>

---

<sup>253</sup> *Jornal Nacional*, 28/07/94.

<sup>254</sup> *Jornal Nacional*, 22/07/94, 29/07/94, 30/07/94.

<sup>255</sup> *Revista Veja*, 03/08/94

<sup>256</sup> *Jornal Nacional*, 28/07/94 e 01/08/94.

<sup>257</sup> Resolução (21.06.94), Instruções sobre Propaganda (Eleições de 03 de outubro de 1994), Art. 29.

Um mês após a implantação da nova moeda, o telejornal noticiava que a população estava aprovando o Real. Neste dia o “JN” dá a seguinte manchete: “O Real completa um mês e o preço da cesta básica não pára de cair”. Repórter em supermercado constatava: “Os preços só não ficaram melhores porque a natureza não ajudou”. Mais uma vez, Rubens Ricúpero dá seu recado em entrevista para Ana Paula Padrão: nota 8 para o desempenho do plano, disse o ministro, que teve como ponto negativo a subida dos preços dias antes da mudança de moeda. O ministro lembrava um advogado na defesa de uma grande causa: ameaçava fechar as lojas que não dessem nota fiscal, importar os produtos que os preços não caíssem. Divulgava novos projetos que tinham por objetivo a queda da inflação: acabar com a indexação, diminuir impostos, estudar um meio de fazer os preços das roupas caírem.<sup>258</sup>

Apesar do apoio popular, o Real recebia pressões de vários setores: sindicalistas queriam reajustes mensais de salário, o funcionalismo público civil e militar queria a correção de rendimentos, os empresários reclamavam pela queda dos juros e de medidas que incentivassem as exportações, as estatais queriam correção das tarifas.<sup>259</sup> O relacionamento do Presidente Itamar Franco com a equipe econômica do governo revelava-se conflituoso. Itamar Franco criticava equipe econômica de não colaborar para se chegar a um consenso sobre o reajuste do salário do funcionalismo federal e reclamou: “há um ditado que diz: os números não mentem. Mas os mentirosos fabricam números”.<sup>260</sup> O argumento do ministro da era de que o Tesouro Nacional não teria como cobrir estes aumentos. FHC tentava

---

<sup>258</sup> *Jornal Nacional*, 01/08/94 e 02/08/94

<sup>259</sup> *O Estado de S. Paulo, Jornal do Brasil*, 01/08/94.

<sup>260</sup> *Folha de S. Paulo*, 08/08/94.

acalmar os ânimos reunindo-se com o Presidente e alegando que o aumento do funcionalismo não poderia incompatibilizar o plano.<sup>261</sup>

Sem citar o embaraço criado entre o presidente e a equipe econômica afinada com FHC o “JN” apenas noticiava: o aumento do funcionalismo só será possível se o Tesouro tiver disponibilidade e os aumentos salariais deverão ser feitos nas datas-base e sem repasse nos preços. A posição da equipe econômica teve êxito e o telejornal colocava no ar a nova posição de Itamar Franco, sem contudo citar os conflitos anteriores a ela e Alexandre Garcia repetia as palavras de Itamar Franco: a reivindicada isonomia salarial era necessária, mas não poderia danar o Real. O “JN” conclui: “Itamar Franco avisa que não pode dar aumentos ao servidor e espera que sucessor o faça.”<sup>262</sup>

Todas estas considerações em torno dos salários tinham sua razão de existir: as expectativas para setembro eram grandes, pois este é o mês da data-base de várias categorias profissionais. Por trás da discussão salarial estava a sucessão presidencial: a frase proferida pelo Partido dos Trabalhadores era “Moeda forte. Salário fraco.” Fernando Henrique Cardoso alegava que não existe salário forte sem moeda estável.<sup>263</sup> O confronto estava aberto e o pano de fundo deste confronto era o programa de estabilização.

A discussão entre os principais candidatos da eleição presidencial passa a girar, neste sentido, em torno do plano de estabilização da economia. Fernando Henrique Cardoso lembrava com veemência ser ele o autor do plano e também a pessoa que deveria continuar sua implementação. Lula fazia críticas ao Real, tentando apontar suas contradições, dizendo

---

<sup>261</sup> *Jornal do Brasil*, 09/08/94.

<sup>262</sup> *Jornal Nacional*, 04/08/94, 08/08/94 e 11/08/94.

<sup>263</sup> *Jornal do Brasil*, 07/08/94.

que os brasileiros querem moeda forte e inflação baixa, mas querem também melhores salários e distribuição de renda.<sup>264</sup>

A coordenação de campanha petista admitiu que errou ao subestimar o impacto do plano real frente a população e também a capacidade de Fernando Henrique unir forças políticas em torno de seu nome.<sup>265</sup> A declaração de Rubens Ricúpero a respeito da influência do plano sobre a candidatura de FHC mostrava que seus aliados estavam muito conscientes deste impacto: “o cidadão se identifica com aqueles que defendem o plano”, “os que ficam contra o plano, ficam contra o povo.” Ressaltou ainda que quem defendesse o plano se beneficiaria nas eleições.<sup>266</sup>

Apesar dos efeitos positivos do plano, o “JN” dizia que a população tinha que colaborar, pesquisar preços, os eletrodomésticos têm diferenças de até 50% de uma loja para outra informavam os repórteres, em entrevista, representante do Procon dizia que deixar de comprar produto faz preço cair e finalizando, Joelmir Betting faz referência à dispersão de preços e sugere ao consumidor a pesquisa<sup>267</sup>. Ou seja, era necessária a mobilização do consumidor para que o plano tivesse êxito.

Em face de uma onda consumista que começava a surgir, o telejornal informava as vantagens se o consumidor não voltasse às compras, pois o alto consumo poderia prejudicar o plano e mostrava dados: procura ao SPC tinha aumentado 54% e uso do cartão 45%. Economistas alertavam, em entrevista, que não era hora de sair comprando tudo. Às vésperas do Dia dos Pais o ministro Rubens Ricúpero aparece em manchete no JN pedindo

---

<sup>264</sup> *O Globo*, 01/08/94.

<sup>265</sup> *O Globo*, 02/08/94.

<sup>266</sup> *Folha de S. Paulo*, 02/08/94.

<sup>267</sup> *Jornal Nacional*, 08/08/94.

para as pessoas não consumirem ou os preços não caíam. Em entrevista declara: “Presente para o pai pode ser um ato de cidadania”.<sup>268</sup>

Nesta campanha de mobilização e de união nacional na defesa da moeda o “Jornal Nacional” divulgava uma pesquisa feita pelo Ibope na qual Fernando Henrique estava na frente nas intenções de voto no primeiro e também em um provável segundo turno. O candidato tucano é visto no telejornal recebendo adesões de atletas, nas ruas com populares ou então com D. Guiomar, eleitora de 92 anos que tirou o título só para votar em FHC.<sup>269</sup>

Em função da queda de Luiz Inácio Lula da Silva nas pesquisas a campanha petista entra em crise e o PT passa a discutir alternativas para superar a crise. Os rumos que a campanha tomava giravam em torno do plano: ficou decidido que Lula diminuiria suas críticas ao Real. O partido passou a dar prioridade ao discurso político, deixando de para segundo plano as críticas ao plano.<sup>270</sup>

Os ventos sopravam a favor do Plano Real e por conseguinte a favor da candidatura de FHC. O “Jornal Nacional” acompanhava estes ventos e na sua visão tínhamos agora uma moeda forte, o que era motivo de orgulho: “brasileiro esnoba o dólar, nunca moeda americana valeu tão pouco, R\$0,89 noticiava o telejornal, “é a menor cotação de todos os tempos”. Tínhamos também novas oportunidades de crédito o que era motivo de euforia: com a queda da inflação consumidores apostam nos consórcios pois prestações são iguais, noticia. Joelmir Betting completa que com a chegada do real renascem as antigas práticas como o consórcio, o crediário e a caderneta de fiado.<sup>271</sup>

---

<sup>268</sup> *Jornal Nacional*, 10/08/94.

<sup>269</sup> *Jornal Nacional*, 09/08/94, 12/08/94 e 13/08/94.

<sup>270</sup> *Jornal do Brasil*, 13/08/94 e 14/08/94.

<sup>271</sup> *Jornal Nacional*, 14/08/94.

Alguns preços ainda estavam altos e o *Jornal Nacional* não deixa de noticiá-los: o repórter visitando feira constatava um aumento de 521% das frutas e legumes desde a implantação do Real. Mas isso se devia, segundo Joelmir Betting, não apenas pela ganância, mas também pela incompetência dos atravessadores. No supermercado o repórter constatava um aumento de 259% de alguns produtos. O repórter na feira ou no supermercado, próximo do consumidor ou da dona-de-casa, agindo através das reportagens na defesa do consumidor. Não só agindo como orientando, mostrando outras donas-de-casa que pesquisaram e descobriram os preços mais baixos. A chave do êxito estava na mobilização do consumidor.<sup>272</sup>

Rubens Ricúpero lançava uma nova campanha e o “*Jornal Nacional*” o auxiliava em sua empreitada dando espaço para o ministro mais uma vez na manchete: “Ministro da Fazenda convoca consumidor para a guerra da nota fiscal” e a fala de Ricúpero é inserida na manchete “Dar nota fiscal não é um favor, é uma obrigação”. Ricúpero pedia aos consumidores que pedissem a nota fiscal para evitar a sonegação, o “JN” entrava no ar com entrevistas a consumidores, perguntando se tinham pedido nota fiscal; e a lojistas, perguntando se tinham dado nota fiscal. Ana Paula Padrão faz a cobertura da entrevista coletiva de Ricúpero, e o defensor do Real está mais uma vez na televisão: “Já é um começo de abuso quando o comerciante pergunta se você quer nota fiscal”.<sup>273</sup>

Fernando Henrique Cardoso contabilizava seus apoios e o telejornal não deixava de mostrá-los. Era a vez do PPR de Tocantins<sup>274</sup> partido que não era da coligação que apoiava FHC e tinha candidato próprio a presidência da República.

---

<sup>272</sup> *Jornal Nacional*, 15/08/94 e 16/08/94.

<sup>273</sup> *Jornal Nacional*, 15/08/94.

<sup>274</sup> *Jornal Nacional*, 16/08/94.

o Henrique era seu  
o governo era seu  
Jornal Nacional” não  
fo noticiava sobre a  
ão poderiam fazer  
ontra o aumento das  
vogação, a irritação  
gens de Ricúpero na  
: um homem público

ificava que o Real  
o mentor do plano e  
ectual. As cenas de  
a grande platéia de.  
ba fazendo comício

ubens Ricúpero na  
de ânimo veiculado  
n a união de todos,  
ação e valorizar a

E R R A T A

Onde-se lê

Leia-se

p. 39 mosaicismismo da o próprio

mosaicismo da televisão o  
próprio

p. 86 pedir-lhe

pedir-lhe

p.114 Buarque da Holanda

Buarque de Holanda

p.160 Último

Último

moeda

<sup>275</sup> *Jornal Nacional*, 16/08/94, 17/08/94 e 19/08/94.

<sup>276</sup> *Jornal Nacional*, 18/08/94 e 19/08/94.

<sup>277</sup> *Jornal Nacional*, 18/08/94.



Na segunda quinzena de agosto, a Central Única dos Trabalhadores estava dividida sobre qual orientação tomaria em relação às campanhas salariais do trabalhadores com data-base em setembro. O temor de alguns dirigentes era que as prováveis greves e as críticas ao real pudessem prejudicar a candidatura de Luís Inácio Lula da Silva<sup>278</sup>. As pesquisas qualitativas de opinião mostravam que o eleitorado considerava o PT um partido desordeiro em função das greves e portanto Lula distanciou-se dos sindicatos,<sup>279</sup> a direção da campanha tentava convencer a CUT a não desencadear um movimento grevista em setembro, os petistas temiam que as greves fossem apontadas como fator de desestabilização do Plano Real<sup>280</sup>. Uma, entre as várias adversidades enfrentadas pelo PT e pela CUT era a revelação que a SAE (Secretaria de Assuntos Estratégicos) estaria fazendo uma operação de espionagem em sindicatos, suspeitando que “grupos radicais” da CUT e do PT estariam tentando radicalizar as greves com o intuito de mudar o cenário eleitoral, adverso a Lula.<sup>281</sup>

No “Jornal Nacional”, em entrevista, Lula admite que sua queda nas pesquisas de intenção de votos tinha sido maior que o partido esperava.<sup>282</sup> Nada é dito sobre as possíveis tentativas de espionagem da SAE sobre os sindicatos cutistas no decorrer da semana, denúncia feita pela *Folha de S. Paulo*. A mesma edição mostrava FHC num encontro com empresários revelando sua pretensão de investir US\$700.000,00 em infra-estrutura.

O Jornal Nacional continuava sua campanha contra o consumo excessivo, “sonho da dona de casa (de consumir) está virando um pesadelo para o governo” e outra campanha era divulgada em manchete “O ministro da Fazenda resolve fazer campanha para baixar os juros”. O Banco Central havia divulgado que no mês de agosto houvera mais saques que

---

<sup>278</sup> *O Globo*, 18/08/94.

<sup>279</sup> *Revista Veja*, 03/08/94.

<sup>280</sup> *Folha de S. Paulo*, 23/08/94.

<sup>281</sup> *Folha de S. Paulo*, 22/08/94.

<sup>282</sup> *Jornal Nacional*, 20/08/94.

depósitos nas poupanças, estes recursos provavelmente estariam indo para as compras.<sup>283</sup> Num grande magazine o repórter noticiava a onda de consumo em eletrônicos pelo crediário. Outra repórter alertava que eletrodomésticos estavam muito procurados e que poderiam sumir e subir de preço, governo poderia intervir na falta de produtos e o desejo de Rubens Ricúpero era aumentar a oferta forçando a queda dos preços, continuava a repórter. Porém, nem tudo era motivo para preocupação veiculava. Outra reportagem mostrava as fábricas de Manaus que tinham tido recorde de faturamento na Zona Franca, funcionários demitidos voltaram a trabalhar e a superprodução poderia diminuir o preço dos produtos.<sup>284</sup>

Freqüentemente o ministro da Fazenda lançava através do “JN” uma nova proposta do governo para aprimorar o plano, dando a impressão de que o Ministério da Fazenda era uma fábrica de propostas que trabalhava a todo vapor. Alguns dias após o lançamento da nova moeda, Ricúpero prometera que tomaria medidas drásticas contra as prefeituras que haviam aumentado o preço das passagens dos ônibus; anunciara também o estudo do corte de impostos sobre as roupas para forçar a queda dos preços. Teve também a idéia de baixar em 12% o custo da cesta básica, baixando também o ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviço) e dos gás de cozinha. Outra proposta era compor a cesta básica com apenas 9 produtos diminuindo assim seu custos. Especialista da Escola Paulista de Medicina declarava em entrevista que nova cesta básica com apenas 9 produtos atenderiam as necessidades nutricionais. Ou então fazer um estudo para se aumentar o rendimento da caderneta de poupança no intuito de forçar a queda do consumo, com a criação de uma caderneta vinculada ao consumo ou com prazo e rendimento maiores (6 meses). Por fim, o anúncio da queda do preço da gasolina.<sup>285</sup>

---

<sup>283</sup> *O Estado de S. Paulo*, 20/08/94.

<sup>284</sup> *Jornal Nacional*, 23/08/94.

<sup>285</sup> *Jornal Nacional*, 09/07/94, 02/08/94 25/08/94, 26/08/94, 29/08/94 e 01/09/94.

Fernando Henrique Cardoso e Luís Inácio Lula da Silva tocavam as respectivas campanhas eleitorais. Ambos tinham espaço no telejornal mostrando sinais de popularidade. Lula aparecia em comício no estado de Tocantins e na Bienal do Livro cercado de multidão. Da campanha de FHC era mostrado seu comício em Brasília, “o maior da campanha”, FHC “diz que em seu governo o povo terá decência e dignidade.”<sup>286</sup>

Todavia, apesar do apoio popular o governo e o Plano Real tinha oposição e desprezar esta oposição não era fácil. Fernando Henrique Cardoso era acusado pelos candidatos adversários de ser beneficiado com o uso da máquina administrativa do governo. O presidente Itamar Franco havia declarado seu voto a FHC, mas negava que o governo estivesse usando a máquina: “Minha atuação na vida pública marcou-se pelo respeito às normas éticas e jurídicas da democracia”<sup>287</sup> Atrasado, o “Jornal Nacional” noticia o caso, colocando no ar o desafio de Itamar Franco, dizia o então presidente que o TSE (Tribunal Superior Eleitoral) poderia investigar se a máquina do governo estava sendo usada para a candidatura de Cardoso.<sup>288</sup>

A Central Única dos Trabalhadores mobilizava-se contra o Plano e contra a candidatura de Fernando Henrique Cardoso. Em S. Paulo foi feita uma grande manifestação pelos metalúrgicos do ABC na via Anchieta no dia 25 de agosto. Os metalúrgicos queriam uma reposição salarial de 6.8%. As imagens dos manifestantes foram mostradas pelo telejornal, começa a partir deste dia o desenrolar da atividade sindical dos metalúrgicos do ABC que desemboca na greve em setembro.

A briga se acirra quando o IPC-R (Índice de Preços ao Consumidor- Real) de agosto é divulgado no final do mesmo mês. As categorias com data-base em setembro, entre elas os

---

<sup>286</sup> *Jornal Nacional*, 27/08/94.

<sup>287</sup> *Jornal do Brasil*, *O Estado de S. Paulo*, *O Globo*, 25/08/94.

<sup>288</sup> *Jornal Nacional*, 31/08/94.

bancários e os petroleiros, teriam um reajuste obrigatório de 11,87%. Setembro prometia mobilizações de várias categorias, os metalúrgicos e os petroleiros ameaçavam fazer greve. O objetivo da CUT e de seu presidente era negociar com os setores empresariais a reposição integral dos salários da inflação sobre o real. O IPC-R mais alto que o esperado, trouxe ânimo a campanha petista, o PT tentava dar um novo fôlego para a campanha aumento sua base de sustentação partidária para um provável segundo turno.<sup>289</sup>

Rubens Ricúpero explica em entrevista para o “Jornal Nacional” que a inflação iria ser repassada nos salários na data-base de cada categoria, “o lado bom dos índices são os reajustes de salários” e que no mês de setembro o índice deveria ficar em torno de 1 e 2%. O IPC-R, explica o telejornal, “de mais ou menos 5%” deve cair no mês de setembro e que outros índices de inflação foram pequenos no mês de agosto.

Dois dias mais tarde Ana Paula Padrão volta ao supermercado lembrando que as tarifas públicas não subiram, constatando que os preços nas prateleiras até baixaram mas o IPC-R foi de 5,46% graças ao aumento do aluguel, o grande vilão, e do pãozinho. O IPC por exemplo, continuava a repórter, não tinha estes indicadores e estava baixo. Joelmir Betting explicava que a diferença dos índices estava em sua metodologia e que o IPC-R, índice do governo tinha sido o mais alto e o índice do DIEESE, órgão ligado aos sindicatos, tinha sido o mais baixo.<sup>290</sup>

A contrapartida do noticioso à alta do IPC-R eram as vantagens do uso da caderneta de poupança. Mais uma vez Rubens Ricúpero aparece falando destas vantagens: na inauguração de um serviço de consulta de preços por computador dá a idéia de cadernetas com prazo e rendimento maior ou de cadernetas vinculadas ao consumo. O telejornal

---

<sup>289</sup> *Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo, Jornal do Comércio, Gazeta Mercantil, 30/08/94.*

<sup>290</sup> *Jornal Nacional, 29/08/94.*

aconselhava o consumidor a não comprar alertando sobre as altas taxas de juros do crediário e divulgando imagens das longas filas de pagamento das prestações. Novamente um especialista dá o seu recado: o economista José Roberto Cunha sugere ao consumidor não gastar e aplicar o dinheiro na poupança. Rubens Ricúpero finaliza reforçando: “A poupança é o melhor caminho para comprar melhor”.<sup>291</sup>

O governo estava estudando medidas para conter o aumento de consumo da classe média, uma destas medidas era a alta dos juros dificultando a abertura de novos crediários. FHC apoiava tais medidas.<sup>292</sup> O “JN” lembra o telespectador sobre as dificuldades de se comprar através de crediários com a alta dos juros, dizia porém que o consumidor já conhecia as armadilhas do crediário, informava também que os juros altos sobre as prestações tinham aumentado a inadimplência. Repórter acompanha consumidora no centro de S. Paulo, após pesquisa de preço de fogão entrevistada resolve comprar fogão à vista e não pelo crediário. A provável obrigatoriedade das lojas colocarem a taxa de juros da prestações em cartazes, através de um projeto de lei de José Serra, ganha cobertura de Ana Paula. Joelmir Betting tem sua explicação para as altas taxas de juros: “Comércio ainda teima colocar juros desonestos no preço da prestação”.<sup>293</sup>

No dia 30 de agosto, a Globo divulgava mais uma pesquisa Ibope, Fernando Henrique Cardoso liderava com 22 pontos a frente de Lula. Mais um apoio merece um espaço no telejornal: o apoio de Osiris Lopes Fº ex-secretário geral da Receita Federal<sup>294</sup> A gestão de Lopes Fº na Receita Federal havia conseguido credibilidade pela seriedade pelos quais os problemas fiscais eram tratados, era um importante apoio para FHC.

---

<sup>291</sup> *Jornal Nacional*, 29/08/94 e 30/08/94.

<sup>292</sup> *Folha de S. Paulo*, 28/08/94.

<sup>293</sup> *Jornal Nacional*, 30/08/94 e 31/08/94.

<sup>294</sup> *Jornal Nacional*, 31/08/94.

As expectativas por parte do governo quanto ao desempenho do Plano Real eram otimistas. O Ministro da Fazenda Rubens Ricúpero previa que a inflação de dezembro ficasse abaixo de 1% ao mês. Dizia o ministro que, com quase dois meses vigência, o plano Real continuava “desmentindo prognósticos pessimistas”, ou seja, previsões de que o plano seria recessivo, de que haveria perda salarial, explosão de consumo, saques em massa da poupança, queda nas exportações.<sup>295</sup> Dia 1º de setembro houve um reajuste do salário mínimo, que passa de R\$64,00 para R\$70,00 a serem pagos em outubro.

No dia 1º de setembro o “Jornal Nacional” dá em manchete que “cesta básica não pára de cair em São Paulo” e anuncia que “o salário mínimo vale hoje R\$70,00, aumento de 8,19%”. Além do aumento do mínimo, o jornal noticia a queda do preço da cesta básica, mais barata 8,18% desde o Real, salientando porém que há muita “gordura” ainda a ser queimada. Ana Paula Padrão em reportagem ressalta a importância dos importados na queda dos preços e anuncia a pretensão de Rubens Ricúpero baixar mais o imposto de importação. A mesma repórter entrevista ao vivo de Brasília o ministro da Fazenda para comentar os dois meses de vigência do Real, o ministro anuncia a provável queda do preço da gasolina. Diretamente de S. Paulo Joelmir Betting fazia suas perguntas ao ministro numa pequena janela aberta no canto do vídeo.<sup>296</sup>

Os dois meses de implantação do Real coincidia com o aniversário de 25 anos do “Jornal Nacional”. Neste dia o telejornal se autoqualifica, na voz de Cid Moreira, como o informativo que “com equilíbrio e correção ajuda o telespectador a entender o que acontece a sua volta. E finaliza: “Este é o nosso dever e é o que vamos continuar levando às casas do país inteiro.”

---

<sup>295</sup> *O Globo*, 01/09/94.

<sup>296</sup> *Jornal Nacional*, 01/09/94.

Um dia após ter conseguido um espaço ao vivo no telejornal, Rubens Ricúpero é pivô de uma notícia constrangedora para o ministro e para a Rede Globo. O episódio não é mostrado com clareza pelo telejornal, Lula é entrevistado em caminhada no centro de São Paulo e comenta de uma conversa em *off* entre o ministro da Fazenda e o repórter Carlos Monforte no dia anterior em um jornal noturno que havia sido captada por antenas parabólicas. Não é divulgado o teor da conversa, mas o “Jornal Nacional” dá suas explicações antecipadas: o ministro havia usado tom irônico no diálogo com Monforte e foi mal interpretado, o Presidente Itamar Franco escutara e aceitara as explicações do ministro bem como dera o caso por encerrado. As explicações não param por aí: o provável apoio da Globo ao candidato do PSDB dito por Ricúpero não existia ou seja “a emissora reitera que não apoia qualquer candidato e está fazendo uma cobertura isenta sobre a eleição, o noticiário sobre o Real tem um objetivo único de informar os telespectadores e afirma que sempre apoiará medidas que visem acabar com a inflação”.<sup>297</sup>

No outro dia, a imprensa publicava o teor da conversa. O ministro admitia esconder índices da inflação quando a taxa fosse desfavorável ao governo. A frase proferida pelo ministro: “Eu não tenho escrúpulos. O que é bom a gente fatura; o que é ruim a gente esconde”, referia-se ao IPC-R de agosto. Quanto a Globo e seu apoio a FHC disse o ministro: “Para a Rede Globo foi um achado. Em vez de terem que dar apoio ostensivo a ele (FHC), botam a mim no ar e ninguém pode dizer nada.” Após ter dado entrevista par o “JN” e para o “Jornal da Globo” Ricúpero dizia estar disponível para outros programas, inclusive o “Fantástico.” Sobre a alta do IPC-r, índice calculado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) disse o ministro ser o instituto um “covil do PT”.<sup>298</sup>

---

<sup>297</sup> *Jornal Nacional*, 02/09/94.

<sup>298</sup> *Folha de São Paulo*, 03/09/94.

O escândalo não poderia ser maior. No mesmo dia que a imprensa publica a conversa de Ricúpero e Monforte o telejornal noticia o pedido de demissão de Ricúpero. O episódio, que um dia antes era dado como caso encerrado pelo presidente derrubava o ministro no dia seguinte. Alexandre Garcia dá suas explicações para a queda do ministro:

“Ontem à noite, ao conhecer as reações do PT às divagações e aos comentários que foram captados por antenas parabólicas, o ministro achou que não tinha condições de continuar e fez uma reflexão que diante de um repórter de seu círculo familiar falara demais e perdera a condição de ficar tocando o Plano Real. Hoje de manhã acrescentou mais um ponto na reflexão, que o plano econômico é mais importante que o ministro”.<sup>299</sup>

Algumas imagens e declarações do ministro “distribuídas pelo comitê de campanha do PT” foram veiculadas pelo telejornal no mesmo dia entre as quais: a declaração de que importaria ‘tudo quanto é bem de consumo’ para forçar a queda dos preços; sobre o erro no cálculo da inflação do IBGE, covil do PT; sobre a divulgação da queda do preço da gasolina, notícia alardeada simplesmente para desviar atenção da lata do IPC-R. As frases “O que é ruim a gente esconde, o que é bom a gente fatura”, “Este país não é racional” são contempladas pela edição e ganham espaço no telejornal. As declarações de Ricúpero sobre a Globo não são contempladas pela edição, não aparecendo portanto no telejornal.

Luiz Inácio Lula da Silva, mereceu também seu espaço na edição do dia 3 de setembro. Lula criticava as declarações do ex-ministro e que Ricúpero não passava de uma peça de uma engrenagem que era o uso da máquina estatal pró FHC. Dizia também ter as fitas gravadas com as declarações de Ricúpero no intuito de levá-las para o TSE. Quanto a Fernando Henrique Cardoso, o telejornal destaca o apoio de Antônio Britto dado ao

---

<sup>299</sup> *Jornal Nacional*, 03/09/94.

peessedebista em meio aos aplausos de uma multidão no Rio Grande do Sul. Se FHC deu alguma declaração sobre o caso Ricúpero, não foi mostrado na TV.

Às críticas ao ex-ministro o “JN” deu a sua resposta: Ana Paula Padrão anunciava em reportagem que Itamar Franco estava analisando um novo nome para a Fazenda de modo que o plano não fosse abalado, a equipe econômica continuaria a mesma. Sobre Ricúpero comentava a jornalista que o ex-ministro tinha sofrido pressões, mas também agira com energia; Ricúpero havia sido “o guardião da economia”, tinha trocado o “discurso pela conversa”. mas não vira a inflação cair 3% ao ano como queria.

Por fim, na edição do dia 3 de setembro, Alexandre Garcia revela o choque e a perplexidade de Itamar Franco com as declarações do ministro. Itamar Franco acabou por aceitar as declarações do ministro e profere a seguinte frase: “Real não é do ministro, nem do Presidente, é do povo brasileiro.”

O Presidente Itamar Franco tenta superar as adversidade e nomeia Ciro Gomes, governador do Ceará como o novo ministro da Fazenda. Disse o “JN” na edição do dia 5 de setembro: “Ciro Gomes é o novo ministro da Fazenda e deve manter o Real.” Ao repórter Alexandre Garcia coube a função de colocar no ar as considerações de Itamar Franco sobre o novo ministro: “O Presidente disse ao ministro ficar de olho nos especuladores e bater sem tréguas a especulação, o governo usou a artilharia contra a inflação, o ministro deve usar a infantaria para consolidar conquistas”. E estas conquistas estavam aparentemente sendo consolidadas: a Globo declarava através do “JN”, no mesmo dia, que o índice de inflação medido pela Fipe era de apenas 1,95% em agosto contra o IPC-R de 5,46% medido no mesmo mês.

A contrapartida às críticas de Lula e da CUT sobre a escolha de um ministro do PSDB para o cargo, o telejornal anuncia o pedido de licença do partido feito por Ciro Gomes. A resposta de Ciro Gomes vai ao ar: “Vou ser ministro do Brasil e não do meu partido.” A repórter Délis Ortiz divulga a resposta de Fernando Henrique Cardoso às mesmas críticas: diz a repórter que FHC acha natural que ministro seja um político do PSDB uma vez que o governo é apoiado pelo mesmo partido. Cardoso declarara em entrevista: “Meu Deus, quando é que esse pessoal vai aprender o bê-á-bá da democracia”.

Evidentemente o episódio Ricúpero causara repercussão e também preocupação em grupos da sociedade civil organizada, o Coletivo de Intelectuais nas eleições tinha o intuito de convidar entidades de direitos civis internacionais para observar as eleições no Brasil. Esta observação seria uma medida que tentava evitar o “envolvimento do governo e de parte da mídia” na campanha de FHC “evidenciado pelas declarações do ex-ministro Rubens Ricúpero”. O Coletivo era suprapartidário, composto por intelectuais ligados ao PMDB e ao PT.<sup>300</sup>

Os partidos e candidatos adversários de Fernando Henrique contestam sua candidatura na justiça: o PDT (Partido Democrático Trabalhista) e Orestes Quécia candidato a presidência da República pelo PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro) pedem a impugnação da candidatura de Fernando Henrique Cardoso. A notícia do pedido de impugnação da candidatura de FHC é dada no “Jornal Nacional”, mas juntamente com a notícia do pedido de impugnação da candidatura de Lula feito pelo partido tucano. A alegação do partido tucano para tal pedido é de que os carteiros estavam fazendo campanha para o petista.

---

<sup>300</sup> *Folha de S. Paulo*, 06/09/94.

Mais uma vez, na edição do dia 05 de setembro, a Rede Globo tenta explicar o ocorrido. Através do “JN” e na voz de Cid Moreira diz a Globo que fala de Ricúpero ganhou duas versões: a do apoio da Globo a FHC no qual Ricúpero estaria revelando por inadvertência ou a captação por antenas parabólicas seria parte de uma grande manobra com o intuito de ajudar o candidato do PT. E reitera:

“A Globo não tem compromisso com nenhum candidato e sim com o telespectador e com a democracia e por isto vai continuar apoiando medidas responsáveis que tenham como objetivo livrar o país do suplício da inflação.”

A primeira versão da fala de Ricúpero era de certa forma evidente pois as palavras do ex-ministro a confirmavam. Todavia, quanto a segunda versão, o telejornal não disse em que locais ou meios ela estava sendo divulgada.

Luiz Inácio Lula da Silva reage, em entrevista à televisão mostrada pelo “Jornal Nacional”, às acusações de que ele e o PT seriam responsáveis pela saída de Rubens Ricúpero. Declara-se ainda a favor do Real e acusa o ministro Alexis Stephanenko por uso da máquina em favor da candidatura de Fernando Henrique Cardoso ao convidar o candidato para inaugurações de obras. A resposta de Itamar Franco às acusações vem logo a seguir: o presidente diz que as sugestões do ministro não foram consideradas não existindo o delito, não admite práticas ilícitas em favor de qualquer candidato mas não se intimida com acusações.<sup>301</sup>

A defesa de Ricúpero ainda tinha seu espaço na TV e era feita por Marise Ricúpero, mulher do ex-ministro, em entrevista coletiva. A defesa é feita em forma de desabafo: “É cruel e doloroso ver chamado de mentiroso, sem escrúpulos e uma séries de impropérios, um homem honrado”.

---

<sup>301</sup> *Jornal Nacional*, 06/09/94.

O novo ministro da Fazenda era **Ciro Gomes** e, portanto, estava garantido seu espaço no noticiário da Globo: na despedida do governo do Ceará, o ministro chora ao receber elogios dos deputados cearenses. O atual ministro declara que prefere evitar a especulação a conter o consumo. Porém, no que se referia ao consumo, de acordo com os dados enunciados pelo telejornal, o ministro não precisava preocupar-se. Ana Paula Padrão divulgava os dados da queda de consumo: 30% em Brasília e 15% em S. Paulo. Com uma grande fila de pagamento de prestações ao fundo a repórter noticia que a queda de consumo aconteceu em virtude do consumidor poder pagar só uma prestação de cada vez. **Joelmir Betting** completa em seu comentário: “Queda de consumo significa que economia do Real funciona normalmente.” Em meio a todas adversidades ocorridas o telejornal tentava mostrar que o Real ia muito bem, sob controle. “O Real já deu certo”. esta era a declaração de **Fernando Henrique Cardoso** editada pelo telejornal.

**Ciro Gomes** volta à tela da televisão no outro dia, em missa em Fortaleza, rezando com um terço na mão. Na saída da Igreja recebe beijos e abraços de populares e diz a reportagem que pede a Deus luz, serenidade e humildade para exercer o cargo de ministro:

“Vou pedir a Deus que me dê luz para fazer o que for justo, que me dê serenidade para suportar todas as pressões e mais que isso, humildade para não deixar perder a noção do que falta fazer e os meus limites são tão estreitos que eu preciso que todos possam me ajudar.”

Na posse, o ministro prefere não dar muitas declarações sobre o plano até conhecer melhor seus detalhes. **Joelmir Betting** esclarece o que **Ciro Gomes** deveria fazer no ministério:

“**Ciro Gomes** dará continuidade ao plano Real com política monetária apertada, sem pacotes, não haverá controle de preços, não muda a política

salarial, alíquota de importação diminuirá para produtos em alta ou em falta, não se mexe em time que está ganhando.”

Mais tarde, em entrevista a Ana Paula Padrão, o ministro ratifica o que foi dito por Joelson Betting, “Quem estiver apostando em pacote depois da eleição se frustrará”.<sup>302</sup>

Se o Real estava sob controle a candidatura tucana, até então acuada, também estava controlada. E o “JN” mostra este estado de ânimo: o lançamento do Programa de Governo em Brasília no qual FHC propõe-se a investir 100 bilhões de reais em programas emergenciais. Enquanto a candidatura de Lula, mostra ainda o noticioso, é punida pelo TSE por usar imagens irregulares de Ricúpero no programa eleitoral gratuito.<sup>303</sup>

As pesquisas de intenção de voto do Ibope mostradas pelo “Jornal Nacional” no dia seguinte revelavam que o incidente com o ex-ministro Ricúpero não tinha abalado a candidatura de FHC. O tucano continuava vinte pontos percentuais a frente de Luiz Inácio Lula da Silva. O Real estava bem, mostrava o telejornal, com a guerra e a queda dos preços nos supermercados através de promoções e ofertas. E Rubens Ricúpero, após ter sido criticado, era hoje homenageado e aplaudido pelo público em pé, junto com a família, como também mostra a Globo e o JN.<sup>304</sup>

As homenagens não param em Ricúpero. Ciro Gomes, em destaque no “JN” também era homenageado por empresários no Rio de Janeiro. O ministro recebia elogios, bem como o Plano Real, empresários diziam que preços estavam caindo pela primeira vez sem congelamento.

Era conveniente lembrar, em outra reportagem, que mesmo sendo o IPC-R de agosto (5,46%) mais alto do que o governo esperava outros índices tinham sido mais baixos

---

<sup>302</sup> *Jornal Nacional*, 07/09/94.

<sup>303</sup> *idem*.

<sup>304</sup> *Jornal Nacional*, 08/07/94.

o índice da Fipe tinha sido de 1,95% e o ICV (Índice de Custo de Vida) da Fundação Getúlio Vargas tinha sido de 2,96%. A reportagem continua dizendo que vários índices confundem o consumidor pois têm metodologia e são coletados em dias diferentes diz a repórter, mas índice mais fiel está dentro de casa, enfermeira declara que gastos domésticos reduziram 14%.<sup>305</sup>

Joelmir Betting reforça informando sobre o crescimento de 5,7% da indústria no primeiro semestre de 1994 e que deveria crescer mais no segundo semestre com a moeda estabilizada.

Passado o episódio Ricúpero, Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva continuam com suas campanhas e a cobertura do jornal continua apenas anunciando os compromissos agendados.

O Tribunal Superior Eleitoral havia notificado Rubens Ricúpero a dar explicações sobre o uso da máquina administrativa em favor da candidatura de FHC, uma vez que o ex-ministro declarara-se eleitor do tucano na conversa com o jornalista Carlos Monforte.<sup>306</sup> Mais uma vez a defesa de Rubens Ricúpero tem seu espaço no “JN” quando este se apresenta a Justiça para se explicar. A defesa é feita agora através da fala de Saulo Ramos, seu advogado. Saulo Ramos argumentou que a conversa entre Ricúpero e Monforte era clandestina e pediu o arquivamento do processo.<sup>307</sup>

Todas as intempéries causadas pelo episódio envolvendo o ex-ministro Rubens Ricúpero não afetaram a popularidade do presidente Itamar Franco que atingira 82% de aprovação segundo uma pesquisa encomendada pelo próprio Palácio do Planalto. Assessores do Presidente reconheciam que esta popularidade era propulsionada pelos efeitos

---

<sup>305</sup> *Jornal Nacional*, 09/09/94.

<sup>306</sup> *O Globo*, 06/09/94.

<sup>307</sup> *Jornal Nacional*, 09/09/94.

do Plano Real<sup>308</sup> O mercado financeiro dava sinais que também havia superado a crise envolvendo Ricúpero e que estava satisfeito com a indicação de Ciro Gomes para substituir Ricúpero: a bolsa recuperara as perdas provocadas pela crise, o dólar atingira seu patamar mais baixo e os juros ficaram estáveis.<sup>309</sup>

Porém, novas vicissitudes o governo teria que enfrentar nos próximos dias, a greve dos metalúrgicos do ABC. Os metalúrgicos decidiram entrar em greve a partir do dia 12 de setembro pois reivindicavam reajuste mensal de salários pelo IPC-R. Vicente Paulo da Silva reclamava da interferência do governo, impedindo uma negociação entre empresários e sindicatos.<sup>310</sup>

Sob a ameaça da greve dos metalúrgicos, Ciro Gomes aparece no “Jornal Nacional” em entrevista e fala da greve e argumenta que reajustes de salários dos metalúrgicos não podem atrapalhar o plano:

“Não nos assusta a greve, a greve pode acontecer, sendo um expediente legítimo não há problema nenhum. O problema é, e isto não pode acontecer é que, a pretexto de temer a greve, o desdobramento da greve, por esta ou aquela razão e eleitoral muito menos, nós vamos abrir mão dos princípios fundamentais que garantam o êxito do Plano Real.”

A reportagem de três pequenas montadoras do ABC que concederam reajustes para os funcionários sem repassar nos preços é dado como um exemplo de solução para a crise<sup>311</sup>

A greve é deflagrada com a adesão de cerca de 65 mil metalúrgicos após o governo ter vetado o acordo feito entre a categoria e as montadoras que previa a reposição da inflação nos dois meses do Plano Real, 11,87%. O governo alegava que o aumento seria

---

<sup>308</sup> *Jornal do Brasil*, 09/09/94.

<sup>309</sup> *Gazeta Mercantil*, 09/09/94.

<sup>310</sup> *Folha de S. Paulo*, 11/09/94.

<sup>311</sup> *Jornal Nacional*, 10/09/94.

repassado para os preços, algo inaceitável dentro das regras do Plano Real. Diferentemente do ministro Ciro Gomes, as montadoras não consideravam a paralisação uma “greve política”, nem um fator de desestabilização do programa econômico, os empresários garantiram que o aumento de salários dos metalúrgicos não seriam repassados aos preços.<sup>312</sup>

Fernando Henrique Cardoso reagiu contrariamente considerando a greve uma “provocação”, uma “precipitação inadequada”. “A população quer, antes de mais nada, estabilidade da moeda”, “a população percebe que, ao forçar antecipação agora, os metalúrgicos colocam em risco essa estabilidade” Luiz Inácio Lula da Silva tentava distanciar sua campanha da greve e culpava o governo pelo fracasso das negociações.<sup>313</sup>

Ciro Gomes tem novamente seu espaço garantido na televisão no dia 13 de setembro, após a deflagração da greve. Diz o então ministro: “É apressada e injusta, um mal exemplo para a indexação”. Joelmir Betting explica preocupação do governo: não é proibido aumentar salário, mas aumento não pode ser repassado no preço. A grande assembleia e passeata dos metalúrgicos “de 77.000 pessoas e a decisão de continuar a greve e as críticas de Lula ao ministro Ciro Gomes dizendo que a interferência do ministro havia atrapalhado o acordo para encerrar a greve vão ao ar no mesmo dia.

As pesquisas de intenção de voto mostradas, ainda no dia 13, mostram que, independente da greve, a disputa presidencial não se alterou. Mesmo com a greve, mesmo com as pressões sofridas pelo governo, mostradas aliás pelo telejornal, Fernando Henrique liderava e era o seu projeto que a população apoiava.

A greve dos metalúrgicos continuava no dia seguinte e o “Jornal Nacional” fazia sua cobertura. O presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, Heigüberto Navarro, pede

---

<sup>312</sup> *Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo, Jornal do Brasil, O Globo, 13/09/94.*

<sup>313</sup> *Jornal do Brasil, 12/09/94.*

em rede nacional o fim da intervenção do governo nas negociações. A greve no setor de autopeças tem sua reportagem específica que mostra as fábricas totalmente paradas, as imagens de uma luva pertencente a um trabalhador grevista deixada sobre a máquina parada passando uma imagem de abandono e desolação. A reação dos empresários do setor de autopeça, que pedem o fim da greve na Justiça, também tem seu espaço dentro do telejornal.<sup>314</sup>

Ana Paula Padrão anuncia decisão do governo de chamar todos para negociação e divulga as palavras de Itamar Franco: “Se greve interessa a alguns, Plano Real interessa a todos.” O *Jornal Nacional* lembra através de Cid Moreira que indexação afeta o plano e que os metalúrgicos não tiveram nenhuma perda com o Plano Real. Ciro Gomes volta em entrevista e cita que categoria teve ganhos de 20% sobre a inflação.<sup>315</sup>

O “*Jornal Nacional*” continua sua cobertura das eleições sem deixar de lado a nuance nacionalista. A edição do dia 14 de setembro traz ainda a reportagem de dois eleitores, pai e filho, que se chamam Brasil. O pai se diz ser o brasileiro mais nacionalista do país, ao fundo a música “Brasil, Mostra Tua Cara” do compositor Cazuzá.

A lisura do processo eleitoral continuava a preocupar certos setores da sociedade organizada. O Movimento pela Ética na Política decidiu criar uma comissão que acompanhasse o andamento do processo eleitoral. Com a coordenação do sociólogo Herbert de Souza, o movimento era constituído por 800 entidades civis em todo país. Um dos alvos de atenção do movimento eram os meios de comunicação. No 1º encontro do movimento, o presidente da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos Brasileiros) criticou o oligopólio da comunicação e os superpoderes adquiridos pela mídia no Brasil. Entre os temas discutidos

---

<sup>314</sup> *Jornal Nacional*, 14/09/94.

<sup>315</sup> *idem*.

estavam a democratização da comunicação, a interferência da mídia no processo eleitoral e o direito de cidadania na fiscalização dos meios de comunicação. O movimento entrou também com representação no Tribunal Superior Eleitoral pedindo investigações sobre as declarações do ex-ministro Ricúpero.<sup>316</sup>

O governo resolvera sair das negociações entre as indústrias automobilísticas e os metalúrgicos do ABC paulista. Em reunião com **Ciro Gomes**, o presidente da Associação Nacional de Veículos Automotores (Anfavea) **Luís Adelar Scheuer** compromete-se em troca da saída do governo, não repassar os reajustes de salários para os preços dos automóveis. Scheuer declarava também que as indústrias estavam dispostas a conceder apenas um abono mensal que não será incorporado ao salário. As montadoras também comunicaram ao governo que decidiram negociar separadamente com os metalúrgicos.<sup>317</sup> O “Jornal Nacional” noticia, através da reportagem de **Ana Paula Padrão**, a decisão do governo de sair das negociações como uma definição de um acordo para acabar com a greve dos metalúrgicos, situação na qual todos procuraram uma saída. Apesar do governo ter saído das negociações o telejornal anuncia que foi o governo que propôs as regras de negociação por fábricas e da concessão de abonos para evitar a indexação e contenta a todos empresários, trabalhadores e governo. **Joelmir Betting** reforça dizendo que a idéia do plano de produtividade foi a melhor saída, aumenta a renda do trabalhador sem repasse para o consumidor.<sup>318</sup>

A cobertura sobre a greve dos metalúrgicos ainda estendeu-se até o dia 16 de outubro. O jornal destaca o impasse criado no ABC atrapalhando o acordo entre empresários e operários. **Adelar Scheuer** presidente da Anfavea é entrevistado e declara que operários aumentaram as exigências impossibilitando um acordo. Finalmente sai o acordo

<sup>316</sup> *Jornal do Brasil, Folha de S. Paulo*, 14/09/94.

<sup>317</sup> *O Estado de S. Paulo*, 16/09/94.

<sup>318</sup> *Jornal Nacional*, 15/09/94.

entre metalúrgicos e montadoras para finalizar a greve Scheuer aparece em entrevista na televisão dizendo que não havia riscos de repasse para os preços dos ganhos salariais dos metalúrgicos.<sup>319</sup>

No mesmo período da greve dos metalúrgicos o TSE decide cassar a candidatura do senador Humberto Lucena. Lucena era acusado de usar irregularmente a gráfica do Senado Federal. A cassação desencadeou uma troca de acusações mútuas entre os poderes legislativo e judiciário. O PT denuncia uma série de parlamentares que usaram a gráfica para fazer material de campanha. Fernando Henrique Cardoso saiu na defesa de Lucena, dizendo que o procedimento do senador de comum no Senado<sup>320</sup>

O “Jornal Nacional” noticia a “polêmica” decisão do TSE de cassar a candidatura de Humberto Lucena.<sup>321</sup> A resolução de Lucena recorrer a justiça é noticiada bem como as manifestações de apoio dos funcionários da gráfica do Senado dadas a Humberto Lucena.<sup>322</sup>

O ex-ministro Rubens Ricúpero ainda rendia notícias para o telejornal. Uma delas dizia que Fernando Henrique Cardoso havia recebido notificação do TSE (Tribunal Superior Eleitoral) para ser testemunha do episódio envolvendo o ex-ministro. Notícia ainda que Luiz Inácio Lula da Silva também havia recebido tal notificação e que o programa do PT havia sido suspenso por ter infringido a lei eleitoral ao usar as imagens de Ricúpero.<sup>323</sup>

A campanha continuava e o “JN” destacava Fernando Henrique Cardoso seguindo os passos de JK. Cenas de Cardoso abraçando os pioneiros de Brasília, comendo feijoada entre os populares e em grande comício. Lula também esta entre grande concentração humana, numa carreata em Volta Redonda e em comício na CSN (Companhia Siderúrgica Nacional),

---

<sup>319</sup> *Jornal Nacional*, 16/09/94.

<sup>320</sup> *O Globo*, 15/09/94.

<sup>321</sup> *Jornal Nacional*, 14/09/94.

<sup>322</sup> *Jornal Nacional*, 16/09/94.

<sup>323</sup> *Jornal Nacional*, 15/09/94.

com uma adversidade a ser mostrada pelo telejornal: o programa eleitoral gratuito do PT havia sido suspenso naquele dia pelo TSE.<sup>324</sup>

O ministro Alexis Stepanenko pede sua demissão em virtude das denúncias de uso do Ministério das Minas e Energia em apoio da candidatura de Fernando Henrique Cardoso. Stepanenko havia enviado bilhetes aos seus subordinados propondo que obras tocadas pelo Ministério das Minas e Energia fossem concluídas antes das eleições.<sup>325</sup> Alexandre Garcia explica no “Jornal Nacional” os motivos da saída de Stepanenko:

“O ministro está sendo acusado pelo PT perante a justiça eleitoral de querer antecipar a inauguração de uma obra de eletrificação rural no Mato Grosso para antes da eleição, de sugerir convite para o candidato Fernando Henrique Cardoso para participar de inauguração de um porto em Sergipe e de mencionar Fernando Henrique como “o nosso candidato. O ministro disse que não usou um real para qualquer candidatura e que foram só sugestões não atendidas pelo Presidente da República”.<sup>326</sup>

Fernando Henrique Cardoso enfrentava denúncias com o novo candidato a vice Marco Maciel. Maciel era acusado pelo ex-namorado da filha de ter recebido dinheiro do empresário Paulo César Farias quando se candidatou para o Senado Federal. FHC defendeu Marco Maciel qualificando-o como homem de bem.<sup>327</sup> O comitê central do PFL recebia recursos de PC Farias através de depósitos fantasmas e Marco Maciel admitiu usar recursos deste comitê central. Maciel alegava que denúncias eram um instrumento do PT para obter dividendos políticos.<sup>328</sup> O “Jornal Nacional” noticia a defesa de Maciel e a decisão do

<sup>324</sup> *Jornal Nacional*, 16/09/94.

<sup>325</sup> *Folha de S. Paulo*, 20/09/94.

<sup>326</sup> *Jornal Nacional*, 19/09/94.

<sup>327</sup> *Folha de S. Paulo*, 19/09/94.

<sup>328</sup> *Folha de S. Paulo*, 20/09/94.

Senador processar quem o acusa de ser fantasma de PC Farias.<sup>329</sup> Na edição do dia 21 o caso é encerrado para o “JN” veiculando-se a notícia que Marco Maciel havia feito queixas contra o PT por calúnia e difamação. PC Farias, diz o jornal, havia dado US\$ 8 milhões para a campanha de Joaquim Francisco em Pernambuco, candidato a governador da mesma chapa de Maciel, mas Nabor Bulhões, advogado de Farias declara em entrevista que o cliente não conhece Maciel e que jamais financiou sua campanha.

Dois dias mais tarde, a imprensa ainda divulga uma notícia sobre o vice de FHC, mas esta notícia não sai no “Jornal Nacional”, trata-se da afirmação de Lula de que o Banco Central poderia estar tentando favorecer o candidato a vice de Fernando Henrique pela demora que o banco estava investigando as contas bancárias de Marco Maciel no intuito de se descobrir se ele recebeu ou não recursos de PC Farias para campanha ao senado em 1990.<sup>330</sup>

Na mesma edição foi incluída uma reportagem dizendo que não existe mais o voto de cabresto no Nordeste, pessoas são entrevistadas dizendo que elas próprias decidiam seu voto e que não existia ingerência de outras pessoas na escolha do candidato.

Ricúpero depõe no TSE (Tribunal Superior Eleitoral). No “Jornal Nacional” do dia 20 é noticiado o depoimento do ex ministro: disse que estava cansado e não refletia quando conversava com Monforte afirmando também que não favoreceu FHC quando era ministro. O depoimento de Monforte também foi noticiado, no qual o repórter alegava não se lembrar da conversa com Ricúpero pois estava ocupado com a preparação do programa.

O Real continuava ganhando grandes espaços no telejornal. A edição do dia 20 anunciava uma inflação menor que 1% em São Paulo: 0,96%. Ciro Gomes, até pouco dias

---

<sup>329</sup> *Jornal Nacional*, 19/09/94.

<sup>330</sup> *Folha de S. Paulo*, 23/09/94.

em atrito com sindicalistas, aparece nesta edição acalmando os ânimos, garantindo que diminuição das alíquotas de importação não causariam desemprego.<sup>331</sup>

O candidato petista escreveu um polêmico artigo para a revista espanhola “Câmbio 16” no qual Lula afirmava que o processo eleitoral era “ilegítimo”. Para o petista dois fatores tornavam a eleição ilegítima: o uso da máquina do Estado e a “manipulação articulada da informação da grande imprensa”. O fato, continuava Lula, era de extrema gravidade e representava “um novo golpe na já debilitada democracia”. Afirmou também que na campanha presidencial de 1994 foi formada uma “estranhíssima figura eleitoral” que era a aliança entre neo-liberais e “supostos” adeptos da social-democracia. Para Lula, esta coligação estendia “seus tentáculos de maneira desonesta e violenta partidos comprometidos com a proposta democrática e popular”. As teses de Lula baseavam-se nas declarações do ex-ministro Rubens Ricúpero nas quais o ministro admitia estar ajudando Fernando Henrique Cardoso.<sup>332</sup>

Os candidatos tentavam demonstrar força ambos encontram-se com artistas e intelectuais e tentam receber apoio. As reuniões de ambos os candidatos são mostradas no “Jornal Nacional”.

Mesmo com um peso maior para as notícias acerca da eleição o Plano Real continuava tendo seu espaço. Na edição do dia 21 o noticioso tenta mostrar a força do real frente as moedas estrangeira através de uma reportagem sobre o corte de despesas dos diplomatas estrangeiros em função da defasagem cambial. Repórter entra em um restaurante e senta-se ao lado da mesa de um diplomata italiano que escolheu para comer o prato mais

---

<sup>331</sup> *Jornal Nacional*, 20/09/94.

<sup>332</sup> *Folha de S. Paulo*, 21/09/94.

barato da casa, por fim diplomata declara-se favorável ao plano de estabilização mesmo tendo que cortar despesas.

O Brasil do Real tinha que enfrentar uma nova greve, a greve dos bancários e jornal noticia que movimento foi parcial em todo o país. Presidente do Banco do Brasil aparece em entrevista dando declaração: “Movimento foi um fracasso”. O Banco Nacional, continua o telejornal, de 336 agências apenas 6 não funcionaram.<sup>333</sup>

Na edição do dia 22 de setembro, Andréa Boni noticiava que já havia saído mais uma lista de importados mais baratos com 4000 itens e que o resultado de tal operação já era visível nas prateleiras dos supermercados com a queda dos preços. Joelmir Betting comenta as vantagens dos importados, dizendo que estes produtos serão mais baratos que os nacionais. Ana Paula Padrão reforça o rol de reportagens sobre o Real e anuncia a queda do preço da gasolina em função da queda do preço do barril do petróleo e do preço do dólar que estava valendo menos que 1 real.

A Globo divulga nesta edição mais uma rodada de pesquisas feita pelo Ibope sobre as intenções de voto para a eleição a presidência da República e Fernando Henrique Cardoso continuava liderando.

Na edição do dia 23 de setembro Andréa Boni voltava falando sobre a listas dos produtos importados que ficaram mais baratos e puxaram para baixo cerca de 20% o preço de alguns produtos nacionais como absorventes higiênicos, escovas e pastas de dentes.

Lula é mostrado neste dia fazendo reuniões e dando entrevistas em Porto Alegre. Fernando Henrique aparece plantando árvores e oferecendo flores para sua esposa, D. Rute Cardoso. O “JN” finaliza a edição qualificando as eleições de 1994 como as eleições da

---

<sup>333</sup> *Jornal Nacional*, 22/09/94.

primavera, com imagens da natureza do Rio de Janeiro e como música de fundo “As 4 Estações” de Vivaldi.

Os candidatos estão na reta final da campanha e tentam mobilizar grandes massas para seus comícios e passeatas. Lula aparece no “JN” em comício e carreata em Curitiba e carreata de 8km em Vitória.<sup>334</sup>

A carreata de FHC em Vitória também é mostrada no dia 26 de setembro. Mas a ênfase é dada aos encontros do candidato tucanos com importantes personalidade. Remetendo-se ao passado respeitado Fernando Henrique Cardoso aparece no telejornal do dia 26 de setembro com D. Paulo Evaristo Arns lembrando que ambos lutaram pela abertura do regime militar. No dia seguinte, parece no telejornal recebendo o apoio de Divaldo Suruagi, candidato ao governo de Alagoas pelo PMDB e da jogadora de basquete Hortência que o qualifica de democrata.<sup>335</sup>

E estávamos numa democracia na qual mesmo as pessoas desobrigadas iam votar. De Porto alegre, o telejornal fazia uma reportagem sobre os idosos que faziam questão de ir votar mesmo não tendo tal obrigação. No dia seguinte Itamar Franco dá entrevista ao telejornal em São Paulo e diz que clima de competição eleitoral faz parte da democracia plena: “País vive sua plenitude democrática”.<sup>336</sup>

Nova greve é deflagrada antes das eleições, desta vez é a greve dos petroleiros. Segundo o telejornal, os sindicatos informavam que 90% da categoria havia entrado em greve. O Ministro do Trabalho, Marcelo Pimentel declarava em entrevista: “ Os petroleiros estavam intransigentes” e que sem acordo dissídio vai a julgamento. Orlando Costa,

<sup>334</sup> *Jornal Nacional*, 26/09/94 e 27/09/94.

<sup>335</sup> *Jornal Nacional*, 25/09/94, 26/09/94, 27/09/94.

<sup>336</sup> *Jornal Nacional*, 27/09/94 e 28/09/94.

Presidente do TRT ( Tribunal Regional do Trabalho) avisava que se greve interferisse no processo eleitoral poderia ser enquadrada em crime

A greve não afetava a aceitação Plano pela população. Em pesquisa Datafolha a porcentagem de eleitores para os quais o Plano Real era bom para o país era de 76% sendo que 34% achava que o plano tinha proporcionado um aumento no poder de compra dos salários.<sup>337</sup> As pressões para o aumento de preços já estavam acontecendo, elas vinham por parte dos fornecedores de matérias-primas e empresários admitiam que já tinham recorrido a todas opções para evitar reajustes de preços.<sup>338</sup> Porém o índices de inflação estavam em baixa e o telejornal anunciava um IPC-R de apenas 1,51%, livre da contaminação do cruzeiro real; a taxa de inflação medida pela Fipe era a menor de 20 anos: 0,63%. O IPCA-E era de apenas 1,63%.<sup>339</sup>

Ciro Gomes declarava na televisão que esperava o fim da greve dos petroleiros e que mesmo com as adversidades enfrentadas o povo brasileiro estava vivendo concretamente uma era de estabilidade pois a projeção da inflação para o mês de outubro era de apenas 2%. Mas o petroleiros decidiram continuar a greve. Dizia o telejornal: “Petroleiros em greve resolveram não atender a decisão da justiça, refinaria de Paulínea vai interromper produção.” Quanto a greve dos bancários, ainda não interrompida anunciava o telejornal: “Caixa Federal e Banco do Brasil têm greve parcial.”

O “JN” reforçava a informação da queda da inflação e outros índices eram anunciados na edição seguinte, o IGPM havia fechado setembro em 1,78%, menor 5,81% que o índice do mês anterior; Joelson comenta que todos os índices fecharam setembro abaixo de 2% A greve dos bancários acabara e jornal declara que de acordo com o sindicato

---

<sup>337</sup> *Folha de S. Paulo*, 25/09/94.

<sup>338</sup> *Jornal do Brasil*, 25/09/94.

<sup>339</sup> *Jornal Nacional*, 27/09/94.

dos bancários 50% da categoria entrara em greve; para banqueiros apenas 10% havia entrado em greve. É divulgada na mesma edição a notícia que a greve dos petroleiros já havia paralisado totalmente as refinarias de petróleo.<sup>340</sup>

A greve dos petroleiros ainda era notícia, telejornal anunciava em manchete que TST (Tribunal Superior do Trabalho) havia considerado greve abusiva, que categoria deveria voltar ao trabalho no dia seguinte; o sindicato que desobedecesse ordem judicial poderia ser multado em 50 mil reais por dia.<sup>341</sup>

A campanha política está na reta final e o “Jornal Nacional” reserva maior espaço às notícias sobre as eleições: o encerramento da campanha Lula em Salvador com grande comício; Fernando Henrique é mostrado em caminhada na Praça da República em São Paulo com multidão, o momento que recebe um carinho de eleitora e o comício de encerramento em Santos. Fora da campanha o aniversário de 16 anos da estudante Renata é notícia, a estudante havia escrito para o TSE e pedido autorização para tirar título de eleitor antes de completar 16 anos.<sup>342</sup>

A campanha encerrara-se, a agenda dos candidatos, baseando-se nas notícias do “JN”, resumia-se em caminhadas, como a de Lula em Diadema, e cumprimentos a eleitores como fez Fernando Henrique ao sair de casa a caminho do Unicef (Fundo Internacional das Nações Unidas para a Infância). Não só os candidatos eram notícia quando o assunto era eleição, brasileiros como Jorge Numata que havia voltado do Japão, país onde trabalhava, para Açaí no Paraná somente para votar também teve seu espaço na televisão. Numata

---

<sup>340</sup> *Jornal Nacional*, 29/09/94.

<sup>341</sup> *Jornal Nacional*, 30/03/94.

<sup>342</sup> *Jornal Nacional*, *idem*.

escolhera o candidato que ia votar apenas baseado na leitura de jornais que fizera dois dias antes da eleição.<sup>343</sup>

Faltando dois dias para as eleições o ministro da Fazenda Ciro Gomes encontrava-se na Espanha em reunião com o FMI onde “recebe elogios” diz a repórter que cobria a visita para o “Jornal Nacional”. Ciro Gomes dá entrevista e diz: “É a primeira vez que o Brasil se encontra com credores sem perder nada”.<sup>344</sup>

Os petroleiros ainda não haviam encerrado a greve e uma das manchetes do jornal neste dia era: “Petroleiros desafiam a justiça e mantêm greve.” A reportagem vai até Cubatão e mostra a saída dos petroleiros que ficaram durante 5 dias no plantão em função da greve, o encontro com a família que os esperava é feito com muita emoção, abraços e choro.<sup>345</sup>

No dia 3 de outubro, dia das eleições, o telejornal colocou repórteres em todos os pontos do país para fazer a cobertura telejornalística. Carlos Nascimento ancorou a cobertura das eleições. Em S. B. do Campo, Carlos Dornelles acompanhou Lula na seção que o candidato petista votou. Ernesto Paglia acompanhou Fernando Henrique Cardoso, desde o momento que sai de sua casa em São Paulo, rodeado de curiosos e eleitores até o local de votação. Diz FHC em entrevista: “A opção que o Brasil está fazendo é serena e tranqüila”.<sup>346</sup>

O telejornal qualifica a eleição como tranqüila. Roberto Kovalick de Caxias na Baixada Fluminense diz que estas eram as eleições mais tranqüilas do município. Ana Paula Padrão de Brasília mostra tranqüilidade dos “cabos eleitorais” que descansam Á sombra das

---

<sup>343</sup> *Jornal Nacional*, 01/10/94.

<sup>344</sup> *Jornal Nacional*, 01/10/94.

<sup>345</sup> *Jornal Nacional*, *idem*.

<sup>346</sup> *Jornal Nacional*, 03/10/94.

árvores em função do grande calor que estava ocorrendo na capital brasileira. José Raimundo, de Salvador, também fala da votação tranqüila na capital baiana e revela cenas de Antônio Carlos Magalhães sendo aplaudido por multidão. Alexandre Garcia comenta:

“A ampla eleição de hoje já tem um grande vencedor: o eleitor brasileiro que compareceu em ordem nas urnas para escolher o que quer. Dessa vontade do eleitor sai um novo país, cujo perfil pode ser confirmado por mudanças na constituição, uma necessidade aceita por todos os candidatos a presidente e por mudanças nos procedimentos dos políticos, uma exigência de todos os brasileiros. O eleitor toma consciência de que é parte da capacidade coletiva de melhorar o país; o eleitor está fazendo sua parte, agora os eleitos precisam entender a vontade das urnas e cumpri-la. Para os eleitos o voto hoje recebido, antes de ser uma honraria é o pesar da responsabilidade de mudar o Brasil.”

Leilane Neubarth fez a cobertura de Fortaleza do voto de Ciro Gomes, ministro da Fazenda. O ministro critica os setores que queriam aumentar os preços depois das eleições. “Uma canalhice”, é o comentário tecida por Gomes em entrevista a respeito do episódio. Joelmir Betting comenta o ocorrido dizendo que os aumentos abusivos podem trombar com a lei antitruste.

O comentário final fica a cargo de Cid Moreira: “Na cabine de papelão uma caneta, na mente e no coração um Brasil do sonho de cada um, não existe forma melhor do Brasil escolher o seu destino.” A edição é finalizada com cenas do dia das eleições e o Hino Nacional ao fundo.

As pesquisas de boca-de-urna davam vitória a Fernando Henrique Cardoso. O repórter Pedro Chagas Neto anunciava que assessores de Fernando Henrique Cardoso avisaram que o candidato só daria entrevista quando os números do TSE fossem mais

expressivos. Em entrevista Sérgio Motta, um dos assessores do candidato, dizia que Fernando Henrique Cardoso faria um governo sem sobressaltos.<sup>347</sup>

Lula também preferia falar só depois de confirmado o resultado da eleição e não comentava a pesquisa de boca-de-urna, informava a repórter Éven Sachi na mesma edição, só pedia que a militância petista acompanhasse a apuração até o fim.

Mas o “JN” já dava como certa a vitória de FHC. Joelmir Betting comentava:

“A eleição definida no 1º turno é bom para o processo de estabilização da economia porque elimina incertezas políticas que poderiam retardar para projetos empresariais e provocar movimentos especulativos; facilita a administração diária do plano pela equipe econômica, equipe que pode ser mantida pelo governo eleito; e terceiro antecipa em 40 dias a elaboração técnica do programa de governo e a articulação da base parlamentar que o futuro presidente precisa para realizar as reformas de base que vão garantir o Real a partir do ano que vem.”

As eleições gerais têm uma grande cobertura feita pelo telejornal: o repórter José Raimundo noticiava o resultado das eleições na Bahia na qual, até então, apenas Antônio Carlos Magalhães tinha a eleição garantida para o Senado. Alexandre Garcia explicava que abstenção alta em eleição no Maranhão atrapalhou boca-de-urna que dava Roseana Sarney como vencedora no 1º turno.

A greve dos petroleiros continuava durante as eleições. Mesmo voltado para as apurações das eleições, o “Jornal Nacional” noticia a greve com a seguinte tônica: “Funcionários da refinaria de Cubatão decidem em assembléia que vão continuar desafiando a justiça.” Petroleiros ameaçam cortar gás de cozinha para São Paulo se houver demissões.<sup>348</sup> O encerramento da greve acontece no dia 5 de outubro com um acordo entre

---

<sup>347</sup> *Jornal Nacional*, 04/10/94.

<sup>348</sup> *Jornal Nacional*, 04/10/94.

governo e a Central Única dos Trabalhadores. O “JN” noticia o acordo incluindo as cenas de Ciro Gomes, do presidente Itamar Franco e de Vicente Paulo da Silva, o Vicentinho, presidente da CUT, caminhando para um restaurante comemorar o acordo. Itamar Franco toca piano no restaurante. Logo após vem o comentário de Joelmir Betting sobre a greve dos petroleiros que, segundo o comentarista, ousou ignorar a lei, e diz que monopólio estatal era um grave erro pois greve da categoria se torna questão de Segurança Nacional.<sup>349</sup>

Mas a edição do dia 5 de outubro do “Jornal Nacional” deu maior ênfase a eleição de Fernando Henrique Cardoso para a presidência da República. Paulo Henrique Amorim de Nova Iorque faz uma reportagem sobre a cobertura da imprensa internacional da eleição de Cardoso. Diz o repórter da Globo que o *Le Figaro* trata FHC como o candidato do consenso; o *Liberation* como o candidato da estabilidade; o *La República* como o homem do milagre; o *Financial Times* diz que a herança de Cardoso é a melhor chance do Brasil crescer sem inflação, o *Times* da Inglaterra noticia que brasileiros votam em Cardoso e colocam fé numa era de estabilidade, o *New York Times* diz que “encapuzado, algemado, interrogado pelos militares a 25 anos, sociólogo de esquerda é vencedor das eleições no Brasil”, é também defensor das leis de livre mercado; para o *Wall Street Journal* o novo presidente iria ter enfrentar um monstro que era a burocracia brasileira.

Paul Tice diretor de pesquisas do Lehman Brothers dá entrevista para Paulo Henrique Amorim sobre a eleição de FHC: “Inflação deve cair, Sr. Cardoso dá credibilidade ao governo”. Paulo Henrique Amorim fecha a matéria com o seguinte comentário: “Aqui nos Estado Unidos há uma indisfarçável sensação de alívio.”

---

<sup>349</sup> *Jornal Nacional*, 05/10/94.

Os repórteres vão a procura de Fernando Henrique Cardoso e ele está descansando em uma casa localizada numa fazenda. O helicóptero com o repórter Britto Júnior sobrevoa a casa e Cardoso, junto com a neta na beira da piscina faz sinal que não quer falar. Repórter espera e, no final da tarde, Fernando Henrique sai de carro da fazenda retornando a São Paulo. O presidente eleito está sorridente e o repórter corre atrás do carro tentando tirar, sem conseguir, algumas palavras de Cardoso.” O senhor já ganhou senador, o senhor já ganhou senador.” Encerra-se assim esta edição do telejornal.

- **As pesquisas**

Kuntz salienta também a importância das pesquisas no processo eleitoral como fonte de informações para o candidato. A pesquisa é também utilizada como propaganda de algum candidato, pois pode estimular os militantes envolvidos na campanha e atrair novas alianças e apoios, não garante porém a vitória do candidato.<sup>350</sup> Na eleição de 1994 as pesquisas tiveram um grande peso na formação de imagem dos candidatos principais: Lula e Fernando Henrique Cardoso. As pesquisas não se resumiram aos dados quantitativos da campanha, as intenções de voto, mas também aos qualitativos, fazendo que os candidatos mudassem sua atitudes em função dos dados da pesquisa. Em alguns episódios, a crença exagerada nas pesquisas de *marketing* gerou situações hilárias ou desastrosas, de qualquer forma as pesquisas tiveram um peso considerável nas campanhas.

Para Fernando Henrique Cardoso foram contratadas cinco empresas que lhe davam assessoria, quatro grupos diários de pesquisas qualitativas para avaliar o desempenho do

---

<sup>350</sup> Kuntz, Ronald A., op. cit. p. 75.

candidato no horário eleitoral gratuito, um sistema de consultas telefônicas. A mão aberta espalmada como símbolo da campanha, o nome Fernando Henrique ao invés de FHC, evitar o uso da gravata no intuito de parecer um “homem do povo” e não um homem pertencente às elites intelectuais foram providências tomadas pela campanha tucana a partir das enquetes realizadas pelas pesquisas qualitativas.<sup>351</sup>

O Partido dos Trabalhadores montou um miniinstituto de pesquisa para avaliar a candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva, o Data-Lula. A postura do candidato petista frente à nova moeda, o real, baseou-se também nas pesquisas qualitativas: a informação de que o real tinha apoio da população fez com que o candidato atenuasse suas críticas ao plano.<sup>352</sup>

A legislação eleitoral de 1994 obrigava que as empresas que realizassem pesquisas eleitorais registrassem no Tribunal Superior Eleitoral e nos Tribunais Regionais Eleitorais, no mínimo cinco dias antes da divulgação da pesquisa, quem contratou a empresa para fazer tal pesquisa; o valor e a origem dos recursos para cobrir os gastos da pesquisa; a metodologia e o período de realização; plano amostral e ponderação; o nome de quem pagou; e também logo ,após a divulgação da pesquisa , as empresas ou entidades que encomendaram a pesquisa deveriam colocar as mesmas à disposição de outros partidos ou coligações que tivessem candidatos.<sup>353</sup>

Um quadro geral relacionando os acontecimentos noticiados pela imprensa e o desempenho dos candidatos nas pesquisas ficou da seguinte maneira:

<b>Data</b>	<b>Acontecimento</b>	<b>Pesquisa</b>
1º de Março	Governo lança a URV.	
	Paulo Maluf (PPR) desiste de se descompatibilizar	

<sup>351</sup> “O Laboratório dos candidatos”, *Revista Veja*, Edição 1351, Ano 27, nº 31, 3 de agosto de 1994.

<sup>352</sup> *Revista Veja*, *idem*.

<sup>353</sup> Resolução(21/06/94), Instruções sobre Propaganda (Eleições de 3 de outubro de 1994), Capítulo VI, Das Pesquisas e Testes Pré-Eleitorais.

	para concorrer a Presidência.	
2 de abril	Prazo final para a desincompatibilização. FHC deixa a Fazenda e Brizola, o Governo do Estado do Rio.	Vantagem de 16 pontos percentuais de Lula sobre FHC, 37% a 21%, (4 e 5 de abril).
1 a 3 de Maio	O PT Promove encontro nacional para definir Programa. Quércia é denunciado, na Justiça, por estelionato.	Lula aumenta sua vantagem sobre FHC para 26 pontos percentuais (42% a 16%0).
9 de maio	FHC participa de solenidade do governo que anuncia implantação do Real para 1º de julho.	
11 de maio	STF permite aos micropartidos disputar a Presidência.	
15 de maio	Sarney desiste de disputar a prévia do PMDB, vencida por Quércia.	
18 de maio	PSDB homologa candidatura de FHC em Contagem.	Lula cai muito pouco e FHC experimenta leve crescimento, 40% a 17% (23 e 24 de maio).
1º de julho	O Real é lançado	A diferença entre Lula e FHC cai para 17 pontos (38% a 21%). Dos entrevistados, 62% acham que o Real é bom para o país. (5 de julho).
25 e 26 de julho.		A diferença diminui para 4 pontos percentuais (32% a 29%), no 1º turno. Porém, no 2º turno FHC supera Lula nas intenções de voto.
28 de julho	Bisol é substituído pelo deputado Aloísio Mercadante.	
2 de agosto	Palmeira renuncia e é substituído por marco Maciel	
5 de agosto	O STJ rejeita por 16 votos a 3 denúncia de estelionato	FHC passa Lula já no 1º turno, com diferença de

	contra Quércia, no caso das importações de Israel	7 pontos percentuais, 36% a 29% 9 8 a 9 de agosto).
17 de agosto	FHC acaba participando do Debate na rede Bandeirantes.	Seu desempenho é avaliado como ótimo/bom por 70% dos paulistanos.
22 de agosto.		FHC pode ganhar a eleição já no 1º turno. Ele tem cinco pontos percentuais a mais que seus adversários somados (43%).
24 de agosto	Justiça notifica os ministros Stepanenko e Aluísio Alves para responderem sobre uso da máquina em favor de FHC.	FHC alcança 45% e Lula fica com 22% das intenções de voto. (29 e 30 de agosto).
1º de setembro.	Conversa informal de Rubens Ricúpero antes de entrevista é captada por antenas parabólicas. Ciro Gomes é nomeado para a Fazenda no dia 3	FHC cai um ponto percentual e Lula sobe um ponto- 44% a 23%(5 de setembro).
12 de setembro.	Metalúrgicos do ABCD paulista entram em greve, pedindo reposição da inflação acumulada de julho e agosto.	
27 e 28 de setembro		FHC se mantém em 47% e Lula em 22%
30 de setembro	FHC e Lula fazem seus últimos comícios, respectivamente em Santos (SP) e Recife (PE).	

Fontes: Folha de S. Paulo, 2 e 3 de outubro de 1994 e arquivos da Prospectiva.<sup>354</sup>

A empresa contratada pela Rede Globo foi o IBOPE (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística). No “Jornal Nacional”, do dia 25 de junho ao dia 5 de outubro, 2 dias após a eleição, foram divulgadas ao todo 24 rodadas de pesquisas quantitativas, entre

<sup>354</sup> Tabela retirada da Revista *Democracia-Ibase*, Volume X, nº 106, set/out 94, pp11.

as quais 7 foram da eleição a presidência da República, 1 de avaliação do governo Itamar Franco e do Plano Real e 16 relativas às eleições para governadores de estado.

Dias antes da implantação do real, o telejornal já falava da criação da nova moeda como a moeda “mais forte da história”, os cem reais teriam a mesma validade dos cem dólares. A primeira pesquisa eleitoral divulgada pelo telejornal foi no dia 11 de julho na qual Lula tinha 35% das intenções de voto, FHC 20%, Leonel Brizola 6%, Orestes Quércia 4%, Espiridião Amin 3% e Enéas Carneiro 3%; neste dia o telejornal enfatizava a pequena subida de preços da cesta básica e também a necessidade do consumidor pesquisar os preços para forçar a queda.

O empate técnico entre Lula e FHC foi divulgado na pesquisa do dia 26 de julho na qual Lula tinha 30% das intenções de voto e FHC 27%. A divulgação da pesquisa foi feita logo após a notícia de que a Frente Brasil Popular exigia a renúncia do vice de Lula, José Paulo Bisol.

Na edição do dia seguinte o “JN” mostrou uma pesquisa que a população avaliava o governo Itamar Franco e o Plano Real. O governo era considerado ótimo por 30% dos entrevistados, regular por 49%, ruim por 16% e 5% não sabia avaliar. Para 75% dos entrevistas o Real daria certo, para 16% o Real não daria certo e 9% não sabia avaliar; 27% dos pesquisados acreditavam que a inflação cairia, 27% não acreditavam na queda da inflação, 17% acreditavam que a inflação subiria e 6% não sabia estimar. A notícia sobre o Real na mesma edição referia-se a queda do índice de desemprego na indústria. A edição enfatiza os apoios recebidos por FHC por parte de setores do PMDB e da juventude tucana.

Sobre a candidatura petista o jornal noticia a renúncia do vice José Paulo Bisol e a escolha de um novo vice: Aloísio Mercadante.<sup>355</sup>

A virada de FHC é mostrada através da pesquisa divulgada no dia 9 de agosto pelo telejornal: FHC estava com 32% das intenções de voto, Luiz Inácio Lula da Silva com 28%, Leonel Brizola tinha 5%, Oreste Quércia 3%, Enéas Carneiro 3%, Esperidião Amin 2% e Flávio Rocha 1%; o votos brancos e nulos e os indecisos somavam 26%. A simulação do 2º turno fora feita entre Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva: o primeiro tinha 51% e o segundo 37%. Neste dia o telejornal ressalta, em reportagem de Alexandre Garcia, o acordo fechado para o aumento do funcionalismo civil e militar, dando-se um passo para a isonomia salarial. Enfatiza o pequeno aumento de 1,6% do preço da cesta básica, mas lembra que desde o advento do Real o preço caiu 5,2% custando naquele dia R\$100,87.

Na pesquisa noticiada no dia 30 do mês de agosto FHC já liderava disparado com 45% das intenções de voto. Lula ficara com 23% das intenções. No mesmo dia Rubens Ricúpero aparece no “JN” falando das vantagens de não consumir naquele momento, mas de se investir o dinheiro na poupança.

A pesquisa do dia 8 de setembro confirma a liderança de Cardoso com 43% das intenções de voto e dá a Lula o percentual de 23%. Esta pesquisa é importante pois é a primeira depois dos acontecimentos envolvendo o ministro Ricúpero e o repórter Carlos Monforte. Na mesma edição são veiculadas notícias de homenagens: homenagem ao ministro Ricúpero, que já havia se demitido, e sua família; homenagem ao novo ministro da Fazenda, assistida da platéia da por Fernando Henrique Cardoso e esposa.

---

<sup>355</sup> *Jornal Nacional*, 27/07/94.

Em plena greve dos metalúrgicos sai outra pesquisa. A greve gerava polêmicas: de um lado Ciro Gomes atacava a greve qualificando-a de “apressada e injusta, um mal exemplo para a indexação”; de outro lado Lula diz que interferência de Ciro Gomes atrapalhava o acordo para por fim na greve do ABC. Os dados da pesquisa são: FHC 43% e Lula 22%. O telejornal lembra que com estes resultados a eleição seria decidida no 1º turno, mas mesmo assim o 2º turno foi simulado dando mais uma vez a vitória de Fernando Henrique com 58%, sobre Lula com 30%.

Faltando 11 dias para as eleições o “JN” revelava mais uma rodada de pesquisas. Fernando Henrique Cardoso estava disparado na frente com 45 pontos percentuais e Lula com 21 pontos percentuais. As notícias otimistas sobre o Real eram bastantes relevadas no telejornal: a importação dos produtos mais baratos já tornava visível nas prateleiras dos supermercados a queda da inflação. A queda do preço da gasolina, em função da valorização do real em relação ao dólar também é anunciada pelo telejornal nesta edição.<sup>356</sup>

No final de setembro, a poucas dias da eleição, o jornal anuncia o IPC-R do mês: apenas 1,51% “livre da contaminação do Real”; anuncia também o índice de 0,63% calculado pela Fipe para a inflação de setembro “o menor de 20 anos”. A pesquisa do Ibope divulgada neste dia repete a já consolidada liderança de FHC, 46% das intenções de voto e Lula aparece com 21%.

A partir das pesquisas de boca de urna do Ibope divulgadas no decorrer da programação diária, o telejornal dá como certa a vitória de Cardoso no 1º turno no dia 4 de outubro.

---

<sup>356</sup> *Jornal Nacional*, 22/09/94.

## ***CONSIDERAÇÕES FINAIS***

Como escreveu Adriano Duarte Rodrigues a lógica do poder é a lógica da do segredo e a lógica da informação é a lógica da transparência. A lógica da informação contribui para o deslocamento de muitos segredos e, assim, o poder tenta deslocar interminavelmente essas zonas de segredo.

Se o deslocamento das zonas de segredo é infindo e pouco transparente, como disse Rodrigues, ao tentarmos delimitar essas zonas encontraremos dificuldades. Se não podemos desvelar as relações entre o “campo político e a informação” podemos, pelo menos, apontar indícios. Carlo Ginzburg aponta as raízes de um paradigma indiciário:

“Mas o mesmo paradigma indiciário usado para elaborar formas de controle social sempre mais sutis e minuciosas pode se converter num instrumento para dissolver as névoas da ideologia que, cada vez mais, obscurecem uma estrutura social como a do capitalismo maduro. Se as pretensões de conhecimento sistemático mostram-se cada vez mais como veleidades, nem por isso a idéia de totalidade deve ser abandonada. Pelo contrário: a existência de uma profunda conexão que explica os fenômenos superficiais é reforçada no próprio momento que se afirma que um conhecimento direto de tal conexão não é possível. Se

realidade é opaca, existem zonas privilegiadas - sinais, indícios - que permitem decifrá-la.<sup>357</sup>

A análise do “Jornal Nacional” e suas notícias, considerados fenômenos superficiais, foi feita no sentido de apontar os indícios e sinais que podem tornar transparente a realidade. Alguns desses indícios podem ser colocados nas considerações finais:

- as notícias sobre a Copa resgataram o nacionalismo, ressaltando a união de todos e o orgulho de ser brasileiro.
- as notícias veiculadas pelo “Jornal Nacional” sobre as eleições tiveram pouco peso, só ganharam evidência alguns dias antes do pleito. As notícias sobre o Plano Real, por sua vez, tiveram forte e positiva presença no telejornal. Três fatores podem ter contribuído para essa distribuição das notícias: a implementação do Plano de Estabilização naquele momento; a legislação eleitoral que impunha às emissoras tratamento equânime a todos candidatos e, por fim, a histórica ligação entre o Estado e a mídia no Brasil, confundindo às vezes informação com propaganda política oficial.
- as notícias sobre violência em alguns lugares do Brasil, sobretudo no Rio de Janeiro que foi a cidade com maior número de reportagens, destoavam das notícias sobre o Real: as primeiras mostravam um país anárquico e desgovernado, as segundas mostravam um Brasil estabilizado.
- o “Jornal Nacional” fez contundentes denúncias sociais sobre a miséria no Brasil e o desperdício das verbas públicas, com imagens e conteúdos fortes, porém essas denúncias tiveram poucas reportagens no período analisado.

---

<sup>357</sup> Ginzburg, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989, p. 177.

- Se na finalização do trabalho estou, contraditoriamente, apontando indícios, significa que muito resta fazer para se aprimorar este trabalho e a pesquisa sobre telejornalismo. Muito falta para desnublá-la totalmente. A pesquisa sobre o “Jornal Nacional”, o mais assistido do Brasil, tentou contribuir para que mais um passo fosse dado nesse sentido.

## **BIBLIOGRAFIA**

- Alves, Maria Helena Moreira. *Estado e Oposição no Brasil (1964-1984)*. Petrópolis, Vozes, 1987.
- Allen, Robert C. *Channels of discours: television and comtemporary criticism*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1987.
- Althusser, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*. Lisboa, Editorial Presença/Martins Fontes, 1980.
- Antunes, Ricardo. *O novo sindicalismo*. São Paulo, Editora Brasil Urgente, 1991.
- Arendt, Hannah. *O Sistema Totalitário*. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1978.
- Berman, Marshal. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo, Companhia das Letras, 1986.
- Bobbio, Norberto. Matteucci, N.; Pasquino, G. *Dicionário de Política*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1983.
- Bonavita, Maria Elvira Federico. *História da Comunicação: Rádio e TV no Brasil*. Petrópolis, Vozes, 1982.
- Brown, J.A.C. *Técnicas de persuasão: da propaganda política à lavagem cerebral*. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1965.
- Cohn Gabriel. *Sociologia da comunicação: teoria e ideologia*. São Paulo, Livraria Pioneira Editora, 1973.

- Cohn, Gabriel. *Theodor W. Adorno*. São Paulo, Editora Ática, 1986.
- Costella, Antônio F. *O controle da informação no Brasil: evolução histórica da Legislação Brasileira de Imprensa*. Petrópolis, Editora Vozes Limitada, 1970.
- Domenach, Jean-Marie. *A Propaganda Política*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1963.
- Dreifuss, René Armand. *1964: A conquista do Estado, Ação Política, Poder e Golpe de Classe*. Petrópolis, Editora Vozes, 1987.
- Garcia, Alexandre. *Nos Bastidores da Notícia*. São Paulo, Editora Globo, 1991.
- Ginzburg, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- Gurevitch, Michel and Curran, James. *Culture, society and the media*. London and New York, Methuen, 1982.
- Hall, Stuart (org). *Da Ideologia*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1980.
- Herz, Daniel. *A História Secreta da Rede Globo*. Porto Alegre, Editora Tchê, 1987.
- Hobsbawn, Eric *A Era das Revoluções*. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1982.
- Hobsbawn, Eric *A Era dos Impérios*. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1988.
- Ianni, Octavio. *A Ditadura do Grande Capital*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1981.
- Ianni, Octavio. *A Sociedade Global*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1992.
- Ianni, Octavio. *Estado e Planejamento Econômico no Brasil*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1986.
- Krischke, Paulo J.(org.). *Brasil: do "Milagre" à "Abertura"*. São Paulo, Cortez Editora, 1983.

- Kuntz, Ronald A. *Marketing Político: Manual de Campanha Eleitoral*. S. Paulo, Global Editora, 1986.
- Lagôa, Ana. *SNI- Como Nasceu, Como Funciona*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1983.
- Lefèbvre, Henri. *Introduction à la Modernité*. Paris, Ed. Minuit, 1962.
- Lima, Fernando Barbosa; Priolli, Gabriel; Machado, Arlindo. *Televisão & Vídeo*. Coleção Brasil: os anos de autoritarismo, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985.
- Lukács, Georg. *História e Consciência de Classes*. Porto, Publicações Escorpião, 1974.
- Marinho, Roberto. *Uma trajetória liberal*. Rio de Janeiro, Topbooks, 1992.
- Mattelart, Armand. "Otra ofensiva de las transnacionales: las nuevas tecnologías de comunicación". In: *La infomación in el nuevo orden internacional*. Instituto Latino Americano de Estudios Transnacionales, México, 1977.
- Morin, Edgar. *Cultural de massa no século XX: o espírito do tempo*. Rio de Janeiro e São Paulo, Companhia Editora Forense, Abril de 1969.
- Mota, Carlos Guilherme. *Ideologia da Cultura Brasileira*. São Paulo, Editora Ática, 1985.
- Oliveira, Lúcia Lippi; Velloso, Mônica Pimenta; Gomes, Ângela Maria Castro. *Estado Novo: Ideologia e Poder*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1982.
- Ortiz, Renato. *A moderna tradição brasileira*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1991
- Ortiz, Renato. *Cultura e Modernidade: a França no Século XIX*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1991.
- Packard, Vance. *Nova Técnica de Convencer*. São Paulo, Ibrasa, 1965.
- Portelli, Hugues. *Gramsci e o Bloco Histórico*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

- Ramos, Ricardo. *Do Reclame à Propaganda: Pequena História da Propaganda no Brasil*. São Paulo, Atual Editora, 1987.
- Reis, Fábio Wanderley e O'Donnel, Guillermo ( org.). *A Democracia no Brasil: Dilemas e Perspectivas*. Editora Revista dos Tribunais Ltda, Edições Vértice, 1988.
- Rodrigues, Adriano Duarte. *Comunicação e cultura: a experiência cultural na era da informação*. Lisboa, Editorial Presença, 1994.
- Rodrigues, Adriano Duarte. *Estratégias da Comunicação*. Lisboa, Editorial Presença, 1994.
- Rosa, Sandra Camargo. *Telejornalismo em manchete: o mundo em flashes descontínuos*, Dissertação de Mestrado apresentada à Comissão Julgadora da Pontifícia Universidade Católica sob a orientação de Maria Lúcia Santaella, São Paulo, 1989.
- Sampaio, Mario Ferraz. *História do Rádio e da Televisão no Brasil e no Mundo*. Rio de Janeiro, Achiamé, 1984.
- Sampaio, Walter (João Walter Sampaio Smolka). *Jornalismo Audiovisual: Teoria e Prática do Jornalismo no Rádio, TV e Cinema*. Petrópolis, São Paulo, Editora Vozes Limitada, Edusp, 1971.
- Sartori, Carlo. *La qualità televisiva*. Milão, Bompiani, 1993.
- Schwartzman, Simon; Bomeny, Helena M. B.; Costa, Vanda M. Ribeiro. *Tempos de Capanema*. Rio de Janeiro e São Paulo, Editora Paz e Terra e Edusp, 1984.
- Silva, Carlos Eduardo da. *Muito além do Jardim Botânico*. São Paulo, Summus, 1985.
- Skidmore, Thomas. *Brasil: de Getúlio a Castelo*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1975.
- Souza, Cláudio Mello. *15 anos de história*. Rio de Janeiro, Editora Rio Gráfica, 1984.
- Staccone, Giuseppe. *Gramsci: 100 Anos, Revolução e Política*. Petrópolis, Vozes, 1991.

- Stepan, Alfred (org.). *Democratizando o Brasil*. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1988.
- Tchakhotine, Serge. *Le Viol de Foule par la Propagande Politique*. Paris, Gallimard, 1952.
- Williams, Raymond. *Television: Technology and cultural form*. New York, Schooken Books, 1975.
- Wolf, Mauro. *Gli effetti sociale dei media*. Bologna, Bompiani, 1992.

#### .ARTIGOS

- Diniz, Eli. "Estado Novo: Estrutura de Poder, Relações de Classe". In: Fausto, Bóris. *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo III, Volume 3, 1983.
- Galvão, Maria Rita; Souza, Carlos Roberto. "Cinema Brasileiro: 1930-1964". In: Fausto, Bóris. *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo III, Volume 4, São Paulo, Difel, 1984.
- Herz, Daniel. "Em teste a ação da sociedade civil". *Teoria & Debate*, nº 25, junho/julho/agosto 94.
- Lisboa, Márcia. "Quem controla a TV brasileira". *Revista Democracia-IBASE*, nº 108.
- Mira, Maria Celeste. *O global e o local: mídia, identidade e usos de cultura*. Revista Magem/ Faculdade de Ciências Sociais da Pontificia Universidade Católica de São Paulo, nº 3, dezembro94, São Paulo, EDUC.
- Oliveira , Lúcia L. "Modernidade e questão nacional". *Revista Lua Nova*, nº 20, maio/1990.

- Ortiz, Renato. “Advento da modernidade”. *Revista Lua Nova*, nº 20, maio de 1990.
- Sá, Fernando e Neiva Jr., Eduardo. “O Espelho Mágico”. *Revista Políticas Governamentais-IBASE*, nº 81.
- Silveira, Sérgio Amadeu. “Por que ficar fora do ar?”. *Revista Teoria & Debate*, nº 4, setembro/1988.
- Souza, Hebert de. “A opinião global”. *Revista Políticas Governamentais-IBASE*, nº 84, setembro/outubro 94.
- Trindade, Helgio.” Integralismo: Teoria e Práxis Política nos Anos 30”. In: Fausto, Bóris. *História Da Civilização Brasileira*. Tomo III, Volume 3, São Paulo, Difel, 1983.
- Vasconcelos, Gilberto; Suzuki, Matinas. “A Maladrage e a Formação da Música Popular Brasileira”. In: Fausto, Boris. *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo III, Volume 4, São Paulo, Difel, 1984.
- Viola, Eduardo; Mainwaring, Scott. “Novos movimento sociais: Cultura política e democracia: Brasil e Argentina”. In: Scherer-Warren, Ilse; Krischke, Paulo J. *Uma revolução no cotidiano? os novos movimentos sociais da América do Sul*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1987.

## **REVISTAS**

- *Revista Veja*, São Paulo.
- *Revista Radar*, São Paulo.

## **PROGRAMAS DE GOVERNO**

- *Lula Presidente: uma revolução democrática no Brasil* - Bases do programa de governo, 1994.
- Cardoso, Fernando Henrique. *Mãos à obra Brasil: proposta de governo*. Brasília, 1994.

## **JORNAIS**

- *Folha de São Paulo*, São Paulo.
- *Gazeta Mercantil*, São Paulo.
- *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro.
- *Jornal do Comércio*, São Paulo.
- *O Estado de São Paulo*, São Paulo.
- *O Globo*, Rio de Janeiro.

## **VÍDEO**

- *Programa Vitrine*. Rede Cultura, Fevereiro/1993
- *Muito Além do Cidadão Kane*. Produzido por Lage Door Ltd for Channel Four, 1990.

## ***APÊNDICE***

***Imagens do “Jornal Nacional”***

---



Sérgio Chapelin com o selo das Eleições/94



Cid Moreira com o selo das notícias sobre o Plano Real.



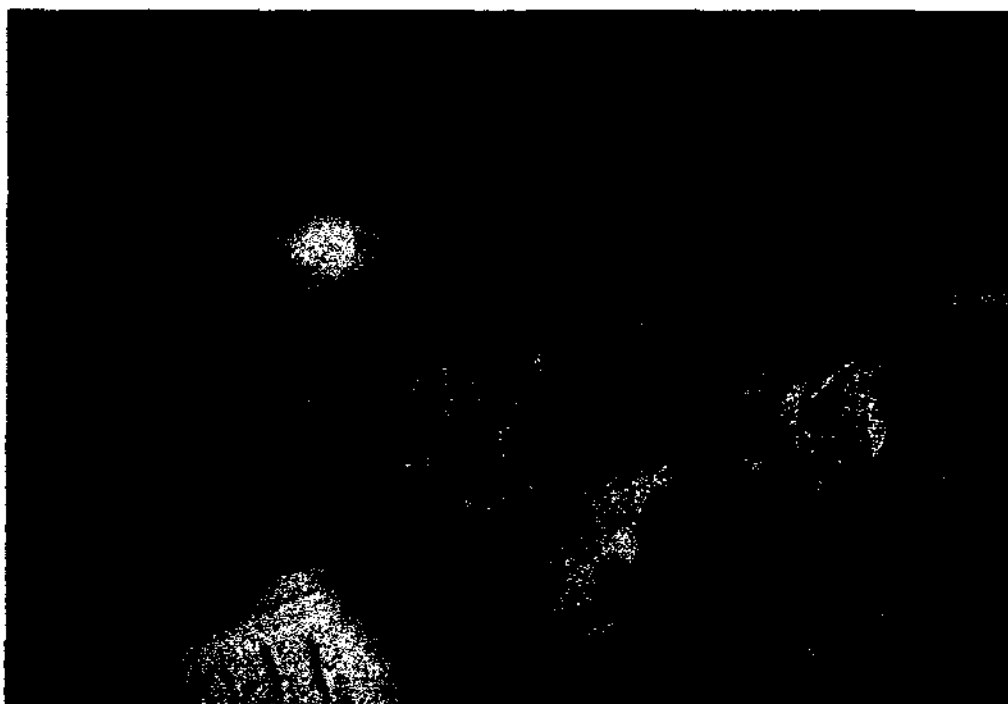
Fernando Henrique Cardoso em Brasília.



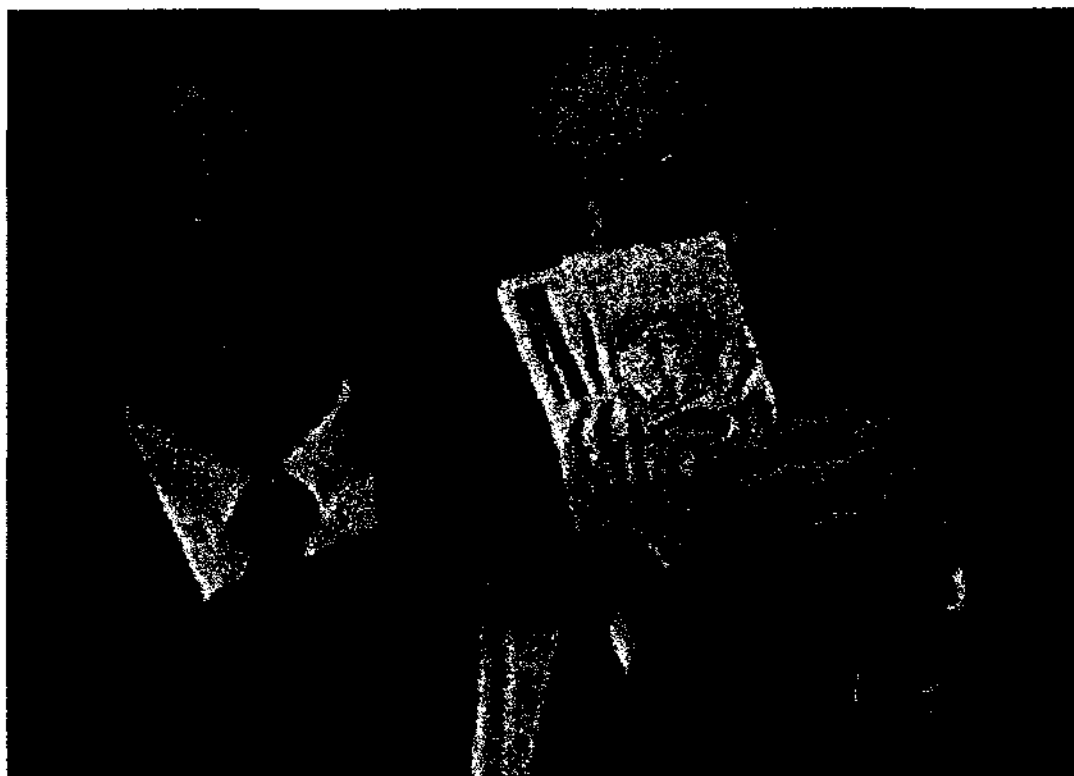
Lula em volta Redonda.



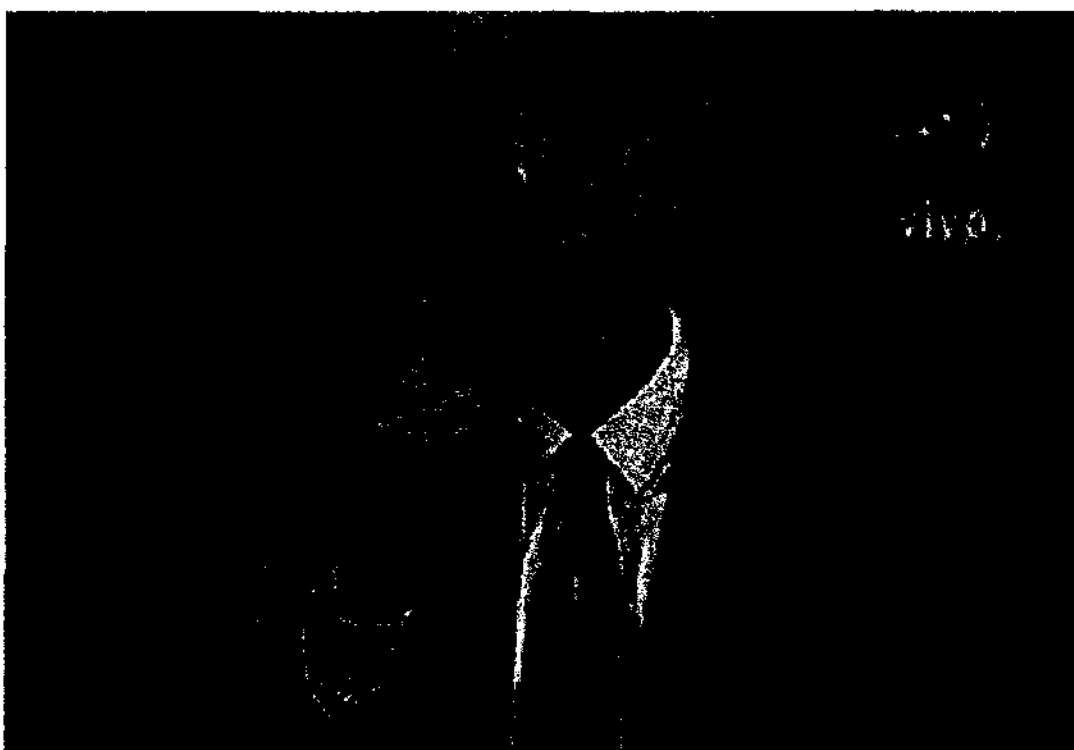
Lula em Volta Redonda no Rio de Janeiro - Setembro/94



Fernando Henrique Cardoso em Brasília - Setembro/94



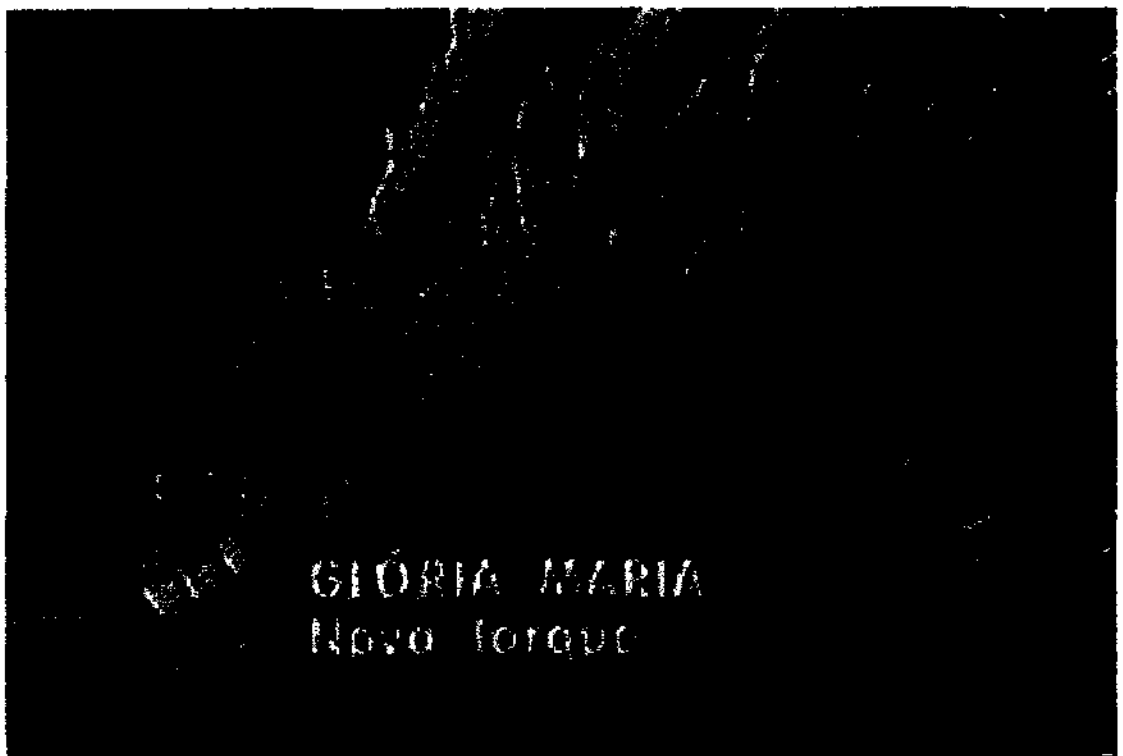
Presidente Itamar Franco com notas de real

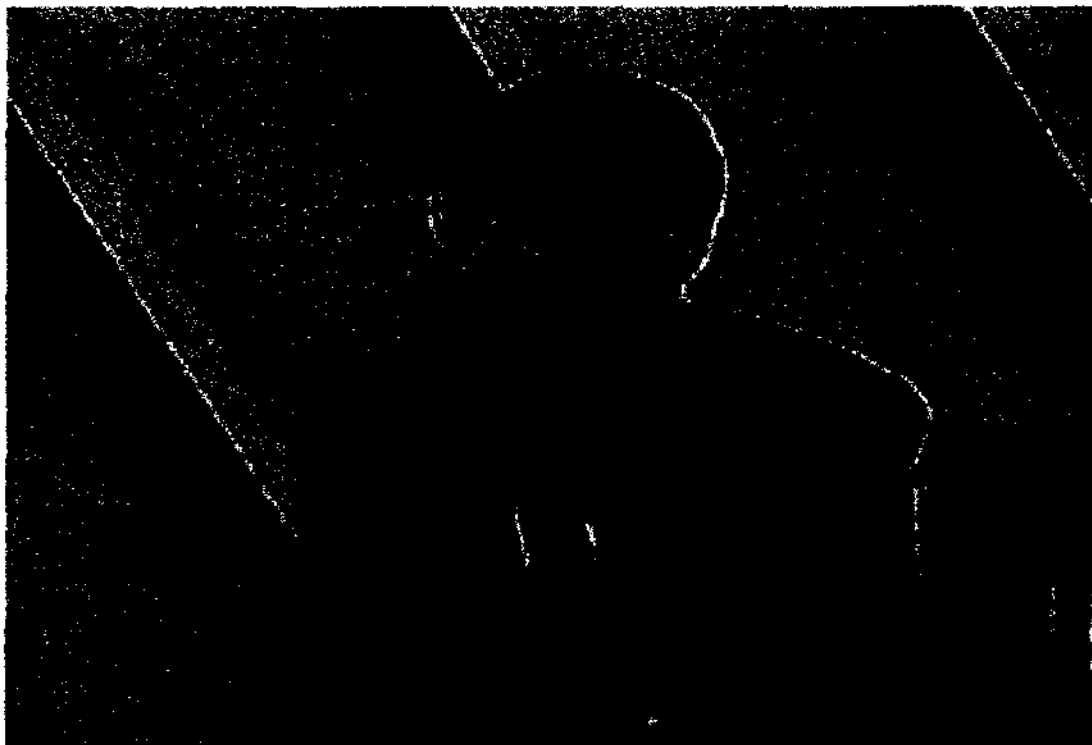


Ministro da Fazenda Rubens Ricúpero com o dedo em riste.



Repórteres em supermercados.





Enéas Carneiro, candidato a presidência da República.



Carlos Alberto Parreira na Catedral de Cristal da Califórnia.



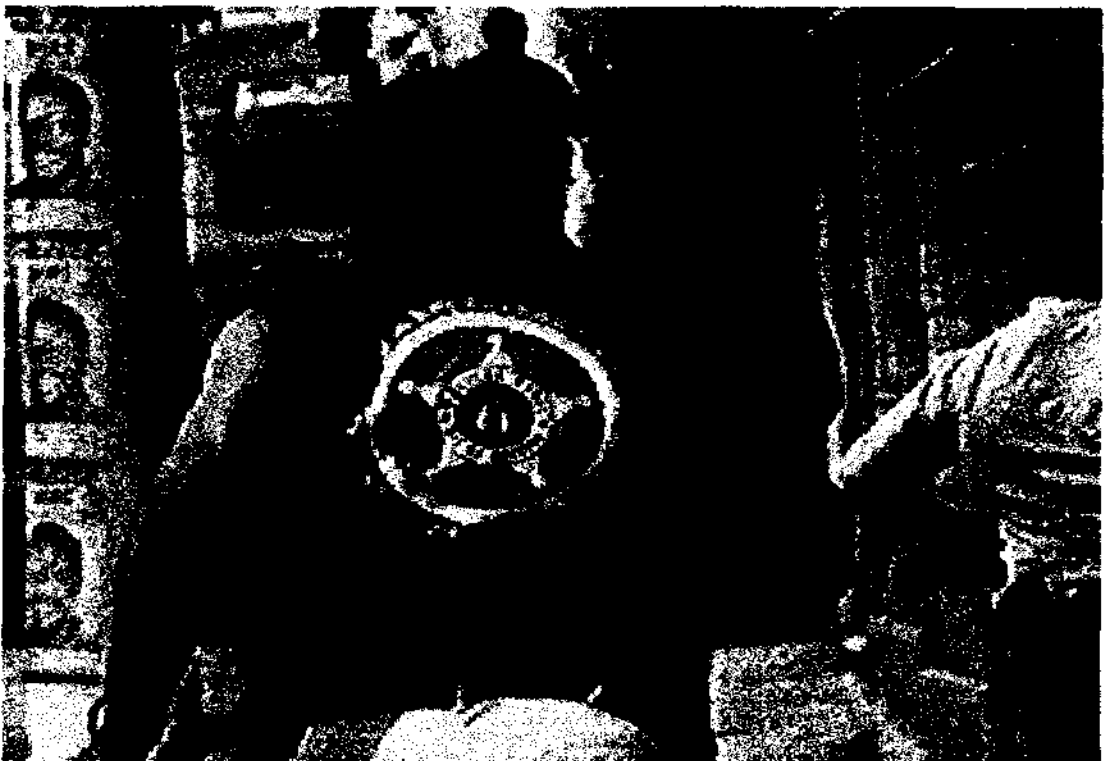
Willian Bonner com o selo do Real ao fundo.



Petroleiro chora durante a greve de setembro/94



Cid Moreira com o selo das notícias sobre violência ao fundo.



Tiroteio no Morro Dona Marta - Rio de Janeiro



Repórter Paulo Henrique Amorim no Haiti - Agosto/94



Criança fabricando caixão em Teotônio Vilella -Alagoas  
Julho/94



Fernando Henrique Cardoso após a vitória, abordado por repórter.



Repórter Paulo Henrique Amorim em Cuba com "balseros" ao fundo.